

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

Therence Santiago Alves Feitosa

**Futebol, Violência e a Imprensa Esportiva Escrita na Cidade de São Paulo
(1990 -2000)**

MESTRADO EM HISTÓRIA

PUC / SP

2009

Therence Santiago Alves Feitosa

**Futebol, Violência e a Imprensa Esportiva Escrita na Cidade de São Paulo
(1990 – 2000)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História, sob orientação do Prof. Dr. Antonio Rago Filho.

PUC / SP

2009

FEITOSA, Therence Santiago Alves

Título: Futebol, Violência e a Imprensa Esportiva Escrita na Cidade de São Paulo (1990 – 2000)

Número de folhas: 130

Grau: Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Orientador: Prof. Dr. Antonio Rago Filho

Palavras – chave: futebol, violência e imprensa esportiva

Banca examinadora

Dedicatória

Dedico esse trabalho a minha mulher, Lilian, pelo apoio e incentivo à minha formação intelectual, bem como a meus filhos Kevin e Sophia, razões maiores da minha existência.

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo compreender a violência presente no futebol, bem como a influência da imprensa esportiva escrita em relação a essa mesma violência.

A intenção aqui é pensar o futebol e as questões midiáticas como fenômenos intensos e condensados nas sociedades, em específico a brasileira. O futebol, desde sua origem no Brasil, apresentou-se conflitante e arrebatador, pois, logo após sua chegada, ocorreu uma adesão impressionante por toda a sociedade brasileira. Tal fato foi acompanhado por uma recém-criada imprensa esportiva, a qual lhe dava atenção quase que exclusiva. É apontado na dissertação como a imprensa tratou o futebol nos diferentes momentos, acompanhando não só os fatos esportivos, como também os acontecimentos de violência.

A referente pesquisa se concentrou na divulgação feita pela imprensa em relação aos acontecimentos de violência dentro do futebol na década de 1990, a qual se caracterizou pela impressionante expansão tecnológica e, conseqüentemente, por uma velocidade acentuada em se tratando da divulgação das informações. Nesse cenário informacional, diversas técnicas foram desenvolvidas pela imprensa; tais técnicas visavam construir parâmetros os quais se incumbiriam de ‘moldar’ os entendimentos dos receptores dessas mesmas informações - no caso do presente trabalho, o torcedor / leitor. Tais ações geraram reações que se refletiram no dia-a-dia do mundo futebolístico.

PALAVRAS CHAVE: Futebol; Violência; Imprensa-Escrita e Torcidas Organizadas.

ABSTRACT

This work has the aims to develop some understanding on the violence within soccer, as well as the influence of the written sports press regarding such violence. The intention here is to examine soccer and the media-related questions as intense and condensed phenomena inside the societies, specifically in the Brazilian society. Soccer, since its origin in Brazil, came out as being conflicting and entrancing, since, after its arrival, an impressive adhesion by all Brazilian society occurred. Such fact was followed by a recently created sports press, which delivered almost exclusive attention to it. It is pointed, in this dissertation, how the press dealt with soccer at different moments, not only following the sportive facts, but also the events of violence related to them. Such events had had diverse reasons, always related to its respective historical moments.

The research carried through in this work focused on the divulgation of the events of violence in soccer made by the press in the decade of 1990, which held impressive technological expansion and, consequently, a speeding-up of the spreading of information. Regarding this informational context, diverse techniques were developed by the press; such techniques aimed to build parameters in order to mould the comprehension of the receivers of the information - in the scope of the present work, the supporter and reader. Such actions had generated reactions which reflected in the daily routine of the world of soccer.

KEY-WORDS: Soccer; Violence; Written Press and Organized Supporters.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor Antonio Rago Filho, pela paciência e compreensão que teve comigo. Obrigado pelas orientações, foram verdadeiras aulas para mim. Agradeço ao professor Fernando Torres Londono, pelas dicas iniciais desse trabalho, ainda quando era um projeto na especialização. Agradeço a Professora Estefânia K. C. Fraga pela significativa contribuição no decorrer da minha pesquisa.

Agradeço aos meus pais, que sempre incentivaram meus estudos, e principalmente meu irmão Marco; sem eles minha história acadêmica não seria possível.

Agradeço a meus amigos do mestrado, que, durante esses anos, contribuíram muito com a minha formação intelectual. E, por fim, gostaria de agradecer ao professor Sérgio Vieira, meu grande amigo e mentor na área acadêmica.

“Os povos elaboram sua identidade através de suas paixões ou de seu recolhimento. Às vezes, camadas ou classes sociais distintas não se sensibilizam da mesma forma. (...) No Brasil, nada conduz à loucura como o futebol. Durante pouco tempo atividade refinada, irradiou-se por toda a sociedade e tornou-se o emblema da hegemonia popular sobre a ‘cultura das elites’. Estas submeteram-se ao seu desnivelamento e construíram em torno do futebol uma arena de poder, de lucros e de mando, como atestam carreiras políticas, administrativas e financeiras. Não é por aí, todavia, que se aprende algo profundo sobre o ‘caráter nacional’. Este evidencia no mundo dos sonhos e de ilusões que arranca o futebol. Primeiro, no conceito de arte, que lhe é aplicado como qualificação mestra. Segundo, no significado que recebe entre jogadores e nas suas relações com os torcedores. (...) Trata-se de um mundo no qual o profano, a magia e a religião se confundem e quebram a rotina da miséria, da ignorância e da opressão, ainda que por alguns instantes e graças à fantasia”. (FERNANDES. Florestan. “Futebol onírico”. In *Folha de São Paulo*. 13. jun. 1994. p.1-2)

“Há uma violência intrínseca ao futebol. Não há como esconder, não há como negar, não tem porque ignorar. (...) Existe estetização mais acabada da guerra do que os gritos, os gestos, os símbolos, a indumentária das torcidas organizadas? Os uniformes mesmos são tentativas de ‘militarizar’ o torcer? (...) Esta sociedade é basicamente violenta. Cultura da violência no imaginário midiático. O futebol é uma das instâncias dessa cotidiana violência moderna”. (Matinas Suzuki Jr., “Para entender o Pacaembu em chamas”).

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. Um fenômeno chamado futebol	23
1.1 Um breve histórico sobre as origens do futebol moderno.....	23
1.2 Os primeiros passos do futebol no Brasil.....	29
1.3 Futebol e cotidiano na cidade de São Paulo no início do século XX.....	38
2. A imprensa e o futebol.....	44
2.1 A imprensa esportiva e o futebol.....	44
2.2 O surgimento das torcidas organizadas.....	51
3. A década de 1990 – mídia e futebol em aceleração.....	57
3.1 Os agitados anos 90.....	57
3.2 Crises e novas tendências.....	69
4. A exacerbação da indiferença.....	80
4.1 Futebol, violência e os anos 90.....	80
4.2 A estética da barbárie.....	91
4.3 Os processos normativos da linguagem jornalística: a dinâmica da violência.....	108
Considerações Finais.....	115
Referências Bibliográficas	123

INTRODUÇÃO

O futebol no Brasil apresenta-se como um dos principais fenômenos de massas na cultura brasileira. Desde sua chegada até os dias atuais, o futebol figura como um fenômeno plural e contagiante. Já em seus primórdios¹ o futebol se apresentava múltiplo e abrangente, despertando interesses em classes socialmente distintas.

É interessante notar que o cenário que começava a se configurar na cidade de São Paulo na virada do século XIX e início do século XX apresentava duas classes socialmente diferentes: de um lado a elite paulistana e do outro o proletário das indústrias e ferrovias paulistas². Percebe-se que o futebol, em seus primeiros momentos no Brasil, apresentou-se socialmente fragmentado e envolvido em pré-conceitos sociais e raciais, pois os times pertencentes aos clubes da elite³ relutavam em aceitar negros em seus elencos.

Nessa época, meados da década de 1900, o futebol ficara dividido em duas instâncias denominadas “futebol grande” e “futebol pequeno”; isso com o intuito de se criar uma diferenciação entre os grandes clubes e os grêmios e pequenos clubes que compunham o futebol paulista.

Nesse passo, as pessoas já se identificavam com algum clube de futebol, indo inclusive acompanhar os jogos de seus respectivos clubes. Ou seja, já era comum existirem torcidas nos lugares onde ocorriam as partidas de futebol em São Paulo. Cabe observar que o desenvolvimento do futebol, no início das primeiras décadas do século XX, deu-se através de uma cultura futebolística desenvolvida nas dinâmicas sociais entre seus atores - cultura a qual foi historicamente sendo construída em boa parte pela divulgação da imprensa esportiva escrita.

¹ Final do século XIX e início do século XX.

² FERREIRA ANTUNES, Fátima M. R. Futebol de Fábrica em São Paulo. Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1992.

³ Pessoas do alto escalão das indústrias e donos de clubes os quais eram frequentados pela alta sociedade.

Desde que chegou ao Brasil, o futebol se apresentou como um fenômeno que requeria atenções interdisciplinares em se tratando de analisá-lo e entendê-lo como fator representativo da cultura brasileira⁴. Nota-se, nos momentos iniciais do futebol no Brasil, que os clubes e conseqüentemente os times passaram a ter uma colocação ativa na dinâmica social não só em caráter esportivo, mas, sim, em toda a sociedade. O futebol foi incorporado nos fenômenos sociais e culturais de diversos grupos, os quais se apresentavam e se apresentam muitas vezes diferentes uns dos outros.

A adesão ocorrida do futebol no Brasil pode ser relacionada aqui à idéia da importância do conceito de ‘jogo’ apresentada por Huizinga⁵ (2004), de que tudo na vida é um jogo, e de que o jogo serve como uma espécie de função significativa. Tal argumento entra em consenso quando se trata da atuação do futebol na cultura brasileira como elemento condensado na mesma. Colocadas essas situações, surge a necessidade do desenvolvimento de alguns questionamentos, principalmente a respeito do desenvolvimento de uma compreensão em relação ao engendramento dos fenômenos pertencentes ao meio futebolístico, desde as criações das identidades para com os times, passando também pelos atos de violência, até como ambos se relacionam com as dinâmicas informativas estabelecidas pela imprensa.

Podem ser apontados diversos argumentos no sentido de se entender a identificação do torcedor com o seu clube e suas posteriores ações e reações de violência, ligadas ao ‘mundo’ futebol. Tais diferenças podem ser relacionadas a diversos fatores: à afinidade espacial ou origem geográfica, econômica, racial ou até mesmo à política. No entanto, é interessante entender que os sentimentos desenvolvidos em relação ao time de futebol se deram através de uma incorporação do time como parte do próprio cotidiano das pessoas - incorporação por sua vez relacionada às tramas históricas atreladas ao dia-a-dia

⁴ DAOLIO, Jocimar. Cultura, Educação Física e Futebol, 2003.

⁵ Essa idéia apresentada por Huizinga será mais bem abordada no decorrer do trabalho.

da própria sociedade brasileira. Tal fato ocorreu pois diversos fatores conspiraram no sentido de possibilitar uma expansão da cultura futebolística. A propagação do futebol como artefato da vida brasileira teve um impulso decisivo pela atuação dos meios de comunicação, que passaram a dar mais ênfase nos acontecimentos esportivos, em especial ao futebol. Isso perdura até os dias atuais. É interessante pensar que, em conjunto com a paixão exacerbada pelo time, a rivalidade entre os times adversários passou a se tornar comum e intensa⁶. Nesse passo, a violência aparece como o fator negativo do futebol.⁷ Estudos realizados por Da Silva (1996) demonstram que casos de violência no futebol sempre estiveram presentes nos jogos, desde os primeiros campeonatos, ora provocado por choques entre torcidas, ora provocado pelos próprios jogadores, ora entre torcidas e policiais⁸.

Cabe ressaltar que as razões dos diferentes acontecimentos estavam atreladas aos momentos históricos e sociais dos respectivos períodos. Casos de violência dentro do futebol sempre estiveram presentes na história do esporte, inúmeros acontecimentos atrelados a situações de violência permearam a trajetória do futebol tanto no Brasil, quanto em outros países⁹. Os fatos relacionados aos casos de violência sempre de uma maneira ou de outra foram retratados pela imprensa¹⁰, principalmente a esportiva. Sendo assim, é fato que, para se tentar compreender o engendramento da violência dentro do futebol é necessário analisar como a imprensa retratou tais acontecimentos, como foram narrados¹¹ e em quais períodos ocorreram.

⁶ Sempre a violência esteve presente no futebol, no entanto, é na década de 1990 que tal violência realmente 'aflora' em larga escala, e conseqüentemente é retratada incisivamente pela mídia.

⁷ Leva-se em conta que a violência apresenta a necessidade de ser analisada não de uma forma abstrata, mas, sim, como um fator decorrente de construções históricas relacionadas a funções diferentes em cada período.

⁸ Da Silva mostra, em seus estudos, diversas matérias que retratam acontecimentos atrelados a situações de violência. Em tais acontecimentos são muitos os atores sociais envolvidos, bem como os motivos causadores dos conflitos.

⁹ O futebol, desde seus tempos primordiais, quando jogos similares já eram praticados, principalmente na Inglaterra medieval, apresentou traços vivíveis de violência, já na Idade Média tal manifestação esportiva deixava claro o cunho violento atrelado às práticas sociais em torno do jogo. Elias e Dunning (1992) já apresentavam tais evidências em seus estudos.

¹⁰ Dependendo dos casos a imprensa explorou abundantemente os mesmos.

¹¹ Pensando aqui o papel da imprensa em relação a própria violência.

Para a pesquisa desenvolvida para esse trabalho foram utilizados, como fontes documentais, os jornais Gazeta Esportiva (que, desde sua criação em 1928, participou ativamente nas questões de informações atreladas aos assuntos esportivos), a Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo¹². O recorte selecionado foi de 1990 a 2000, anos os quais foram identificados, através das pesquisas em jornais levadas a cabo dentro desse estudo, como sendo os que apresentaram casos mais graves em se tratando da violência dentro do futebol. O referente trabalho se reportou também a bibliografias que tratam diretamente e indiretamente sobre o tema futebol, violência e imprensa; a idéia, metodologicamente falando, foi justamente estabelecer diálogos entre as teorias e as fontes¹³, pois acredita-se que só a partir dessa aproximação se é possível desenvolver entendimentos em relação à violência dentro do futebol.

Tendo claros a importância do futebol na cultura brasileira e o conhecimento dos diversos acontecimentos de violência presentes no mesmo, é sensato direcionar as reflexões no sentido de se pensar no papel cumprido pela imprensa quando da narração dos acontecimentos que ocorreram nos eventos futebolísticos¹⁴, levando-se em consideração os diversos fatores que compõem o futebol. Pensando na relação futebol/violência/torcida é pertinente analisar a construção da divulgação dos acontecimentos pertencentes ao futebol, pois, os mesmos possuem grande impacto na cultura brasileira. A questão da imprensa esportiva em específico a escrita é um dos pontos principais a serem repensados e re-discutidos¹⁵.

¹² A escolha desses jornais se deu de maneira entendida por mim, como sendo esses os principais jornais paulistanos, haja visto a circulação dos mesmos em São Paulo, bem como suas credibilidades por parte dos leitores.

¹³ Foram analisadas, no referente trabalho, as matérias jornalísticas da imprensa esportiva escrita. O intuito foi criar entendimentos mais compenetrados referente às mesmas; para isso as análises se concentraram em relações entre a forma das narrações e seus respectivos interesses mercadológicos. Foi utilizado, nessas análises, o método dedutivo atrelado a conclusões qualitativas, apoiadas pelos referenciais bibliográficos.

¹⁴ Em específico os relacionados aos acontecimentos violentos.

¹⁵ Isso se dá, pois, se o futebol se apresenta como um fenômeno inerente à própria cultura brasileira, logo se conclui que o mesmo circula efetivamente entranhado em todas as esferas e camadas sociais da sociedade brasileira; junto a isso é natural que os meios responsáveis pela manutenção informativa ligada a esse esporte possui grande visibilidade e projeção, criando, conseqüentemente, entendimentos e tendências conceituais.

Os acontecimentos atrelados à violência dentro do futebol tiveram ligação direta com os respectivos momentos históricos de cada caso / período. No que diz respeito à referente pesquisa, o período analisado refere-se aos anos de 1990, anos os quais apresentaram grandes inovações midiáticas; anos que apresentaram o fenômeno denominado globalização; anos que a mídia mais do que nunca intencionou a espetacularização, a hiper-realização¹⁶; anos em que a violência pode ser percebida de maneira plural e intensa claramente via imagens, sons e informações escritas. Essas possibilidades ‘globalizadas’ favoreceram contundentemente o aparecimento de determinadas dinâmicas na condução das informações.

Percebe-se que nos anos de 1990 existiu uma espécie de circuito informação-estetização-erotização-personalização do cotidiano, o qual foi conduzido por sistemas de informações que visavam criar suas próprias ambiências. A cultura eclética possibilitou a vivência da indiferença do pior, a qual foi reativada e reforçada devido à saturação de informações e de comunicação. As grandes pulsões ou impulsões atrativas desapareceram ou apareceram de maneira mais acentuada, na medida em que as pessoas passaram a definir cada vez menos os seus gostos pessoais. Tais fatos foram e são influenciados diretamente pela mídia que, em muitos casos, acabam antecipando a própria informação. No caso da referente pesquisa, a atenção se direciona a uma probabilidade de antecipação da própria violência.

Baudrillard (1992) acredita ser a violência consequência da grande indiferença e ociosidade¹⁷ dos tempos atuais. Ele diz que estamos atuando em um grande simulacro, uma reprodução técnica do real, onde as ações e as concepções tornam-se simulações de algo que deveria ser real. O simulacro fabrica um hiper-real, espetacular, um real mais real e mais interessante que a

¹⁶ A idéia de hiper-realização apresentada no referente trabalho parte do entendimento de um aumento exagerado, muitas vezes potencializado, dos fenômenos presentes em sociedade. Ocorre, segundo alguns autores, entre eles Baudrillard e Lyotard, uma substituição da realidade por algo mais potente, mais espetacular, mais fantasioso, hiper – real.

¹⁷ Tratando-se de questões ideológicas.

própria realidade. Nesse ponto, pode-se pensar que a violência acaba sendo intuída ao invés de combatida, ou seja, o ato de violência ganha tanto destaque na imprensa que pode acabar gerando desejos em alguns atores sociais¹⁸, os quais podem passar a intencioná-la visando um reconhecimento, uma exposição efetiva da própria imagem.

Em relação à violência que se apresenta na contemporaneidade, encontram-se nas obras de Michel Maffesoli alguns interessantes raciocínios. Maffesoli (2000) versa que os jovens desprendem seus esforços e atenções em direções de conceituações relacionadas ao desenvolvimento de tribalizações. Segundo o autor, ocorreu uma necessidade social nas sociedades contemporâneas de agregações ou ligações relacionadas a um grupo ou grupos. Tal fato apresenta-se como uma consequência de transformações nas ordens sociais após a década de 1960. O autor versa que houve uma despolitização crescente nas gerações após tal data. Isso colaborou para o surgimento de sentimentos relacionados a necessidades de vínculos emocionais e sociais¹⁹ e, conseqüentemente formados esses grupos, eles constroem éticas próprias, desenvolvem desejos de diferenciar-se do restante da sociedade. Isso forma novos eixos estruturantes de sociabilidade. A massa contemporânea, para esse autor, se difere do proletariado ou outras classes sociais fundadas sobre a lógica da identidade, não é sujeito de uma história em marcha e sua lógica é fundada no afeto e no viver aqui e agora.

Maffesoli (1985) acredita estarem surgindo em nossa sociedade valores alternativos e confusos. Segundo ele, ocorreu uma substituição de valores prometeicos assentados em categorias como o trabalho, o progresso e o

¹⁸ Alguns membros de torcidas, por exemplo, pois, no decorrer do referente trabalho, serão apresentadas algumas referências pertencentes a outras pesquisas que mostram que o torcedor sente-se seduzido, atraído por matérias jornalísticas em que ele ou o grupo do qual faz parte aparece em evidência, principalmente quando se trata de um fato onde ocorreu uma briga.

¹⁹ Daí a argumentação de alguns autores, entre eles Maffesoli (2000), Canetti (1995) e Elias & Dunning (1992), em se tratando da necessidade das pessoas de fazerem parte de algum grupo e, conseqüentemente, diluírem-se nas massas, ganhando, assim, um corpo massificado, uníssono e intenso.

utilitarismo, dando lugar ao ressurgimento de valores dionisíacos, voltados para o presente e para atitudes grupais.

Partindo daí, é interessante o desenvolvimento de análises referentes aos desvelamentos relativos às inúmeras inquietações que se apresentam quando o assunto é futebol-violência-imprensa. Creio ser necessário um entendimento passo a passo²⁰, para que se entenda com mais propriedade o desenrolar dos fenômenos que atuaram e atuam dentro do futebol.

Mesmo com a grande abrangência do futebol na cultura brasileira, segundo Pimenta (1995), tal esporte somente passou a ser discutido mais a fundo academicamente no início da década de 1990. Assim, alguns trabalhos acadêmicos trataram de questões relacionadas ao futebol e a violência se atendo a diversas esferas da ciência²¹.

Pimenta (1995) busca, em sua pesquisa, com ênfase nos anos de 1990, observar as mudanças de comportamento dos agrupamentos de torcedores de futebol nas arquibancadas, ocasionadas pelo fenômeno “torcidas organizadas”. Ele visou, através de tal estudo, a compreender a formação dos centros urbanos em prismas de desvelamentos das possíveis causas das construções de identidades sociais. Utilizando o futebol como ‘palco’ para tais manifestações, tal autor objetivou o desenvolvimento de uma pesquisa sociológica.

Santos (1998) buscou, em sua pesquisa, encontrar, através da compreensão do contexto sócio-cultural contemporâneo, desenhos de novos padrões éticos e estéticos. A autora de tal estudo debruça-se no futebol e nas

²⁰ No sentido de uma contextualização histórica, pois é necessária a compreensão dos processos históricos relacionados às tramas que ocorreram nos referentes períodos em relação ao futebol e seus reflexos na sociedade.

²¹ Por exemplo: PIMENTA, Carlos A. M. Futebol e Violência entre “torcidas organizadas”; A busca da Identidade através da violência. Dissertação de Mestrado, apresentada em Ciências Sociais (Sociologia) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995. SANTOS, T.C. Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol. Dissertação de mestrado, apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1998. DA SILVA, Elisabeth Murilo. As “Torcidas organizadas de futebol”; Violência e Espetáculo nos Estádios. Dissertação de mestrado apresentada no Departamento de Ciências Sociais (Antropologia), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

torcidas para atingir tal intenção. Para isso, utiliza-se de arcabouços teóricos pertinentes à área de Comunicação.

Da Silva (1996) analisa a relação das torcidas organizadas com a violência nos Estádios de futebol, suas implicações giram em torno de análises sociais e conseqüentemente culturais, trazendo questões pertencentes às concepções da antropologia. Ela observou que há uma cultura da violência dentro das torcidas organizadas, como também nas diversas esferas que fazem parte da nossa sociedade.

Cavalcanti (2002) traz uma contribuição relevante no intuito de compreender a questão da identidade social das torcidas organizadas de futebol enquanto grupos sociais que se relacionam com as diversas dinâmicas sociais contemporâneas, ora em sintonia, ora em dissonância, trazendo as discussões para os campos da Psicologia Social.

Cabe ressaltar nesse momento que essas e outras pesquisas²² que trataram do futebol se apresentaram altamente relevantes. Observou-se, no entanto, que embora todas tenham utilizado como recursos metodológicos (dentre outros) os meios de comunicação (em especial os jornais), todas apresentaram lacunas quando abordaram questões sobre como a imprensa tratou da violência durante a construção da divulgação dos fatos²³. Santos (1998) bem timidamente apresenta alguns breves raciocínios em relação à mídia²⁴. Tais questões são tratadas pela autora em um pequeno capítulo, deixando vários pontos em aberto.

Baseado nas situações apresentadas acima, nas quais a imprensa sempre esteve presente como fonte de análises para diversas pesquisas, conclui-se que a imprensa trata da violência em diversas instâncias e apontando diversos focos.

²² Outras pesquisas que tratam tanto do futebol como da violência serão apresentadas no decorrer do trabalho.

²³ A presente observação não se trata de uma crítica direta em relação às pesquisas citadas, até mesmo porque elas não se propuseram a tratar especificamente da relação da imprensa com a violência dentro do futebol; no entanto, este elemento esteve presente nelas e, sendo assim, a argumentação aqui apresentada presume-se plausível.

²⁴ Neles a autora afirma que, em muitos casos, os meios de comunicação, ao mostrarem a violência que acontece no futebol, acabam por incitá-la, invertendo os papéis daqueles que estão presentes nos espetáculos. Ou seja, os espectadores (torcedores) tornam-se os atores, substituindo os protagonistas (jogadores), pois inventam seu espetáculo sob olhos dos *media* que o veiculam para o mundo.

Sendo assim, colocada a relação futebol-violência-imprensa, a intenção desse trabalho é entender como os acontecimentos relacionados à violência no futebol foram tratados pela imprensa em seus respectivos momentos históricos, em específico os anos 90. A idéia é criar entendimentos atrelados às análises relacionadas ao informar, ao conduzir e propagar, tendo como base óticas históricas. A pesquisa pretende trazer à tona discussões em relação a como a informação sobre os acontecimentos dentro do futebol foi construída e passada. Partindo do princípio que a informação possui uma importância enorme se tratando da narração dos fatos esportivos, é vital um olhar crítico sobre a mesma, pois a comunicação é feita com signos em códigos, os quais geram mensagens que acabam representando (ou intuem) a realidade para o homem - no caso dessa pesquisa, o torcedor-leitor.

As discussões apresentadas visam a contribuir ao entendimento da violência dentro do futebol e em nossa sociedade, e também discutir as relações da comunicação de massas com os fenômenos relacionados à violência. Partindo do ponto de análises em relação à mídia, em especial aos jornais e suas seções esportivas, o intuito é provocar reflexões e posteriores discussões em relação a como os jornais trataram as questões relacionadas ao tema futebol-violência-torcida.

A idéia da referente pesquisa, citando Santos (1998), não é buscar verdades, mas, sim, propor novas discussões e levantar novos problemas a partir do universo desvelado, através das possibilidades que por ventura possam surgir. A referente pesquisa não visa discutir diferenças entre teorias²⁵, e sim estabelecer um diálogo entre fontes e teoria sem reduzir uma à outra, intencionando, através desse diálogo, analisar como a imprensa tratou a violência presente no meio futebolístico.

²⁵ A proposta do presente trabalho é realmente estabelecer diálogos entre teorias e as fontes, relacionando os pontos recíprocos das bibliografias e consequentemente como estabelecer parâmetros de análises com as fontes, no caso as matérias jornalísticas da imprensa esportiva escrita.

Pretende-se, em primeiro momento, desenvolver uma compreensão mais clara do fenômeno futebol. O primeiro capítulo traz um breve histórico tratando do seu desenvolvimento em escala global, e posteriormente no Brasil. Esse capítulo tem o intuito de mostrar alguns momentos que foram responsáveis pela incorporação do futebol enquanto fenômeno de massa no mundo e em específico no Brasil, tanto nas esferas esportivas, quanto sociais e culturais. Tal momento da pesquisa visou contribuir ao entendimento de possíveis ‘genes’ relacionados ao surgimento do futebol moderno na Europa e posteriormente nos outros continentes. Nesse momento foram apresentados alguns personagens fundamentais para que o futebol se tornasse um grande espaço ritualístico, político, social e cultural, quase sempre partindo da alienação para a resistência ou da resistência para a alienação, do diminuto olhar para a contemplação. É abordada, também, a incorporação do futebol na cidade de São Paulo, apresentando suas diversas tramas e as respectivas relações com o próprio cotidiano dessa grande cidade, bem como personagens fundamentais que deram movimento ao cotidiano de São Paulo.

O segundo capítulo aponta como a imprensa se posicionou a cerca da narração dos acontecimentos esportivos na cidade de São Paulo²⁶, mostrando como ela começou a atuar ativamente na formação dos entendimentos e conseqüentemente direcionando as conceituações dos acontecimentos atrelados ao futebol por parte dos torcedores-leitores. Esse capítulo busca mostrar a relação direta que é estabelecida entre o torcedor e as matérias esportivas. Nesse passo aparecem as chamadas torcidas uniformizadas e posteriormente as torcidas organizadas. Essas torcidas se apresentaram como peças fundamentais dos principais acontecimentos relacionados ao mundo da bola, tanto os relacionados ao espetáculo, quanto aos casos de violência.

²⁶ É apresentada, nesse capítulo, a origem da Gazeta Esportiva, criada por Cásper Libero, bem como sua vital importância para a divulgação do futebol naquele momento.

O terceiro capítulo apresenta alguns engendramentos dos quadros sociais pertencentes aos anos de 1990. A idéia do referente capítulo é justamente esboçar breves entendimentos tanto sobre as dinâmicas cotidianas mais presentes nessa década como também evidenciar novos padrões estéticos²⁷ que ganharam robustez no período. Esse período se apresentou repleto de crises em diversas esferas, trouxe mudanças de paradigmas e conseqüentemente de referenciais sociais, culturais e políticos. A chamada crise do humanismo, tão presente nos anos 90, emaranhou-se em fenômenos plurais sustentados pelas égides da dita globalização. Os cenários sociais apresentaram, nos anos 90, uma condensação ímpar quanto à tecnologia e, conseqüentemente, dos meios comunicacionais, de maneira nunca antes vista. Em conjunto com essas novas tecnologias, as questões atreladas a novos rumos nas dinâmicas cotidianas urbanas se modificaram bruscamente e em muitos casos descontroladamente. Estéticas urbanas renovadas e de certa forma confusas agiram incisivamente na vida das pessoas, esses ‘novos’ modos de organização social deram as caras e moldaram muito das tramas sociais pertencentes aos anos 90.

O mundo dos esportes nunca se apresentou tão ‘espetacular’ como na referida década, a violência urbana (aqui relacionada ao futebol) nunca foi tão divulgada e explorada quanto nesses conturbados momentos midiáticos da década de 1990.

O futebol, que se configurou como sendo o principal evento de massas, nunca recebeu tanta atenção e conseqüentemente nunca gerou e girou tanto dinheiro em torno de si; eventos magnânimos foram realizados nesta década, bem como coberturas magnânimas.

O quarto capítulo visa a desenvolver discussões sobre os novos modelos estéticos informacionais²⁸ e, conseqüentemente, sociais. Neste capítulo surge

²⁷ Aqui a intenção é fazer apontamentos mais incisivos das relações entre a imprensa e a violência dentro do futebol.

²⁸ Segundo MELO ROCHA (1997), a estética da violência que se revela na produção cultural e na comunicação de massa é similar à estetização na vida cotidiana.

uma reflexão relacionada à construção e manutenção da exacerbação da indiferença, a qual tem como modelo a chamada ‘estética da barbárie’, bem como o auxílio dos processos normativos da linguagem jornalística, processos os quais constroem e desconstroem as dinâmicas da violência. No referente capítulo objetiva-se o desenvolvimento de entendimentos da relação direta da imprensa com a violência dentro do meio futebolístico, ou seja, como os meios midiáticos, ajudados pelos constantes e plurais mecanismos tecnológicos pertencentes à chamada era da globalização, atuaram e atuam como perspicazes ferramentas a fim de dar sentido aos próprios fenômenos de massas, no caso desse trabalho, o futebol e a violência dentro dele.

A idéia do capítulo foi apresentar a relação existente entre os meios de comunicação²⁹ e a produção sócio-cultural da violência, pois acredita-se que, na busca da criação e manutenção de certos modelos informacionais, são criados instrumentos de legitimação de determinadas tendências, as quais atuaram nos cenários conflitantes que se apresentaram e se apresentam nas sociedades atuais. Nesse passo, segundo Melo Rocha (1997), surgem expressões conceituais de violência relacionadas a tensões extremas entre experiência, aferição e julgamentos, tensões as quais dialogam de maneira conflitante com os princípios morais e éticos. Esses, por sua vez, condensam-se nas tramas sociais emaranhando-se com as ações dos respectivos atores sociais, que se apresentaram como protagonistas em muitos momentos, mostrando comportamentos intensos e plurais, alimentados por informações impactantes, e de certa forma influenciados e impulsionados pelas ações midiáticas.

O futebol no Brasil se apresenta como algo intenso e contagiante, diversas emoções são despertadas pelo referido esporte, diversas ações e reações também³⁰; isso evidencia sua importância na sociedade brasileira, não somente como fenômeno esportivo, mas sim como um traço cultural, pois o futebol, sem

²⁹ Em específico, aqui, as matérias jornalísticas da imprensa esportiva escrita na cidade de São Paulo.

³⁰ Aqui pode-se apontar tanto as ações e reações atreladas ao espetáculo, como os acontecimentos de violência presentes no meio futebolístico.

sombra de dúvida, faz parte intrinsecamente da própria história da sociedade brasileira, a partir do final do século XIX e até os dias atuais.

1 UM FENÔMENO CHAMADO FUTEBOL

1.1 Um breve Histórico sobre as origens do Futebol Moderno

O futebol apresenta-se como um abrangente fenômeno urbano, ele reúne em torno de si milhões de pessoas, todas inseridas cotidianamente em suas tramas. Pensar o futebol no Brasil é algo não muito tranquilo, haja vista as diferentes opiniões que surgem se tratando desse tema. Para alguns o futebol é considerado como ópio do povo, para outros o futebol pode ser encarado como um fenômeno popular capaz de envolver dentro de si manifestações diversas e intensas.³¹

A grande massa, no entanto, incorpora o futebol em sua chamada ‘hora de lazer’, as pessoas despendem esforços ímpares pelo futebol, consumindo produtos, informações e muitas vezes desenvolvendo inconscientemente padrões comportamentais e conceituais. A mídia, no geral, ‘cobre’ com intensidade os eventos relacionados ao futebol, muitas vezes alterando as rotinas de vida das pessoas.

Pensando na questão atrelada ao jogo em si, pode-se direcionar atenções para análises feitas por Huizinga³²; o referente autor trata o jogo como algo fundamental para o próprio funcionamento das dinâmicas em sociedade.

Em suas palavras:

No jogo existe alguma coisa ‘em jogo’ que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Todo jogo significa alguma coisa. Não se explica nada chamando de ‘instinto’ ao princípio ativo que constitui a essência do jogo; chamá-lo “espírito” ou “vontade” seria demasiado. Seja qual for a maneira

³¹ Nem sempre ligadas à alienação, como muitos julgam.

³² Huizinga, Johan. *Homo Ludens*, São Paulo, editora Perspectiva, 2004. Nele o autor defende que o jogo está arraigado nas culturas desde sempre, pois, em todas as civilizações, tais manifestações sociais sempre permearam as ações dos indivíduos dentro de suas sociedades, ritualisticamente e conseqüentemente simbolicamente.

como considere, o simples fato de o jogo encerrar um sentido implica a presença de um elemento não material em sua própria essência.³³

Segundo o autor o jogo apresenta conexões “extra-jogo” que lhe dão certa fluidez no sentido de abarcamentos mais plurais das dinâmicas específicas em relação ao próprio jogo, bem como aonde ele se insere. Huizinga (2004) apresenta a idéia do jogo como uma forma específica de atividade significativa, algo como uma função social. Ele defende em sua tese de que o jogo não pode ser compreendido pelas antíteses, ou seja, sabedoria e loucura, verdade ou falsidade, bem ou mal, mas, sim, como uma atividade não material, que lhe inflige a capacidade de potencializar ou dissipar emoções.

Em suas palavras;

Se, portanto, não for possível ao jogo referir-se diretamente às categorias do bem ou da verdade, não poderia ele talvez ser incluído no domínio da estética? Cabe aqui uma dúvida, porque, embora a beleza não seja atributo inseparável do jogo enquanto tal, ele tem tendência a assumir acentuados elementos de beleza. A vivacidade e a graça estão originalmente ligadas às formas mais primitivas de jogo. É nesse que a beleza do corpo humano em movimento atinge seu apogeu. Em suas formas mais complexas o jogo está saturado de ritmo e harmonia, que são os mais nobres dons de percepção estética de que o homem dispõe. São muitos, e bem íntimos, os laços que unem o jogo a beleza³⁴.

Essa ‘harmonia’, esse ‘ritmo’, bem como o domínio estético relacionado ao movimentar-se do jogador, seguindo tese do autor e relacionando ao futebol, validam-no enquanto um fenômeno que agrada e atinge as massas. Colocado

³³ Huizinga, Johan. *Homo Ludens*, São Paulo, editora Perspectiva, 2004, p.04.

³⁴ *Idem*, p. 09.

isso, é evidente que o futebol desde sua origem (em sua concepção moderna) mostrou-se (e ainda mostra-se) sedutor e instigante, quer seja pelas suas possibilidades (físicas ou corporais), quer seja pela sua facilidade em ser praticado.

Uma das perguntas que sempre aparecem no senso comum relaciona-se ao porque do futebol ter tanta inserção nas culturas, principalmente no Brasil. Para tal entendimento é necessário traçar um itinerário desse esporte, primeiro enquanto seu desenvolvimento global, posteriormente seu desenvolvimento no Brasil.

Desde a Idade Média se tem notícias de que homens praticavam jogos com bola. É evidente que muitos desses jogos não se assemelham ao futebol que se conhece hoje, no entanto, alguns sim. Na Inglaterra, por exemplo, existiam alguns jogos que recebiam o nome de futebol, muitos desses jogos tinham regras diferentes, de acordo com as localidades onde era praticado.

Já naquela época (meados do século XIV), tais jogos já recebiam a fama de violentos, pois, em muitos o número de mortos e feridos era considerável. Da Silva (1996) versa que o rei Eduardo III, em 1349, inclui o futebol entre os chamados ‘jogos estúpidos e de nenhuma utilidade’, a tese de Eduardo era a de que as pessoas deixavam de se concentrar em coisas ‘mais’ importantes como, por exemplo, treinar arco e flecha, exercícios militares etc., para praticarem o futebol.

É interessante se pensar que durante a Idade Média os festivais religiosos envolviam também alguns jogos violentos, disputados entre vizinhos, grêmios etc. Elias e Dunning (1992), referem-se a um jogo de futebol que era praticado na terça-feira de Carnaval, como sendo uma espécie de encontros entre equipes rivais. Eles versam que:

Os encontros de futebol e outros parecidos não eram, naquele tempo, simples disputas acidentais. Constituíam uma atividade recreativa restauradora do equilíbrio e profundamente tecida da trama da urdidura da sociedade. Pode parecer-nos sem sentido que, ano após ano, as pessoas se envolvessem em batalha nos dias santos e festivos. É evidente que nossos antepassados, que se achavam em uma fase distinta do processo civilizador, a viviam como uma providência perfeitamente óbvia e obviamente prazenteira.³⁵

Tal citação evidencia que, mesmo naquele universo religioso da Idade Média, eram respeitadas as tradições populares. Mesmo sendo, no caso do futebol, algo proibido pelas autoridades, tais tradições eram mantidas.

As regras e maneiras de jogar variavam de lugar para lugar; no entanto, jogos com bolas, que tinham como objetivo alcançar metas contrárias, eram praticados em toda Europa. Um desses jogos consistia em levar uma bola de um lugar para o outro, ou seja, o jogador que estivesse com a bola se incumbiria de levá-la à área adversária, os membros da outra equipe corriam atrás de quem estivesse com a bola visando a tomá-la. Assim, os jogadores seguiam lutando por vales, charcos, florestas e colinas, estendidos por vários quilômetros, alguns a cavalo, outros a pé, preparando emboscadas, seguindo caminhos alternativos, criando estratégias, etc.; tudo isso visando chegar à meta, onde todos se encontravam e com alvoroço festejavam. Se a entrega da bola se desse na mansão de algum cavalheiro, os vencedores recebiam o direito de levá-la como troféu e podiam beber toda a cerveja que havia na mansão.³⁶

Nesses rasos exemplos pode ser identificado que, já na Idade Média, tais jogos já eram populares, e que os mesmos possuíam grande inserção na vida cotidiana das pessoas.

Com o tempo, as autoridades inglesas, diante da impossibilidade de proibirem tais práticas, afrouxaram sua vigilância, e, em 1660, o rei Carlos II

³⁵ Nobert Elias e Eric Dunning. p.214, 1992.

³⁶ *Idem.*

autorizou a prática do futebol livremente nos ‘campos’ da Inglaterra. Rapidamente o esporte se alastrou pelo país, desde campos públicos a colégios e universidades³⁷. É interessante pensar que tanto colégios quanto universidades passaram a adotar o futebol como parte de sua educação, pois, já começava a se pensar na disciplina física como algo a ser almejado.

No entanto, um problema ainda era pertinente ao futebol: as regras ainda eram muito variáveis, tanto na conduta do jogo, quanto na questão do número de jogadores. Com o passar do tempo, acabou sendo estabelecido em onze o número de jogadores para cada equipe. Da Silva (1996) traz a hipótese de que esse número fora escolhido derivado do fato das turmas de Cambridge possuírem 10 alunos e 1 bedel. A idéia de onze jogadores para cada equipe acabou sendo aprovado quando várias equipes de vários colégios e grêmios que praticavam o futebol se reuniram em 08 de Dezembro de 1863 para definir as regras do futebol. Foram aprovados 13 itens que derivavam do rúgbi e que foram modificados mais tarde.

Daí em diante, o futebol expandiu-se rapidamente pelo mundo; sua expansão foi incorporada às multidões, desde jogadores a espectadores. Muitas teses relacionadas à expansão do futebol versam que um dos principais motivos está atrelado a fácil acessibilidade dos materiais necessários para a sua prática, como também pelas suas regras, poucas e simples de serem compreendidas.

É interessante se pensar que, segundo Santos Neto (2002), nesse momento, o futebol já não é mais considerado um jogo selvagem e violento como na Idade Média, mas sim um jogo regulado por regras claras, praticado

³⁷ Pegar-se-á aqui a idéia discutida por Nobeit Elias (1994) relacionada aos processos civilizatórios os quais passaram pelo ocidente em seus diversos momentos, bem como as diferentes interpretações do que seria civilizado e não-civilizado. O entendimento e conseqüentemente as ações adotadas em se tratando da adesão do futebol nas diferentes culturas e sociedades encaixam-se perfeitamente nesses ‘ideais’ relacionados a buscas de ‘civilidades’ tanto buscadas pelo ocidente. Nesse passo, a relação das variedades presentes nas respectivas sociedades, como, por exemplo, os níveis tecnológicos, os tipos de maneiras, as questões religiosas e os costumes, bem como os avanços científicos, evidenciam o futebol como sendo um excelente instrumento social dos respectivos interesses relacionados aos processos civilizatórios que as sociedades modernas tanto almejam.

por cavalheiros, ou seja, passou de um esporte até então praticado de maneira agressiva na Idade Média a um esporte praticado pela elite³⁸.

É por bem dizer que, apesar do futebol, nessa época (finais do século XIX), ser praticado nos colégios ingleses, a adesão ao mesmo nas camadas populares sempre foi imensa. Embora o futebol estivesse sendo praticado pelos jovens das melhores famílias inglesas, o envolvimento do povo era representativo. Muito desse envolvimento relacionava-se ao fato das pessoas ligarem os clubes às representações relacionadas às classes e bairros dos quais faziam parte.

Segundo Sevcenko:

Cada uma das grandes cidades industriais inglesas se veria dividida nesse período em duas imensas comunidades rivais, arrastadas ao mais apaixonado estado de loucura, quando os times que as representavam se viam frente a frente nos limites do gramado e dos noventa minutos. Era uma comoção, um redemoinho, um cataclismo de nervos arrebatados e corações explodidos, não raro com algumas cabeças quebradas e olhos arroxeados. Essas misteriosas e para sempre inconciliáveis divisões ocorriam por diferentes motivos, ora opondo católicos contra anglo-saxões, trabalhadores especializados contra não especializados, residentes antigos contra imigrantes recentes e o que mais se imaginar, muitas vezes várias dessas razões agindo ao mesmo tempo. Mas o fato notável era como a massa da população trabalhadora se via toda ela envolvida, empolgada e ativamente empenhada nas batalhas simbólicas dos campos de futebol.³⁹

Vale considerar que a incorporação do árbitro e dos juizes de linha surge relacionada às necessidades de melhores conduções dos jogos. Uma vez o

³⁸ Essa afirmação de Santos Neto (2002) vai de encontro à reflexão apresentada na nota anterior.

³⁹ SEVCENKO, Nicolau. Futebol, Metrôpoles Desatinos *In Dossiê Futebol*, Revista USP, 1994.

futebol expandindo-se por diversas camadas sociais, o chamado ‘código de cavalheiro’⁴⁰ que predominava na prática elitizada dos jovens ingleses, já não dava conta da condução do jogo, haja vista que o futebol propagou-se por ares mais plurais que o ciclo social da elite inglesa.

Nesse momento ocorreu uma significativa expansão do futebol tanto para outros países europeus, quanto para outros continentes.

1.2 Os primeiros passos do futebol no Brasil

É no ano de 1894 que a maioria da historiografia data a introdução do futebol no Brasil; nesse período era grande o número de ingleses e suas respectivas indústrias que aqui se instalaram. Na época, o futebol vinha conquistando adeptos em toda a Europa, principalmente entre os países os quais mantinham relações comerciais com a Inglaterra.

É fato, segundo Santos (1998), que a origem da expansão do futebol esteve relacionada com os processos de industrialização e o surgimento das grandes cidades. Em meados finais do século XIX, começava a se falar sobre aproveitamentos esportivos relacionados à hora de lazer dos trabalhadores - o futebol nesse sentido passa a ser utilizado como um excelente instrumento visando a esse objetivo. É evidente que existiam maneiras diferentes de ver o futebol nesse contexto. De um lado os trabalhadores incorporavam o futebol em seu cotidiano como forma de diversão e socialização em primeiro momento, e por outro, os industriais encaravam a prática do futebol como um viés de preparar o corpo do trabalhador para o trabalho.

Charles Miller é considerado o introdutor do futebol no Brasil. Miller era natural de São Paulo, filho de um engenheiro inglês ferroviário que trabalhava na São Paulo Railway. Como acontecia com qualquer rapaz da elite brasileira e filhos de europeus que aqui habitavam, Miller havia estudado na Europa, na

⁴⁰ Aqui uma alusão aos processos civilizatórios ocorridos no futebol.

Inglaterra. Nesse período de estudos na Europa, Miller teve contato, nos colégios onde estudou, com o futebol. Logo ele se destacou nos times colegiais os quais jogou, recebendo convites posteriores para atuar em equipes mais sérias da Liga Inglesa de Futebol.

Aos 19 anos de idade Miller jogou pelo time conhecido como Hampshire; posteriormente tornou-se jogador do Southampton, onde realmente adquiriu experiência necessária para trazer o futebol para o Brasil.

Chegando ao Brasil, em 1894, em São Paulo, Miller, no entanto, assustou-se com a falta de interesse pelo futebol por parte dos brasileiros, e observou que o esporte era quase desconhecido no país.

Apesar de ser grande a colônia inglesa radicada no Brasil, principalmente em São Paulo, o futebol não aparecia como o esporte mais praticado por essa colônia. O esporte praticado pelos sócios do São Paulo Athletic Club, por exemplo, era o *cricket*.

Segundo Caldas (1990), Charles Miller, no intuito de divulgar o futebol no Brasil, entregou-se a uma atividade quase missionária. Miller, engajado resolveu implantar a prática do futebol no clube do qual ficara sócio, o São Paulo Athletic Club. Tal clube reunia altos funcionários ingleses da Companhia de Gás, do Banco de Londres e da São Paulo Railway. Miller, em primeiro momento, teve que convencer os demais sócios a aderirem ao novo esporte; feito isso, ele partiu para a organização de jogos. Nesse momento, ele utilizou materiais que havia trazido da Europa (uniformes, bola, apito e o manual de regras).

Nas palavras do próprio Charles Miller, citação que se encontra no Livro de Tomás Mazzoni (1950), ele diz que:

Em meados de 1894, fixei-me em minha terra natal - São Paulo. Realizamos o primeiro ensaio em terras brasileiras, no ano de 1895, e precisamente na Várzea do Carmo, nas proximidades da rua do

Gasômetro e Santa Rosa. Para isso, reuni um grupo de ingleses da Companhia do Gás, London Bank, S.P.R. É interessante lembrar que essa primeira tentativa foi efetuada com a bola que serviu para o jogo disputado em 1894, em Southampton, e me fora presenteada por um companheiro selecionado, que mais tarde ocupou a presidência da Liga de Futebol da Inglaterra.⁴¹

Logo o novo esporte foi ganhando mais prestígio e começou a ser praticado pelos membros de clubes, é fato que essa influência foi pela ação direta de Miller, que, além de tudo, era um excelente jogador.

A primeira equipe de futebol contava com bolas e uniformes trazidos por Charles Miller, que também era integrante do time do São Paulo Athletic Club. Os jogadores do time treinavam na Chácara Dulley (a qual localizava-se no Bairro do Bom Retiro). A família Dulley havia cedido uma parte do terreno de sua chácara para a prática de esportes, isso desde 1888, no entanto, algumas ocasiões exigiam que os jogadores dividissem o campo com os animais da Companhia Viação Paulista. Entretanto, em dias de jogos isso não acontecia, pois muitas pessoas se dirigiam à chácara a fim de acompanhar os jogos.

É interessante pensar que, nesse momento, meados finais do século XIX e momentos iniciais do século XX, o futebol começou a ser incorporado pela elite paulistana. Em 1898 o colégio Mackenzie, segundo Santos (2000), fundou seu clube de futebol, time formado pelos alunos do colégio, tal clube foi considerado o primeiro clube formado por brasileiros. Sequencialmente surgiram os clubes Sport Club Internacional, o Sport Club Germânia (1899), clubes formados por alguns membros da colônia alemã. Em 1900 surge o Club Atlético Paulistano, clube criado pela tradicional família Prado.

A família Prado gozava de muito prestígio em São Paulo. Suas propriedades situavam-se entre a atual rua da Consolação, rua Caio Prado, rua Major Quedinho e Avenida 9 de Julho. Dona Veridiana Prado, esposa de

⁴¹ Tomás Mazzoni, História do Futebol no Brasil, 1950.

Martinho Prado, mandou construir um velódromo para a prática do ciclismo. Tal velódromo foi construído em 1892 na chácara da Consolação. O velódromo possuía, além de pistas para corridas, quadras de tênis e tanques para natação. O ‘centro esportivo’ comportava a presença de até 1000 pessoas na arquibancada e de duas a três mil pessoas em pé.

Nesse passo o sucesso do futebol aumentava cada vez mais; em 1896 foram solicitadas, junto à Câmara Municipal, reformas no velódromo a fim de transformar o jardim que existia nele em um campo de futebol. O campo foi feito e as pistas ao seu redor permaneceram conservadas. Tal espaço, segundo Pimenta (1995), tornou-se a maior praça de esporte da cidade na época e suas arquibancadas começaram a serem freqüentadas pela elite da sociedade paulistana.

Segundo Caldas (1990), os recém criados clubes Mackenzie College, Sport Club Internacional e o São Paulo Athletic Club, em 1901, fundaram a Liga Paulista de Futebol. Com a fundação da Liga ficou decidida a cobrança de ingressos para se assistir aos jogos de futebol, sendo que a renda do jogo seria dividida em 50% para o clube e 50% para a Liga.

Já no Rio de Janeiro, em 1902, surge o Fluminense Football Club, incentivado por um jovem brasileiro chamado Oscar Cox. Ele havia estudado na Suíça, onde teve contato com esse esporte. Os quadros sociais que compunham o recém formado clube no Rio acompanhavam os de São Paulo, ou seja, jovens ricos, altos funcionários das melhores empresas da época e europeus. Nesse passo começam a acontecer os primeiros jogos entre São Paulo e Rio de Janeiro. Oscar Cox e Charles Miller organizavam tais eventos a fim de divulgar o futebol no país.

Da Silva (1996) versa que;

Durante muito tempo esses encontros foram grandes acontecimentos sociais, seguidos de jantares entre vencedores e vencidos, num clima de muita elegância, tanto em São Paulo, como no Rio de Janeiro. Não faltavam comemorações nos melhores restaurantes, em que os jogadores apareciam de smoking.⁴²

Cabe aqui ressaltar que nesse momento, o futebol tinha alto valor representativo, e conseqüentemente simbólico, na alta sociedade brasileira. Os jogadores, segundo Caldas (1990), atribuíam o mesmo significado do smoking nos encontros, ao uniforme utilizado nos jogos.

Nesse período o futebol era praticado quase que exclusivamente pela elite, haja vista que o futebol 'formal' necessitava de investimentos, pois a aquisição de bolas e uniformes exigia o desprendimento de quantias significantes - esses materiais vinham da Europa.

Outro ponto legitimador dessa elitização inicial agrega-se ao fato das terminologias utilizadas durante a prática do esporte. As palavras usadas durante as partidas eram em inglês, 'corner', 'hands', 'off-side', 'center forward', entre outras, descreviam e conduziam a confecção dos jogos de *football*, como era chamado na época.

Negreiros (1998) retrata a vontade constante da elite brasileira em ter contato e conseqüentemente incorporar as tendências que surgiam na Europa, independentemente de quais. Os brasileiros da alta classe social, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, absorviam e passavam a aplicar tais tendências em seus cotidianos.

Um dos pontos mais importantes está atrelado à questão do amadorismo, pois os jogadores não recebiam nenhum dinheiro para jogar, pelo contrário,

⁴² Da Silva, 1996, p. 42.

como se tratavam de jovens ricos, os mesmos pagavam seus uniformes bem como as passagens para jogar fora quando necessário.

O futebol, no início do século XX, era um esporte para quem podia pagar, segundo o jornalista Mario Filho (1964);

O futebol prolongava aquele momento delicioso de depois da missa. As moças, mais bonitas ainda. Tinham ido à casa, demorando-se diante do espelho, ajeitando o cabelo penteado para cima, encacheado. Na arquibancada, sentadas, abrindo e fechando os leques, sérias, sorridentes, quietas, nervosas, como que ficavam em exposição. Os rapazes não se atrevendo a muita proximidade, na pista, junto da grade, de costas para o campo, enquanto o jogo não começava. Ou, então, andando de um lado para o outro, olhando disfarçadamente. De qualquer maneira via-se muito mais que moças, muito melhor do que numa saída de missa, a missa das nove na igreja São Batista da Lagoa, a igreja das moças de Botafogo, a missa das dez na matriz da Glória, a igreja das moças do Fluminense. Os jogadores quando entravam em campo, corriam logo para o lugar mais cheio de chapéus, chapéus enormes, pesados, mas que pareciam leves, muitas flores, frutas e plumas.⁴³

Nessa citação de Mario Filho, pode-se perceber que o perfil das pessoas que freqüentavam os jogos de futebol era altamente elitizado, e que o futebol tornara-se uma prática social com grande aceitação na classe alta da sociedade brasileira.

Porém, segundo Da Silva (1996):

Em 1904 surge no Rio de Janeiro, um clube diferente dos até então existentes: O The Bangu Athletic Club. Com o apoio dos proprietários da tecelagem Companhia do Progresso, o The Bangu,

⁴³ Mario Filho, O Negro no Futebol Brasileiro, 1964, p.23.

foi criado sob a idéia de educação dos corpos, utilizando o esporte como disciplina para o trabalho e para entreter os funcionários ingleses, técnicos e mestres especializados da Cia.⁴⁴

A tecelagem cede um terreno para que a prática do futebol pudesse ser realizada pelos seus funcionários. Existia um grande incentivo por parte da companhia, pois chegava até a comprar os uniformes e as bolas para que os jogos acontecessem. No entanto, existia um problema em se tratando dos treinos - eram poucos os altos funcionários ingleses, isso impossibilitava a formação de dois times, sendo assim, foi necessária a admissão de brasileiros com altos cargos e, posteriormente, operários.

Santos Neto (2002) mostra que o The Bangu em pouco tempo passou a ser um excelente instrumento de propaganda da companhia. Isso ocorreu pelo fato da associação que a população passou a fazer do time de futebol com a empresa. Sendo assim, era inevitável uma maior atenção da diretoria da empresa para com o futebol.

O interessante é que, em pouco tempo, o time do Bangu passou a constituir-se basicamente pelos operários, pois, além da necessidade numérica, o desempenho dos operários nos jogos era excelente.

Automaticamente, as gratificações começaram a aparecer, algumas em forma de dinheiro, outras, em forma de promoções de cargos dentro da empresa. É interessante ressaltar a adesão de negros e mulatos ao time do Bangu.

A prática 'formal' do futebol exigia investimento; no entanto, a prática 'informal' era algo mais acessível a todos. As regras eram fáceis, e a adaptação dos materiais a serem utilizados também; para que sua prática fosse exercida pelas camadas mais pobres da sociedade era somente necessário um terreno, o qual se transformava em campo, bolas em sua maioria feitas de panos e papéis e pedras ou madeiras que eram transformadas em traves. Sendo assim, o futebol

⁴⁴ Da Silva, 1996, p. 44.

espalhou-se rapidamente por toda a sociedade brasileira, em todas as suas camadas.

Seguindo essa idéia, Da Silva (1996) versa que;

A difusão do sucesso no futebol no Brasil foi rápida, e já na primeira década do século XX muitos queriam praticar esse esporte. Com o inconveniente de não contar com bolas apropriadas importadas, os garotos pobres improvisavam. Usavam bolas feitas de meias recheadas de pano, bolas de borracha, enfim, qualquer material que se prestasse à prática desse esporte era utilizado, até , mesmo laranjas. Era comum ver meninos em luta pela bola em qualquer terreno vazio e plano, que pudesse ser utilizado como campo. Ainda que não fosse gramado, não tinha importância; todos queriam jogar futebol.⁴⁵

Em Bangu, por exemplo, os meninos que habitavam aquela região suburbana do Rio de Janeiro, começaram a sonhar com o futebol. A população de Bangu passava a acompanhar os treinos e conseqüentemente o time em seus jogos.

Nesse momento surge, segundo Caldas (1990), uma expansiva identificação de um grupo relativamente grande e ‘informal’ com um time de futebol, ou seja, as pessoas que habitavam o subúrbio carioca, especificamente em Bangu, sentiam-se representadas por aquele time de futebol, pois os mesmos trabalhavam na fábrica, moravam em Bangu e tinham uma equipe esportiva para torcerem, equipe a qual representava suas cores.

Em São Paulo, a popularização do futebol nas classes menos favorecidas economicamente se deu através da criação e propagação dos clubes de várzea. Tais clubes eram formados por operários, trabalhadores, gente comum que não podia freqüentar os tradicionais clubes da cidade. Um lugar em específico no qual começaram a ocorrer diversos jogos, segundo Santos Neto (2002), era a

⁴⁵ Da Silva, 1996, p. 44.

Várzea do Carmo, que se estendia desde o atual Parque Dom Pedro II e Glicério até o Pari. Tal lugar se tornou o centro dos jogos de futebol varzeanos. Caldas (1990) retrata que já em 1903 eram disputados jogos e campeonatos organizados pelos clubes varzeanos.

Da Silva (1996) discorre, em relação à importância dos clubes varzeanos;

Dentro de poucos anos os grêmios e pequenos clubes se multiplicavam nos campos de capim da Várzea do Carmo. Em 1914 o terreno foi aterrado dando origem a campos de terra vermelha, e á fase mais prospera do futebol varzeano. Nesse período a Várzea se torna fornecedora de craques para os grandes clubes da primeira divisão. Os jogadores eram atraídos pelos empregos em empresas de algum sócio do clube, onde não precisavam trabalhar tanto, às vezes nem trabalhar, bastava se dedicar ao futebol, fazer o clube vencer. Surgiam nessa época os prêmios, presentes, as propinas dadas aos jogadores pela vitória. A época do futebol para moços de família estava acabando e começava a ter início o falso amadorismo.⁴⁶

Percebe-se, nessa citação, diversas e significantes transformações que ocorreram no futebol, principalmente em São Paulo, de um esporte praticado em primeiro momento por apenas uma camada social da sociedade brasileira, à sua assimilação e aplicabilidade nas camadas pobres da população. Outro ponto interessante para se pensar nesse momento relaciona-se às questões financeiras que começaram a permear mais intensamente o meio futebolístico.

As transformações, ocorridas entre a primeira e segunda década do século XX no futebol no Brasil, eram visíveis e de certa maneira complexas, haja vista alguns paradigmas que estavam sendo rompidos. Um deles sem sombra de dúvidas relacionava-se à popularização do futebol. Tal acontecimento gerou muita resistência por parte dos clubes mais tradicionais. Pessoas influentes

⁴⁶ Da Silva, 1996, p. 47.

desses clubes defendiam que o futebol deveria manter-se elitizado. Ou seja, a popularização do futebol representava para esses dirigentes como algo que acabaria com a ‘elegância e magia’ pertinente ao esporte. Aspectos de ordem tanto social quanto racial faziam parte do cenário futebolístico nas grandes cidades brasileiras. Eram muitos os casos de racismo dentro do futebol, tanto no Rio de Janeiro, quanto em São Paulo. Existiram casos famosos tocando questões raciais, como, por exemplo, a própria fundação e sucesso inicial do Corinthians ou como o caso do Vasco da Gama de 1923.⁴⁷ O futebol, nas primeiras décadas do século XX, teve uma inserção enorme na cultura brasileira. No entanto, dentre outros fatores e incentivado pela recém-criada imprensa esportiva, o futebol começou a adentrar incisivamente no cotidiano das pessoas, tanto ricas quanto pobres, tanto negras, quanto brancas.

1.3 Futebol e cotidiano em São Paulo no início do século XX

Com a introdução e divulgação do futebol no Brasil, sua presença tornou-se obrigatória nos colégios ricos. No entanto, a prática, como já apontado anteriormente, não se restringiu somente às classes ricas. Embora os clubes mais tradicionais tentassem manter o futebol elitizado, o mesmo foi se espalhando rapidamente e conseqüentemente começou a fazer parte das tramas sociais da sociedade brasileira, especialmente nos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo.

São Paulo e Rio de Janeiro eram as grandes metrópoles do Brasil. Tais centros sempre detiveram o privilégio de ditar normas, comportamentos e conseqüentemente de lançar as novidades para o resto do país.

Com o futebol não podia ser diferente; em pouco tempo, grandes eventos futebolísticos tornaram-se frequentes nessas duas grandes cidades.

⁴⁷ Sobre esse tema ler MAZZONI, Thomaz. História do Futebol no Brasil.

Segundo Santos (1998), os grandes clubes eram uma espécie de segunda casa da elite Paulistana e Carioca, nas tribunas desfilavam rapazes de terno e gravata, moças com chapéus e flores, entre diversas personalidades.

São Paulo já era uma grande metrópole e abrangia um grande número de imigrantes, a maioria dos clubes surgiam por fatores relacionados às nacionalidades de seus membros. As colônias, entre elas a alemã, a inglesa, a espanhola e a italiana, no intuito de criarem instrumentos ou vícios de manutenção de certas tradições, juntavam-se e formavam seus clubes, posteriormente seus times de futebol tanto times mais tradicionais, quanto de várzea. É obvio que, em primeiro momento, as representações se davam em lugares geograficamente e economicamente diferentes, fato que posteriormente se alterou.

Caldas (1990) nos traz um bom itinerário sobre os primeiros momentos do futebol em São Paulo. Segundo o autor,

Alguns acontecimentos futebolísticos foram importantes e repercutiriam fortemente na trajetória do futebol paulista. Não é necessário retomar a importância de Charles Miller, quando trouxe em 1894 o futebol institucionalizado para o Brasil. Partimos de 1897, quando chega a São Paulo, vindo da Alemanha, Hans Nobiling, trazendo consigo uma bola de futebol e os estatutos do Sport Club Germânia. Ele funda a versão brasileira do Germânia para difundir o futebol entre os comerciários. Em 1898, o sr. Augusto Shaw chega dos Estados Unidos, trazendo uma bola de basquetebol, que nunca seria usada para este fim. Serviu para a prática do futebol. Em São Paulo ele funda a Associação Atlética Mackenzie College⁴⁸.

⁴⁸ CALDAS, 1990, p. 95.

Seguindo os acontecimentos, Caldas diz que,

Em 1901, ocorrem dois episódios importantes. Acontece em São Paulo, no dia 19 de outubro, o primeiro jogo entre paulistas e cariocas. Em 13 de dezembro funda-se a Liga Paulista de Futebol, a primeira entidade a existir no Brasil destinada especialmente a esse esporte. Em 1902 na cidade de São Paulo realiza-se a primeira partida oficial de futebol do País: A. A. Mackenzie X S.C. Germânia. Desaponta em 1909, no Club Atlético Ipiranga, um dos maiores jogadores da história do nosso futebol: Arthur Friedenreich. Em 1910 funda-se o “Corinthians Team”, atual Sport Clube Corinthians Paulista. Acontece em 1913, a primeira cisão de uma série de muitas outras no futebol paulista. Em 22 de abril, funda-se a APEA – Associação Paulista de Esportes Atléticos. Em 26 de agosto de 1914 funda-se o Palestra Itália, atual Sociedade Esportiva Palmeiras. Três anos mais tarde, criava-se a ACEESP, Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo.⁴⁹

Ocorreram, segundo o autor, outros acontecimentos significantes; no entanto, esses citados acima já apresentam prévias da condensação dos inúmeros acontecimentos que cercaram o futebol paulista nos momentos iniciais.

Um dos pontos principais a se destacar relaciona-se às intensas brigas entre as federações. Como já fora apresentado acima, o futebol envolveu-se confluentemente nas tramas sociais da cidade de São Paulo, impulsionado por uma grande divulgação da recente imprensa esportiva. Tal fato, agregado a uma crescente diluição e popularização do esporte, despertou em seus dirigentes interesses políticos dissonantes, uns defendiam a manutenção da elitização, outros uma democratização do futebol. Os interesses, segundo Caldas (1990), atingiam contrastes ímpares, derivados das disputas pelo poder dentro das federações. Em São Paulo ocorreram divergências dentro da APEA (Associação

⁴⁹ CALDAS, 1990, p. 95.

Paulista de Esportes Atléticos), divergências as quais resultaram no abandono de algumas equipes dessa associação. Isso gerou posteriormente a criação de outra entidade, que recebeu o nome de LAF (Liga de Amadores de Futebol). Essa ação fora desencadeada pelo Club Atlético Paulistano, o qual lutava para que o futebol não fosse democratizado, mas sim, centralizado em uma elite a qual se incumbiria de organizá-lo e controlá-lo. Esse período se configurou como sendo um período de transição e ajuste dentro do futebol na cidade de São Paulo. Tais ajustes foram conflitantes, pois, alguns times ora estavam em uma entidade, ora em outra, resultando num desfecho em 1929, quando a LAF se extinguiu e a AMEA voltou a tomar frente das decisões políticas do futebol em São Paulo.⁵⁰

É interessante pensar que o desenvolvimento do Futebol se deu em conjunto com o próprio desenvolvimento da cidade de São Paulo. Houve, na primeira metade do século XX, principalmente em seu início, uma transformação urbana absurda. A indústria brasileira, o comércio, as questões atreladas à arquitetura, as questões culturais, entre outros quesitos, passavam por um momento agitado.

Flávio Saes (2004) aponta que, na década de 1920, surge uma nova tendência relacionada ao surgimento das empresas em São Paulo. Isso derivado do aparecimento de novos ramos industriais voltados não somente à produção dos bens de consumo correntes, mas também da produção dos bens de consumos duráveis. O autor relata que, nos anos 20, não só a estrutura da indústria se mostrava complexa, mas iniciava-se um período de emergência de novos padrões de consumo, implicando crescentes demandas. Ele explica que, de 1900 a 1930, ocorreu uma modernização intensa na área urbana, isso se deu pela adesão de novos produtos na esfera do consumo; tais fatos estavam relacionados às novas técnicas na produção industrial e na prestação de serviços. Outro ponto apontado pelo autor relaciona-se ao aumento dos estabelecimentos comerciais

⁵⁰ Sobre esse assunto relacionado aos conflitos entre as federações ler Caldas, O pontapé inicial; Memória do Futebol Brasileiro, em específico o capítulo V – A luta política pelo profissionalismo – O caso de São Paulo.

(comércio de mercadorias) como sendo um indicador a atestar a expansão da economia paulistana nos anos 20. Na área econômica ocorreram diversas manifestações, houve uma renovação no sistema bancário, como, por exemplo, a agregação de novas instituições. Ocorreu também constituição de entidades associativas dos setores empresariais, bem como uma crescente especialização do capital. Tais fatores, entre outros, confeccionavam o quadro econômico de São Paulo naquele momento.

É por bem se pensar que, em uma cidade em transformação acelerada, tudo que estivesse dentro dela estaria agindo mesmo que indiretamente em conjunto com o todo, ou seja, os fenômenos em suas constantes construções atuavam condensados e diluídos nas tramas sociais, econômicas e culturais da grande metrópole. Muitas das empresas que se instalavam na cidade construía, em suas estruturas físicas, espaços destinados à prática de atividades físicas, em sua grande maioria campos de futebol. Nos comércios que iam surgindo nessa cidade em mutação, principalmente em bares e botecos, os quais eram muito freqüentados, os assuntos sempre em pauta estavam relacionados diretamente aos times e acontecimentos de e sobre o futebol. Os diversos acontecimentos sociais, políticos, econômicos e culturais começavam a formar e reformar a cara da cidade de São Paulo. Novas tecnologias (aqui se pode pensar nas questões ligadas à informação) agregadas às novas demandas urbanas, iam ganhando importância e aderência, criando novos costumes entre a população.

Nas esferas culturais tivemos, no início do século XX, em específico na década de 1920, o movimento modernista, que se centrava em desenvolver rupturas. Segundo Rago (2004), os modernistas situavam-se às margens da cultura burguesa, lançando suas críticas contundentes e irreverentes à sociedade. Os modernistas recusavam-se a serem capturados e dominados pelos padrões normativos da estética e moral burguesa, ansiavam outras possibilidades de expressão e de sociabilidade. Eles trouxeram uma severa crítica aos costumes e de certa forma incitaram espécies de subversões dos parâmetros sociais, bem

como dos padrões estéticos. Segundo a autora, eles desafiaram a seriedade burguesa, criando uma espécie de culto à alegria.

É inegável que futebol e alegria sempre andaram lado a lado. Percebe-se que a grande metrópole estava passando por um intenso período de inovação e renovação, em diversos aspectos e de diversas maneiras. A própria questão da informação ganhava cada dia mais importância na vida cotidiana dos paulistanos. A imprensa, nesse sentido, começava a se firmar como um grande e abrangente veículo de informação em todos os níveis, inclusive nas questões esportivas.

2. IMPRENSA E FUTEBOL

2.1 A Imprensa Esportiva e o Futebol

O futebol passava por uma crescente popularização, as pessoas desejavam saber sobre ele. Essa demanda por informações esportivas, especificamente o futebol, fez com que os jornais dessem mais atenção para os acontecimentos relacionados aos esportes. Segundo Nelson Rodrigues (1996), não existia crônica esportiva no futebol no início, havia somente notícias sobre o futebol. Segundo ele, fora Mario Filho o inventor da crônica esportiva; ele passou a publicar entrevistas com os jogadores e fotos que mostravam o jogo em campo.

A crônica esportiva, ou como se queira chamar, o jornalismo esportivo, teve origem meio que paralela ao próprio profissionalismo no futebol. Mario Filho, segundo Negreiros (1998), serviu como uma espécie de contribuinte de uma nova forma de escrita jornalística. Tal fato abrangeu dois aspectos fundamentais - de um lado os interesses de clubes e jogadores, do outro os interesses de um novo mercado jornalístico. Já naquele momento inicial, a participação da imprensa possuía um caráter de promoção; ao mesmo tempo, o jornal criava a demanda e produzia o evento.

O autor diz que, em uma época em que o rádio ainda não era o veículo popular de narração do futebol e não havia ainda a televisão, todas as notícias e imagens do futebol chegavam e eram consumidas pelos jornais e revistas esportivas.

O jornal naquele momento possuía o poder de documentar todos os detalhes sobre os jogos ou o jogo no qual o torcedor leitor estivera ou não presente. Cabia a ele (jornal) retratar os desenrolares das disputas futebolísticas dominicais.

A Gazeta Esportiva, criada em 1928 pelo jornalista Cásper Líbero, dedicava sua atenção quase que exclusivamente ao futebol. A intenção do

referente jornal centrava-se, segundo Negreiros (1998), em estabelecer uma aproximação entre notícia e as classes populares. O referente jornal visava a seduzir os leitores no sentido de trazer temas os quais fizessem parte do seu dia a dia⁵¹.

Em se tratando do futebol, temos, nos anos de 1920 e 1930, referências glamorosas em relação aos torcedores e torcedoras. Mario Filho, em seu *Negro no Futebol Brasileiro*, destaca que o público que acompanhava os jogos era composto por famílias, senhores e senhoras da alta sociedade da época, com suas filhas ricamente vestidas à moda que se usava na Europa. Não somente essas pessoas freqüentavam os jogos, cabe ressaltar que nas “gerais”⁵² o público que comparecia aos jogos era composto por pessoas das classes mais baixas da sociedade brasileira.

Negreiros (1998) aponta que os jornais da época trazem a visão de que nesse período, os jogos de futebol, em específico os jogos de finais de semana, serviam como espécies de pontos de encontros da sociedade paulistana. No entanto, ele também observa que eram frequentes os casos de violência acerca das partidas. Tanto isso ocorria que a AMEA, em alguns jogos onde ocorresse disputa entre duas equipes com grande rivalidade, as torcidas eram separadas.

Tal fato fica evidente em uma matéria do Estado de São Paulo;

Verificando-se amanhã o encontro entre os quadros dos dois grêmios locais Paulista e Corinthians, o delegado de polícia tomou severas providências no sentido de evitar qualquer problema. Além da separação das torcidas, a separação se dará também em relação aos

⁵¹ É vital a importância do Jornal A Gazeta Esportiva nesse momento, em se tratando da divulgação do futebol, pois os esforços e estratégias diversas despendidas pelo jornal foram fundamentais para a expansão e divulgação do futebol em larga escala.

⁵² Local dentro do Estádio onde as pessoas assistiam ao jogo o tempo todo de pé.

botequins. O policiamento do estádio será dirigido pessoalmente pelo delegado de policia de Jundiahy.⁵³

A maioria dos acontecimentos relacionados a confusões naquele momento agregava-se ao fato de pessoas embriagadas ou espectadores que falavam muitos palavrões nos jogos incomodarem os demais torcedores, pois, naquele período, tais comportamentos eram abominados, haja vista o futebol ser um espetáculo para as famílias.

Outros fatores apontados como possíveis causas dos acontecimentos de violência dentro dos jogos relacionavam-se às más condutas das partidas pelos árbitros. A imprensa delegava a culpa de alguns conflitos à má atuação dos juízes.

Seguindo esse raciocínio, Da Silva (1996) mostra que a tolerância dos juízes em coibirem atitudes violentas entre jogadores, acabava inflamando a massa, ou seja, a violência transcendia os limites dos jogos, conseqüentemente dos gramados.

Os conflitos iam aumentando, ocorriam brigas entre jogadores e juízes, jogadores entre jogadores, torcidas e juízes, torcidas e jogadores, dirigentes de clubes e juízes, e às vezes todos juntos. As brigas espalhavam-se por todo o estádio, tanto arquibancadas quanto “gerais” entravam em sopapos. Segundo o autor, tais acontecimentos eram frequentes nas partidas de futebol.

Ocorria, nesse período também, por parte da imprensa, uma grande relação da violência dentro do futebol com o futebol varzeano, conseqüentemente a ligação da violência com as classes mais pobres. Quando ocorriam os chamados ‘sururus’, denominação dada pela imprensa aos acontecimentos conflitantes dentro do futebol, era usado o termo varzeano, como bem mostra essa matéria da Gazeta Esportiva;

⁵³ Jornal *Estado de São Paulo*, 03/04/1921, apud NEGREIROS, 1998.

Sim, afirmamos que nem todos os clubes varzeanos estão definitivamente preparados para os campeonatos. A várzea é grande, histórica e monumental, mas não está devidamente educada para a competição e obrigá-la a tanto será provocar os mais sérios conflitos que se poderá ter reconhecimento no futebol.⁵⁴

É interessante se pensar que a Gazeta Esportiva, ao mesmo tempo em que delegava a culpa dos ‘sururus’ a juízes e torcedores, também criava em suas publicações a idéia de que o torcedor não era somente um participante passivo do espetáculo, mas, sim, parte fundamental no mundo do futebol. Ele era tratado pelo jornal como sendo um desportista, fato esse que criou no torcedor a idéia de que ele possuía vital importância no processo. O diálogo entre a imprensa e torcedor criou um elo, o qual era refletido nos estádios lotados nos grandes jogos.

A Gazeta Esportiva também relata que, em muitos casos, os policiais agiam de forma exagerada, desproporcional, ocasionando mais confusão ao invés de combatê-la - como mostra essa reportagem;

Policiais exaltados fizeram uso de seus revólveres, atirando não só para o ar, mas também para a multidão, não se registrando, felizmente, vítimas. Entre os autores dos incidentes figuravam diversos militares, o que é bastante lamentável.⁵⁵

Cabe ressaltar que nesses momentos iniciais, embora as torcidas em algumas partidas já fossem separadas, ainda não existiam as torcidas uniformizadas e as torcidas organizadas.

Pimenta (1996), mostra que é nos anos 40 que ocorre o aparecimento das chamadas torcidas uniformizadas. Tanto o surgimento quanto as ações e a própria maneira de torcer das torcidas uniformizadas eram diferentes das

⁵⁴ Jornal *Gazeta Esportiva*, 07/07/1945. apud. NEGREIROS, 1998.

⁵⁵ *Idem*, 09/01/1939. Corinthians x Santos.

torcidas que surgiriam depois, as organizadas. É interessante apontar que, nesse momento, grande parte da imprensa não delegava a culpa dos casos de violência que aconteciam nas praças esportivas à torcida. Pimenta (1996) defende a idéia que a primeira torcida a aparecer de maneira uniformizada fora a torcida do São Paulo, que receberia o nome de Torcida Uniformizada do São Paulo F.C., fundada por volta de 1940 pelo tenente Manuel Porfírio da Paz.

Tais torcedores uniformizados formavam uma torcida diferente das que conhecemos hoje. Tais torcidas eram formadas por rapazes e moças distintas. Eram torcedores com distinção social, no início tais torcidas tinham relação direta com o clube, sendo sócios, conselheiros e até diretores. Ou seja, o vínculo com o clube era grande. Cabe ressaltar que os encontros desses torcedores uniformizados se davam de maneira quase que espontânea, pois os chefes de torcidas, em dias de jogos, organizavam sua torcida, como por exemplo, quais vestimentas seriam usadas, entre outras ações. É bom frisar que esses torcedores possuíam um vínculo estreito com os clubes.

É fato que imprensa esportiva apoiou o surgimento das torcidas uniformizadas, dando à elas destaque em suas matérias, como mostra o seguinte exemplo;

Bom rendimento na competição das torcidas arregimentadas e uniformizadas dos três grandes clubes da terra – o Corinthians, São Paulo e Palmeiras, que apresentaram belas alegorias e cânticos guerreiros, oferecendo espetáculo admirável de esportividade.⁵⁶

Tais incentivos, segundo Santos (1998), fora intenso nos anos de 1942 e 1943; a imprensa esportiva naquele momento alimentava consideravelmente a idéia de que as torcidas uniformizadas eram vitais na própria confecção do espetáculo futebol. Inclusive a imprensa narrava que as torcidas uniformizadas

⁵⁶ Jornal *Gazeta Esportiva*, . 19/06/1943. apud. NEGREIROS, 1998.

possuíam o melhor comportamento esportivo dentro do estádio, aconteciam disputas saudáveis, competitividades harmoniosas. No entanto, alguns acontecimentos de confusões entre torcidas já ocorriam em tal época. Surgiam naquele momento algumas situações hostis entre os torcedores comuns e os uniformizados, pois, era reservado às torcidas uniformizadas um respectivo lugar no estádio, fato que passou a incomodar outros torcedores que não faziam parte das referidas uniformizadas.

Uma matéria da Gazeta Esportiva retratou bem tais acontecimentos;

Declaram-nos os nossos informantes que de uns jogos para cá, vários indivíduos se colocam em redor da torcida, ou então na frente e passam a insultar seus componentes com palavrões, ou então dirigem gracejos que também vestem o uniforme alviverde. Disseram-nos ainda, que no prélio Corinthians x Palmeiras, realizado em disputa pela taça 'Cidade de São Paulo', um dos chefes da 'torcida' pretendeu repreender um desses indesejáveis e quase foi vítima de agressão por parte do mesmo indivíduo. Não é a primeira vez que recebemos queixas de acontecimentos dessa natureza, tendo se dado o mesmo com outras torcidas, pois existem muitos que chegam atrasados ao campo e pretendem enfronhar-se no recinto onde se encontram instaladas as torcidas uniformizadas, a fim de se colocar num bom lugar.⁵⁷

A própria imprensa, com esse discurso, legitimava a importância das torcidas uniformizadas, no sentido de colocá-las como sendo formadas pelos verdadeiros torcedores. Claro que é por bem relacionar o início de tais torcidas aos grupos de torcedores que faziam parte das mesmas - grupos formados por jovens da alta classe brasileira, os quais tinham ligações diretas com os clubes.

Outro dado importante a se destacar atrela-se ao fato de que se tinham poucos detalhes quando ocorriam os chamados 'sururus', pois eram poucas as

⁵⁷ Jornal *Gazeta Esportiva*, . 12/07/1943. apud. NEGREIROS, 1998.

justificativas ou tentativas de entendimentos dos fatos conflitantes dentro do futebol por parte da imprensa. A imprensa não dava tanta atenção para as questões relacionadas às brigas nos jogos ou fora deles. No entanto, já se encontrava nesse momento uma linguagem bélica estruturando o corpo do texto das matérias sobre casos de violência dentro do futebol. O linguajar bélico sempre fora empregado, bem como sua relação com as ações desenvolvidas pelos torcedores. Eduardo Galeano (1995) em trecho de seu livro *Futebol – ao sol e a sombra*, ilustra bem tal afirmação;

O inimigo não bateu em retirada, mas seus ataques não conseguiam semear o pânico nas trincheiras locais e se despedaçavam uma e outra vez contra nossa encouraçada retaguarda. Seus homens disparavam com pólvora molhada, reduzidos à impotência pela galhardia de nossos gladiadores, que se batiam como leões. E então, desesperados ante a rendição inevitável, os rivais lançaram mão do arsenal da violência, ensangüentando o campo de jogo como se tratasse de um campo de batalha. Quando dois dos nossos ficaram fora de combate, o público exigiu em vão o castigo máximo, mas impunemente continuaram as atrocidades próprias de um confronto bélico e indignas das regras cavalheirescas do nobre esporte do futebol.⁵⁸

Em conjunto com essa linguagem empregada, cabe ressaltar que os acontecimentos futebolísticos passam a ganhar grandes e chamativas manchetes. Principalmente em dias de jogos entre equipes rivais de expressão, tais eventos eram chamados de ‘grandes clássicos’. Diversos trabalhos acadêmicos versam que, de 1940 a 1950, ocorreram poucos casos graves de violências dentro do futebol. Casos que em sua maioria, eram provocados por pequenos grupos de torcedores e por razões pífias. Ora, pelo exagero de um ou outro torcedor

⁵⁸ GALEANO, Eduardo. 1995, p.19.

fanático embriagado ou exaltado, ora por razões mínimas, como má arbitragem, por exemplo.

É fato que, depois da decepção da Copa do Mundo de 1950, na qual o Brasil perdeu o título mundial em pleno Maracanã aos olhos de aproximadamente duzentas mil pessoas, e a redenção brasileira na Suécia em 1958, onde o Brasil sagra-se pela primeira vez campeão mundial, o futebol realmente toma dimensões estrondosas e magnânimas no aspecto tanto de uma divulgação contundente de massa, como também se configurando como uma incontrolável e incontestável paixão nacional. E é nesse contexto dos anos de 1960 e 1970 que surgem as chamadas torcidas organizadas.

2.2 O surgimento das torcidas organizadas em São Paulo

Paulistano culpa torcida organizada por violência. As torcidas organizadas são as principais culpadas pela violência no futebol brasileiro. Esta é a opinião da maioria dos paulistanos segundo pesquisa Datafolha. O Datafolha entrevistou 630 pessoas da cidade de São Paulo, maiores de 16 anos, no último dia 14 e 61% delas acusaram as organizadas pelo terror nos estádios. A polícia aparece em segundo lugar na pesquisa, com 12%, seguida pelos dirigentes (9%) e pelos clubes e jogadores (2%). Dos 630 entrevistados, 11% preferiram outras respostas e 3% disseram que não sabem. Apesar de culparem as torcidas organizadas, 56% dos entrevistados defendem a sua existência. Apenas 39% entendem que a solução para o problema seria a extinção das torcidas (...)

A imprensa na década de noventa já se ‘preocupava’ com a relação das torcidas organizadas com os acontecimentos pertinentes aos casos de brigas no estádio e arredores. Fica claro a diferença tanto de importância quanto de

atenção que era dada pela imprensa esportiva escrita se comparado com as análises que a mesma imprensa fazia das torcidas uniformizadas da década de 1940 e 1950. A questão que incomoda é o porquê de tais posicionamentos diferentes. Seguindo na matéria,

(...) Os são-paulinos apresentam o maior índice de rejeição às organizadas: 71% deles responsabilizam-nas pela violência e 41% acham que elas devem acabar. O menor índice de rejeição é dos corintianos: 64% deles defendem a sobrevivência das torcidas. Em 94, sete pessoas morreram em consequência de conflitos entre torcidas. Mas, apenas dois torcedores foram presos este ano. Só em outubro, quatro pessoas morreram por causa da violência no futebol. Dois torcedores também foram espancados, quando tentavam comprar ingressos na subsede da Mancha Verde, em Santo André. O reflexo imediato da violência somada à impunidade foi a queda do público nos estádios.⁵⁹

A matéria apresentada acima traz todos os personagens que atuaram e atuam ativamente no mundo do futebol. O texto apresenta dados resultantes de uma pesquisa que visava a apontar posicionamentos quantificados sobre as questões relacionadas à violência dentro do futebol.

Na década de 1990, o foco principal em se tratando da violência no futebol eram as torcidas organizadas. Elas, por sua vez, eram apontadas como o principal fator de desencadeamento de fenômenos violentos no mundo da bola. Diversas discussões surgiam derivadas das ‘ações’ de grupos de torcedores organizados. Todas as esferas da imprensa, quer fosse a televisiva ou a impressa, destinavam atenções a esses grupos. Sem dúvidas esses grupos estavam diretamente relacionados aos principais acontecimentos de violência dentro do

⁵⁹ *Jornal Folha de São Paulo*, 26/12/1994. p. 10.

futebol; no entanto, é por bem pensar como esses mesmos grupos chegaram a esses estágios. Para isso é necessário um resgate histórico dos momentos iniciais da sua formação.

A configuração desses grupos de torcidas organizadas se remete a década de 1960, quando ocorria nos estádios um constante esvaziamento de torcedores. Tal fato passou a preocupar dirigentes de clubes, as federações e a imprensa.

As torcidas uniformizadas já não enchiam os jogos, conseqüentemente não eram mais notícia. Um dos argumentos utilizados para se justificar o esvaziamento dos estádios relacionava-se com a venda dos principais jogadores para o exterior, como também o alto preço dos ingressos, as transmissões de jogos pela televisão e a falta de segurança nos estádios. O fato é que os estádios estavam ficando com cada vez menos espectadores.

Para reverter esse quadro, diversas campanhas foram feitas no intuito de levar novamente o torcedor aos estádios, entre elas a abolição do ‘palavrão’, o incentivo à volta das famílias e a presença feminina nos jogos. Em conjunto com isso foi também bolada uma estratégia para ‘animar’ os jogos, era incentivada inclusive pela imprensa a formação de pequenos grupos portando instrumentos musicais que se incumbiriam de tocar músicas que incentivassem o time durante todo o jogo. Tais grupos de pessoas deviam se posicionar ao lado das chamadas torcidas uniformizadas.

Cabe ressaltar também que, nesse período, diversas transformações estavam acontecendo no Brasil, principalmente em São Paulo. As dinâmicas sociais já eram bem diferentes em relação aos anos anteriores. A cidade de São Paulo passava por um intenso processo de industrialização e, em conjunto com isso, eram ditados novos ritmos de trabalho. As pessoas já não tinham tanto tempo para se dedicarem às questões atreladas ao espetáculo futebol, ou seja, os ensaios e preparativos feitos pelas torcidas uniformizadas e seus membros, que antes eram abundantes, já não aconteciam com freqüência, nem a participação

maciça dos torcedores nessa preparação. Muito na década de 1960 ocorreu dessa maneira, com os torcedores uniformizados distanciando-se de seus clubes.

É no ano de 1970, com a conquista do tri-campeonato, que o futebol passou novamente a ser o centro de atenções no Brasil, principalmente pela grande ênfase dado pelo governo militar ao esporte. É fato que, nesse período, o futebol foi muito utilizado pelo governo como um aparato de propaganda ideológica; no entanto, é errado afirmar que o futebol nesse momento somente cumpriu essa função⁶⁰.

Aí ocorreu outro fenômeno importante, começou a surgir intensivamente uma relação dos torcedores com o time de futebol e não mais com o clube como era antes. Consequentemente, as torcidas que vão surgir nesse momento são adeptas ao time, sem vínculo nenhum com o clube.

Segundo Da Silva (1996);

Tudo isso retrata uma mudança da vida nas cidades como um todo. Certamente a cidade não era mais uns poucos bairros, com algumas ruas importantes, com comércio e bancos, clubes de gente fina e parques para o povo desfrutar o seu lazer nos finais de semana. A cidade havia crescido e fazendo parte desse crescimento havia uma população que também queria participar do que de mais moderno havia nessa sociedade. A relação dos espectadores de futebol também reflete essa mudança. Nesse momento não é mais necessário ser sócio do clube nem freqüentar os salões de dança. Basta conhecer as regras do jogo e os nomes dos jogadores e pronto; já se podia defender as cores do time. Nesse momento o vínculo do torcedor é com o jogador, o craque. O clube lhe parece uma instituição mais distante.⁶¹

⁶⁰ A esse respeito, deve-se ler GUTRMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: O caso da Copa de 70, Dissertação de Mestrado em história apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2006.

⁶¹ DA SILVA, 1996, p. 109.

Nesse momento, a cidade de São Paulo vive uma aceleração urbanística absurda, acompanhando sua necessidade em atender as exigências da industrialização. Junto com esse aceleração, surgem as contradições da modernização na cidade. Ocorria uma produção de bens de consumo em massa, no entanto, nem todos podiam acompanhar tais processos. Boa parte da população não conseguia se incluir efetivamente nessas novas demandas. Da Silva versa que;

As feições da cidade são rapidamente transformadas durante os anos 70. O automóvel é o maior símbolo do progresso, e a classe média, que cresceu com o chamado ‘milagre econômico’, produzido pelo governo militar vigente no período, passa a desfrutar o que de mais moderno a cidade pode oferecer. As comunicações também alcançam um crescimento nunca verificado, e a Copa do Mundo de 1970 é a primeira que a população brasileira pode acompanhar pela televisão. O setor terciário também cresce muito nessa época, com novas instituições financeiras e de serviços. O grande marco dessa época é o surgimento dos ‘shopping centers’. Ao mesmo tempo, essa população que se formou nos bairros periféricos e municípios vizinhos permaneceu com poucas conquistas no sentido de uma qualidade de vida satisfatória.⁶²

Os jovens nesse momento aderem aos novos padrões de comportamento vigentes em sociedade. Um considerável aumento no mercado de bens culturais, bem como estéticas novas atreladas a produtos típicos do futebol passam a constituir o imaginário desses jovens torcedores. O futebol passava naquele momento por uma espécie de autonomização. O futebol recebia da mídia uma atenção especial, fato que reforçou o já estabelecido esporte mais popular do país. Tanto cinema, quanto a indústria fotográfica e um aumento considerável de

⁶² DA SILVA, 1996, p. 110.

publicações de livros e revistas, fizeram com que o futebol receba um destaque ímpar no cenário nacional.

Os jovens desse período começaram a organizar-se em grupos para irem aos estádios. Não eram mais como os torcedores uniformizados, os quais refletiam certo romantismo ao ato de torcer, mas sim se apresentavam como grupos realmente ‘organizados’, com cargos hierárquicos, regras, hinos próprios, entre outras coisas.

Segundo Santos (1998);

No Brasil, essas torcidas surgem no final de 1968, no Rio de Janeiro e no início de 1969, em São Paulo. As primeiras torcidas organizadas de São Paulo foram a Gaviões da Fiel do S. C. Corinthians Paulista e a Torcida Jovem do Santos F. Clube, ambas fundadas em 1969. A Camisa 12, também logo em seguida, no ano de 1971. A Torcida Tricolor Independente do São Paulo F. C. apareceu em 1972, no mesmo ano da Leões da Fabulosa da A. A. Portuguesa. A Mancha Verde, composta por torcedores da S. E. Palmeiras, foi fundada em 1983.⁶³

Todas essas torcidas ganharam realmente forma nos anos 80 e 90, e é justamente nesse período que a imprensa começa a apontar essas mesmas torcidas como responsáveis diretas pela violência dentro do futebol.

⁶³ SANTOS, 1998, p. 63.

3. A DÉCADA DE 1990 – MÍDIA E FUTEBOL EM ACELERAÇÃO

3.1 Os agitados anos 90

Os anos 90 sem dúvida foram anos agitados no cenário mundial, diversos acontecimentos em diversas esferas eclodiram intensamente. Na política, na economia, na cultura, nos esportes, enfim, tal década representou um momento conflitante e denso no mundo todo.

O esporte teve jogos olímpicos e copas do mundo sendo transmitidas de maneira global e simultânea. A chamada globalização pode ser percebida de maneira sintética através dos eventos esportivos do referido período. O esporte nessa década especificamente deixou claramente transparecer que as ‘competições’ transcendiam as questões meramente esportivas. Ocorreram grandes investimentos - inúmeras multinacionais investiram fortemente em atletas, equipes, eventos e produtos.

Um dos fatores marcantes do cenário esportivo dos anos 90 foi, sem dúvida, a participação maciça da mídia cobrindo os eventos esportivos. A imprensa, quer seja televisiva, radiofônica ou escrita, dedicou-se agressivamente à cobertura dos principais eventos relacionados ao mundo dos esportes.

O futebol nesse período passou por grandes transformações, ocorreu uma busca por uma nova estética em termos mundiais. Um processo que timidamente começara na década de 80, passa nos anos 90 a se tornar comum e fluente; a transferência de jogadores latino-americanos e africanos para clubes europeus torna-se frequente. Negociações milionárias se tornam comuns e ganham grande destaque na mídia. O futebol configura-se naquele momento como um grande e próspero negócio.

A vasta cobertura dos eventos esportivos pela mídia evidenciava continuamente e pluralmente o esporte no cenário mundial, em específico o

futebol, considerado o esporte mais popular do mundo, e passa a ser visto e lido de maneira ‘global’ por quase todas as pessoas do planeta.

Segundo Foer (2005) o futebol é tão presente na vida das pessoas nos mais variados países que reflete uma nova ordem mundial, sintetiza em suas tramas as diversas pulsações presentes na sociedade contemporânea, e apresenta-se como um fenômeno complexo. Os clubes de futebol, mais do que meramente clubes esportivos, espelham classes sociais e ideologias políticas. Percebe-se que em muitos momentos o futebol inspira nos torcedores devoções mais intensas que as próprias religiões.

As mudanças presentes no mundo nos anos 90 vem acompanhadas de perto pela cobertura midiática. Os principais acontecimentos em sociedade são retratados de maneira significativa, intensa e contraditória. Como o esporte, segundo Elias (1992), não está à parte da sociedade, mas sim emaranhado na mesma, os acontecimentos esportivos servem para evidenciar as tramas presentes em sociedade. Um dos fatores mais presentes no meio esportivo na década de 90 sem dúvida foi o fenômeno da violência. O futebol em escala global apresenta inúmeros casos de violência. No Brasil são muitos os acontecimentos em praças de futebol que acabam em violência generalizada. Um desses grandes exemplos é o acontecimento ocorrido entre torcidas em 20 de agosto de 1995, num jogo entre São Paulo e Palmeiras, pela Super Copa de Juniores no Estádio Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu), o qual é apresentado aqui na íntegra, devido à gravidade de tal acontecimento:

As torcidas de Palmeiras e São Paulo travaram uma guerra, ontem, no estádio do Pacaembu. A batalha, de socos, paus e pedras, aconteceu em seguida à conquista, pelo Palmeiras, da Supercopa São Paulo de Juniores, pouco depois do meio-dia. Segundo balanço oficial, 80 torcedores e 22 policiais saíram feridos. Um dos feridos graves é Paulo Serdan, presidente da Mancha Verde, a maior e mais violenta torcida organizada do Palmeiras, atingido no olho esquerdo.

Serdan foi atendido no hospital São Camilo (zona oeste de São Paulo), mas não corre risco de ficar cego desse olho. Há também oito internados no Hospital das Clínicas e quatro na Santa Casa, ambos na região central de São Paulo. Um torcedor foi operado na cabeça. Jean Silva Bosco, que foi atingido com uma paulada na cabeça, está desaparecido, segundo sua mãe, Vandete (...)

Como fora abordado no segundo capítulo, a imprensa se atém às ações dos torcedores das organizadas durante a narrativa da matéria. É fato que a narração deva se centrar em seus atores principais, no entanto cabe aqui refletir e se possível compreender por que a narração se dá da maneira como foi confeccionada e quais as reais intenções e as possíveis razões das ações desprendidas pelos envolvidos na situação em questão, aqui pensando tanto nos protagonistas torcedores, como nos jornalistas formadores de opinião.

Seguindo ainda na mesma matéria;

(...) A destruição de partes do alambrado, de cadeiras do estádio e o risco de novos conflitos levaram o presidente interino da Federação Paulista de Futebol, Rubens Aprobato Machado, a adiar a partida Corinthians x Bragantino. Esse jogo, pela primeira rodada do Campeonato Brasileiro, ocorreria às 16h no mesmo estádio. A FPF também proibiu a realização de jogos de futebol no Pacaembu, por prazo indeterminado (...)

Ainda na mesma matéria aparecem outros atores no cerne do conflito, o que evidencia a abrangência do futebol enquanto fenômeno social e cultural. A imprensa, nesse momento, apresenta tais ‘personagens’ à história, e posteriormente volta à descrição novamente ao fato ocorrido;

(...) Os conflitos começaram dois minutos depois que o atacante Rogério fez o único gol do jogo, aos 5min50 do primeiro tempo da prorrogação. Seguindo o sistema de “morte súbita”, o gol decretou o fim do jogo, com a vitória do Palmeiras. Imediatamente, centenas de palmeirenses situados junto à entrada principal do Pacaembu pularam o alambrado e foram comemorar o título no campo. Foi a primeira conquista do clube no futebol neste ano. Um grupo palmeirense seguiu até um dos locais reservados aos são-paulinos e provocou-os. Estes abriram um portão, entraram no setor do tobogã - setor do estádio que está em obras - e passaram a atirar sobre os palmeirenses pedras e paus que estavam sobre um monte de entulho. Não havia ninguém para impedir que o entulho fosse usado como arsenal. Os jogadores palmeirenses Adaílton e Adriano Lima também foram atingidos. Nesse momento, havia de 25 a 30 PMs dentro de campo, segundo o major Silvio Roberto Villar, subcomandante do 2º Batalhão de Choque da PM. Um minuto depois do início das pedradas, outro grupo são-paulino conseguiu derrubar uma parte do alambrado que isola o campo. (...)

Cabem nesse momento, reflexões atreladas tanto ao acontecimento como a maneira que a imprensa divulgou o mesmo. Santos (1998) quando se remete à violência, aponta que a mesma apresenta-se como um fator agregador em se tratando dos jovens pertencentes às torcidas organizadas; a autora usa o termo ‘explosões orgiásticas’ quando se refere às ações de agressões e brutalidades que os jovens mostram em dias de jogos. Lipovetsky (1989) apresenta a idéia de que hoje, diferentemente de outras épocas que apresentavam quadros de violência, existem fatores que a impulsionam e a dão evidência, ele chama esses fatores de intermediários - um deles para o autor é a mídia, a qual, segundo ele, exacerba e alimenta a própria violência. Santos (1998) aponta que, nessa relação temporal entre aparatos tecnológicos midiáticos, contextos culturais e sociais e as pessoas, ocorrem nas sociedades processos contínuos de desumanização. Pegando essa

idéia ainda na referente matéria percebemos tais argumentos se concretizarem em ações ‘reais’;

(...) Armados de paus, invadiram o campo e agrediram palmeirenses. Estes reagiram e fizeram os são-paulinos retroceder. Em cada um desses movimentos de avanço e recuo, algumas pessoas ficavam para trás. Muitas foram agredidas, a maioria delas a pauladas e pedradas. “Estava uma guerra. Minha mãe me proibiu de ir a estádios de novo”, disse o torcedor Claudilson Ferreira, 17. Com nove minutos de conflito, os PMs que estavam no campo receberam reforço e separaram os torcedores. Cerca de uma hora após o conflito, quando a torcida do Corinthians esperava para entrar, foi decidido o adiamento do jogo da tarde do Brasileiro. Desta vez não adianta culpar apenas as torcidas organizadas. O show de selvageria que se transformou o Pacaembu numa arena de gladiadores. Foi o resultado não só da barbárie animalésca de alguns torcedores, mas principalmente da irresponsabilidade dos responsáveis pela liberação do estádio. O campo, interditado parcialmente por falta de segurança, foi aberto para duas das mais fanáticas torcidas do Brasil ainda em obras e com grande quantidade de entulho. E com um agravante: sem policiamento suficiente.⁶⁴

Essa matéria evidencia a potencialidade de tal fato, pois esse acontecimento reverberou de maneira contundente na sociedade, mostrando o verdadeiro estágio e ações de brutalidade já comuns nos estádios e arredores, que, no entanto, nunca tinham sido vistos em tempo real pela televisão, fazendo chegar completamente à tona todas as implicações dos fatos ocorridos. Tal fato ocasionou uma repercussão ímpar se tratando da exposição da violência em grande escala.

⁶⁴ A *Gazeta Esportiva*, 22/08/95, p. 03.

Toda a discussão sugerida, ou apresentada pela imprensa, em nenhum momento apresenta a mesma imprensa como um possível fator influenciador da violência. Partindo dessa idéia pode-se se pensar; qual será a influência da imprensa nos acontecimentos violentos resultantes do futebol? É sabido que na década de 1990 foi intensa a participação da imprensa na vida das pessoas, sendo assim, como a mesma pode ter influenciado o entendimento e conseqüentemente as ações dos indivíduos em sociedade? Quando um fato é mostrado pela imprensa, toda a sociedade passa a acompanhá-lo - no caso da imprensa esportiva escrita, diariamente. Ou seja, as discussões relacionadas ao futebol, segundo Sevckenko (1994), estão presentes em todas as esferas sociais das sociedades contemporâneas, principalmente no Brasil, onde o futebol está inserido na própria vida do brasileiro. As seções esportivas nos jornais, bem como os programas esportivos na televisão, eram e são acompanhados continuamente pelos apaixonados pelo futebol. Existe uma cultura futebolística intensa e contínua no Brasil, isso posto, fica claro que o brasileiro leva o futebol muito a sério, incorporando o mesmo ativamente em suas vidas. A imprensa nesse sentido atua como um eficiente instrumento no sentido de alimentar essa 'cultura' futebolística no povo brasileiro. Ela se apresentou e se apresenta como um eficiente aparato mercadológico, como um eficiente agente na e da indústria cultural. Adorno (2002) defende a idéia de uma eficaz manipulação da indústria em relação às próprias tendências a serem geradas, mantidas ou trocadas em sociedade; a indústria cultural para esse autor aparece como astuta e metamórfica - isso, é claro, visando a atender seus respectivos interesses. Daí a importância em se analisar matérias que antecedem clássicos. Em dias anteriores a grandes jogos a atenção da maioria da população se volta para os mesmos. As rotinas televisivas são modificadas por razões relacionadas ao jogo em si, ou à cobertura do jogo. Grandes decisões geram curiosidade e procura sobre informações referentes ao evento, os jornais impressos são consumidos abundantemente, fato esse que mostra a importância das matérias que antecedem

os grandes jogos. Uma das preocupações a respeito dessas matérias pauta-se no cuidado na sua própria confecção, pois algumas são compostas por sugestões (incitações) à violência, como mostra a seguinte matéria da Folha de São Paulo de Dezembro de 1998:

Corinthians e Santos fazem um jogo de risco hoje, dentro e fora de campo. Na primeira rodada das semifinais do Campeonato Brasileiro, às 18h30, na Vila Belmiro. Fora de campo, o jogo é de risco, segundo o comandante da Polícia Militar na Baixada Santista, coronel Fernando de Paula Lima Júnior, porque envolve duas das maiores torcidas, em tamanho e em rivalidade. Por esse motivo, ele aumentou em 75% o contingente de policiais no estádio, que terá uma "operação de guerra" nas imediações (...)

Partindo de uma análise do texto da respectiva matéria, encarando a mesma como um aparato informacional e relacionando o corpo do texto com as questões que permeiam a cultura de massas em nossa sociedade, pode-se aproximar alguns fatores fundamentais em relação a como a imprensa tratou o referente caso. As informações apresentadas no corpo do texto atuam mais como fator de tensão e pulsão do que informativo ou profilático. Santos (1998), em sua dissertação de mestrado, apresenta uma situação em que ela estava entrevistando alguns torcedores na sede de uma torcida e um dos integrantes chegam ao local com uma série de jornais que traziam em suas principais manchetes informações sobre uma briga que tinha acontecido entre e referente torcida e sua rival em um jogo. De imediato todos os torcedores que estavam ali passaram a procurar imagens suas nos jornais. Esse relato mostra o fascínio que tais acontecimentos geram nos torcedores, bem como o resultado pós-acontecimento, resultado que se reflete em um consumo intenso dos jornais. Ocorre uma busca pelas informações relacionadas ao mesmo. A autora observou a importância que a mídia exerce na construção do imaginário coletivo dos

torcedores. Tendo isso claro é fácil concluir que, partindo dessa premissa, a imprensa cria formas de trabalhar esse mesmo imaginário de maneira prévia;

(...) Dentro de campo, o risco está nas jogadas violentas. Existirá um Policiamento militar para o clássico, com auxílio da cavalaria e dos cães da corporação além dos homens que atuarão no trânsito e de outros 80 seguranças particulares da FPF (Federação Paulista de Futebol), 40 do lado de dentro e outros 40 do lado de fora. Na última partida na Vila Belmiro, contra o Sport, o esquema de segurança mobilizou 200 policiais. De acordo com o coronel Lima Júnior, a PM vai criar em volta da Vila Belmiro um "bolsão" de segurança, interditando uma área à qual só terão acesso torcedores com ingresso. "Os torcedores sofrerão uma revista minuciosa. O objetivo é apreender armas e fogos de artifício (que na partida da última quarta, contra o Sport, foram disparados no gramado antes de o jogo começar)", afirmou o Capitão de Polícia. Segundo ele, os fogos de Artifício são introduzidos no estádio por meio de cordas puxadas do alto da arquibancada do portão principal, onde normalmente ficam os agrupamentos organizados de torcedores do Santos. As torcidas estarão separadas. Os corintianos ocuparão a arquibancada do gol de fundo. Um cordão de policiais fará o isolamento entre as duas torcidas. Esse cordão vai estreitar ou alargar o espaço da torcida visitante de acordo com a quantidade de corintianos na Vila Belmiro.⁶⁵

Percebe-se claramente nessa matéria que, além da descrição atrelada ao evento, acontece uma espécie de potencialização de eventuais acontecimentos que por ventura poderiam ocorrer no jogo. A confecção da matéria em muitos momentos se posta de maneira até repetitiva em alguns pontos, principalmente

⁶⁵ Jornal *Folha de São Paulo* 07/12/1998, p.12.

os relacionados a possíveis acontecimentos de violência. Existe uma clara intenção em amplificar de maneira hipotética acontecimentos que por ventura poderiam acontecer. Seguindo essa linha de raciocínio, outra matéria auxilia a elucidar tal intenção da imprensa;

Palmeiras quer aproveitar a 'violência' dos gaúchos. O Palmeiras pretende usar a "violência" do Internacional como uma arma a seu favor para vencer o jogo de hoje, às 17h, no estádio do Morumbi, pelas semifinais do Campeonato Brasileiro. O Inter foi o time mais faltoso da primeira fase do torneio nacional. Na média, a equipe dirigida por Celso Roth cometeu 32,6 infrações por partida. "Temos de fazer com que as faltas do adversário sejam usadas a nosso favor, com cartões e expulsões para eles", disse o técnico do Palmeiras, Luiz Felipe Scolari. O Palmeiras, na média, sofre 26 faltas por jogo. O time paulista comete 25,1 infrações, igual à média da primeira fase do Brasileiro. O treinador afirmou que vai orientar seus jogadores a tentarem tirar da partida atletas do time gaúcho que já tenham cartões amarelos. Os palmeirenses vão usar as jogadas individuais como meio de fazer o jogador 'pendurado' cometer mais infrações e, conseqüentemente, ser expulso. "O cara que não usar isso a seu favor deveria usar uma placa de burro na testa", disse Scolari. Os jogadores do Palmeiras acham que a forma viril de atuar do adversário pode ser considerada normal e previsível. "É o estilo gaúcho. Do Paraná para baixo é assim. Mas, pelos jogos que assisti do Inter, não é um time violento. São viris, mas sem maldade", disse o meia Alex, que recebe 1,9 falta por jogo. O jogador tem a receita para fugir das faltas dos atletas do Inter. "Temos de usar as tabelas rápidas e as qualidades individuais de cada um", afirmou. Alex deveria estar preocupado, já que ele deverá ser marcado pelo meia Anderson. O atleta faz, na média, cinco infrações por jogo.⁶⁶

⁶⁶ *Jornal Gazeta Esportiva*, 16/11/1997. p.08.

O que se deve pensar em relação a tais informações dadas pela imprensa esportiva escrita? Elas possuem intenções em informar, sugerir ou incitar? Segundo a reflexão de Bourdieu em relação à '*instância legítima de legitimação*', pode-se pensar na questão de como a violência vende tanto antes enquanto hipótese, quanto depois enquanto fato. Tal raciocínio se apresenta pertinente devido ao fato de como se apresentam abrangentes (no sentido de apontar os diversos atores sociais envolvidos) os fenômenos de violência. Em relação à violência exercida no meio futebolístico fica evidente que os conflitos, bem como as tensões geradas no mesmo, fazem parte de uma dinâmica ligada a manifestações diversas circulantes na própria sociedade, a qual, por sua vez, alimenta uma espécie de imoralidade cultural da violência. Esse conceito surge partindo do ponto de que, em seus processos civilizatórios atrelados às questões oriundas dos planos racionais, toda a violência em sociedade pode ser justificada e legitimada. Ou seja, atos violentos são encarados como 'algo' passional e ao mesmo tempo racional, não no sentido de clareza e sensatez por parte do agente ou ator principal do fato ou dos fatos, mas sim, no sentido de racionalizar atitudes rechaçadas de tensão emocional. A justificação, bem como a legitimação que se evidência constantemente nos planos lineares das relações sociais, em se tratando das torcidas, acabam gerando ciclos representativos, ciclos atuantes dentro delas, ciclos que geram ações oriundas de entendimentos que se autojustificam, ou seja, os torcedores criam códigos morais e éticos próprios e seguem-lhes à risca.

Partindo dessa idéia pode-se pegar como exemplo a seguinte matéria;

Em faixas e uniformes, torcida palmeirense ignora nome criado para driblar Justiça, viaja e celebra violência - Mancha segue Verde em sua reestréia. Um encontro de camaradas, que há muito não se reuniam para celebrar a paixão proibida. Assim foi a viagem da torcida Mancha Verde ao Rio para acompanhar o Palmeiras na final.

O nome nem poderia ser empregado, pois a organizada, a maior do Palmeiras, foi extinta pela Justiça em 1996 e, para driblar a decisão e poder torcer, seus membros criaram a Mancha Alviverde. Mas o que se viu foi que a nova torcida só existe mesmo no 3º Cartório de São Paulo, onde foi registrada há menos de duas semanas (...)

Nesse exemplo percebe-se que a imprensa (que não se atém em mostrar-se mais crítica ao fato) preocupa-se em como conduzir a informação em relação às ações narradas na matéria, as informações apresentam traços de interesses específicos que se cruzam, de um lado as ações da torcida em questão, de outro a imprensa legitimando tal ação.

Seguindo ainda na mesma matéria

(...) Desde 6h de um domingo quente, quando os palmeirenses começaram a se aglomerar embaixo do viaduto Pompéia (zona oeste de São Paulo), local de saída da caravana de 25 ônibus (1.200 passageiros), ficou claro que a Mancha mudou de nome para seguir a mesma. Para cada dez palmeirenses que chegavam, nove vestiam camisa da Mancha Verde. Nem boné, nem fita, nem faixa, nem camiseta, nada estampava o "alvi" incorporado recentemente à Mancha. A justificativa dos diretores, de que "não deu tempo" para fazer o novo material, esbarrava em outras evidências. Aos poucos, os gritos incitando a violência, banidos dos estádios paulistas, ganhavam volume. "A Mancha Verde dá porrada em qualquer um / Se duvidar, a Mancha Verde mata um / Ê, ê, ê, ê, ê, quem é da Mancha Verde dá porrada pra valer / Até morrer", cantavam os torcedores, a maioria jovens entre 14 e 20 anos (...)

Nesse momento o desenrolar da matéria começa a apresentar seus paradoxos, é fato que a hiper-realização está presente nas confecções das matérias jornalísticas, e é fato que mesmo de maneira superficial a imprensa esboça tentativas críticas ao fato acima descrito. A questão é como tal informação reverbera na cabeça do torcedor-leitor, já que o mesmo desprende suas ações baseado nos seus códigos de conduta.

Ainda seguindo nessa matéria;

(...) integrantes do núcleo de Diadema desfraldavam uma enorme faixa que mostrava o boneco Mancha Verde com um machado em uma mão, revólver na outra, pisando o cadáver de um "gavião" (torcedor corintiano). "Passei a semana fazendo. O ódio segue", disse o autor da pintura, que não quis se identificar. A produção era compreensível: seria a primeira vez que a Mancha, considerada no começo da década a torcida mais violenta do país, poderia oficialmente entrar em um estádio a caráter desde que foi proibida de atuar, em 1995. "A última vez que teve uma reunião assim foi no Paulista-95, em um Palmeiras x Corinthians em Presidente Prudente. Eu estava na maior ansiedade, acreditando que um dia isso voltaria, só não sabia a hora", disse o pintor desempregado Natal Antônio Barros, 29.⁶⁷

As contradições dêem relação a como a imprensa percebe a questão das torcidas organizadas ficam evidentes nas diferenças de posicionamentos entre uma matéria e outra Na matéria acima percebe-se que existe certo posicionamento relacionado à própria 'estética' que apresentam as torcidas organizadas, no entanto, na matéria abaixo, novamente encontram-se os intermináveis paradoxos em se tratando da condução midiática em relação às opiniões desferidas sobre as torcidas;

⁶⁷Jornal *Estado de São Paulo*, 22/12/1997. p.09.

Festa coletiva acabou. O suposto cartão vermelho levado pelas torcidas organizadas fez diminuir a violência nos estádios. É verdade. Mas junto com a violência, uma boa parte, talvez a melhor, da alegria e do espetáculo, também foram embora. Um estádio inteiro sem sequer uma bandeira tremulando é o que há de mais anticlímax. A entrada dos jogadores em campo, que antes era um grandioso espetáculo coletivo de imagens, com coros, coreografias, papel picado e fogos de artifício multicoloridos, virou uma minguada e nada fotogênica recepção com gritos dispersos e desconectados. O que era uma festa coletiva, com todos os rituais que atribuem ao torcedor uma identidade de grupo, passou a ser uma egotrip. Muitos agora se desprendem da massa para torcerem solitários nos muitos clarões das arquibancadas. Desprovido de seus ritos coletivos, sem bandeiras e fogos, o torcedor de agora tenta resolver a questão, e a tensão, no grito. A única forma de manifestação possível.⁶⁸

Tais matérias sintetizam bem os anos de 1990, contradições, estéticas comunicacionais renovadas e interesses diversos de consumo condensados em todas as esferas da sociedade, tudo isso acontecendo simultaneamente em espaços urbanos complexos, espaços unidos por cenários evidentes de crises, espaços regidos sob lógicas peculiares intensas, conflitantes e principalmente constantes.

3.2 Crises e novas tendências

A década de 1990, em quase toda sua extensão, apresentou acontecimentos diversos que se evidenciavam através da violência⁶⁹. A

⁶⁸Jornal *Folha de São Paulo*, 02/06/1997. p.04.

⁶⁹Lipovetsky (1998) traz uma linha de raciocínio direcionada ao niilismo ou à perda total dos sentidos como característica dos tempos atuais. Segundo o autor isso pode ser explicado sob o prisma de uma derivação da ruptura da fase atual com a fase inaugural das sociedades modernas, democráticas, disciplinares e convencionais que predominavam até os anos de 1950. A partir de tal época o autor aponta novas formas de controle dos

constituição de novas formas de relações sociais se deu de maneira intensa e confusa. Os próprios espaços urbanos adquiriram novas formas e sentidos. As cidades ganharam novas estruturas, tanto físicas, quanto simbólicas. Novos grupos urbanos e novas representações surgem nesse período. É nos anos 90 que mudanças significantes iniciadas em décadas anteriores se exteriorizam claramente, novos pensamentos científicos, novas tecnologias de destruição em massa, uma disputa ideológica presente em quase todo o século XX eclodiu vorazmente nos anos 90. Os reflexos das bombas jogadas em Hiroshima e Nagasaki como o medo de uma guerra nuclear, posteriormente o esfacelamento da URSS, a queda do muro de Berlim, entre outros acontecimentos, deram forma ao que representou os anos 90, anos de incertezas e desconfianças. Todos esses significantes fatos, resultado segundo Hobsbawn (1995) de um século extremo, estiveram presentes nas dinâmicas sociais da década de 1990.

A comunicação e a informação, nos anos 90, mais do que nunca passam a se entranhar em todas as esferas da sociedade. Os processos comunicacionais passam a se postar como vetores da sociabilidade humana, acontece uma hiper-realização do real e conseqüentemente do social.

Segundo Santos (1998) o exagero torna-se protagonista em uma sociedade marcada pelo excesso. Vivemos na sociedade, segundo tal autora, da proliferação, daquilo que cresce continuamente sem, no entanto, ser medido por seus próprios fins. Santos, afirma que nosso sistema é o da não-contradição, do entusiasmo, do êxtase e da estupefação diante dos processos que não tem sentido, ou que teriam sentido demais; isso fica evidente pegando-se como exemplos as matérias apresentadas anteriormente.

Os anos 90 sintetizam discussões iniciadas desde a década de 60 sobre as crises que as sociedades contemporâneas sofreram e sofrem. Uma das características mais latentes de tal período é o surgimento de grupos ou tribos

urbanas⁷⁰. Ocorreu uma desenfreada busca de identidade visando uma diferenciação das massas⁷¹. Preceitos estéticos, musicais, sociais, entre outros, levam os jovens, de classe média e classe baixa normalmente, a buscarem agrupamentos sociais. Tais ações visam gerar uma identificação que esteja atrelada a manifestações simbólicas que diferenciem tais grupos dos demais.

Santos (1998) diz que,

Os membros desses grupos constroem signos que os representem socialmente, distinguindo-se dos outros. O caso das torcidas de futebol, especialmente as organizadas, é emblemático na medida em que, ao andar em bando, vestindo a camisa do seu time, eles acabam diferenciando-se do todo. Outro traço desses tipos de agrupamentos é a quase completa ausência de projetos sociais almejados e a criação para si de uma moral própria, que carregam consigo novas regras de convivência.⁷²

Ocorreu uma readequação das estruturas urbanas, e tal fato se deu pela iminente necessidade de novos padrões de interação social. Surgiram necessidades de novas formas de orientações do indivíduo em sociedade, o mundo na década de 90 passou por duas revoluções extremamente significantes, a revolução tecnológica e a das telecomunicações. Santos (1998) defende que nesse momento ocorreu uma espécie de estrangulamento do social e isso se deu na interface entre as redes e as massas.

Maffesoli (1994) apresenta o raciocínio que as características mais marcantes do final do século XX são o aparecimento de micro-grupos e um

⁷⁰ Daí o surgimento e a força que ganharam as torcidas organizadas em seus desenrolares históricos.

⁷¹ Estádios de futebol em dias de jogos apresentam uma característica em comum, as pessoas se reúnem e se agrupam e emocionalmente manifestam-se em geral de maneira idêntica, quer seja unindo-se para torcer ou para agredir outros torcedores rivais. Diversos estudos apontam que isso se dá pelo simples fato das pessoas em sociedade desejarem a participação em fenômenos coletivos, como também a dissolução na massa. Elias Canetti (1995) diz que homem e sociedade são produtos em conflito, e ao mesmo tempo em que o homem sente medo do próximo, ao fazer parte de um grupo e se dissipar na massa ele perde esse medo.

⁷² SANTOS, 1998, p. 28.

constante processo de massificação que ocorreu nos grandes centros urbanos. Tais fatos tiveram relação total com as questões midiáticas. Seguindo tal raciocínio, basta pensar em relações sociais permeadas de intenções que se agregam a valores individuais ou sentimentos intensos e momentâneos como a paixão, o afeto e o não lógico, entre outros⁷³. Isso posto, e reforçado pelas tecnologias relacionadas à propagação da informação - as quais criam aspectos ligados a manifestações simbólicas genéricas - as pessoas em sociedade desenvolvem representações sociais refletidas em um 'ser e estar junto', algo muito peculiar aos micro-grupos.

Costa (2002) defende a tese que a mídia nas suas diferentes formas de expressão é uma realidade indiscutível dos tempos atuais. A mídia, já nos anos 90, apresentava-se mais do que nunca como um instrumento que povoava o dia-a-dia de quase todas as pessoas em sociedade.

Segundo tal autor;

A sociedade contemporânea caracterizava-se pela mediação da comunicação à distância, que interfere estruturalmente nas relações intersubjetivas e intragrúpsais, modificando, pela ação silenciosa, permanente e sistemática das novas tecnologias de processamento e difusão de informações, as formas de percepção, inteligibilidade e representação da realidade.⁷⁴

Seguindo esse raciocínio o autor versa que;

A volatilidade do processamento e consumo de artefatos culturais, sobretudo no que se refere à produção jornalística, sob o ditame da cultura do transitório e do espetacular, remete a uma problematização que se restringe à pauta dos assuntos definidos

⁷³ Pegar-se-á como exemplo disso as manifestações sociais apresentadas pelos membros de torcidas de futebol se tratando das ações geradas pelos mesmos, aqui relacionadas à violência.

⁷⁴ COSTA, 2002, p.05.

como notícia ou às formas centralizadas de controle da informação. A estética da Barbárie, exteriorizada nas manchetes e nos títulos bombásticos, na exclusão de temas especialmente necessários, na exploração do grotesco e do incomum, próprios da cobertura jornalística, difunde-se imperceptivelmente nas técnicas de produção da notícia, em sua conformação aos meios de comunicação e suas linguagens.⁷⁵

É nos anos 90 que as técnicas de comunicação, bem como as novas formas de se lidar com as questões da linguagem, mostraram plurais, intensas e em muitos casos imediatistas⁷⁶. Tem-se na década acima referida um período onde o fenômeno violência esteve presente em diversas esferas da nossa sociedade; quase sempre, tais eventos foram abordados superficialmente pela mídia. Segundo algumas prévias pesquisas feitas em fontes da imprensa escrita⁷⁷, observou-se que a violência⁷⁸ envolve diversos atores sociais; no entanto, na constituição dos textos, percebe-se uma não preocupação com um posicionamento mais crítico, ou, no outro extremo, um posicionamento incisivo sem maiores esclarecimentos concretos, como mostram as seguintes matérias da Folha de São Paulo, de novembro de 1998 (falando sobre a violência policial) e de agosto de 2000 (sobre o ex-jogador e ex-técnico Serginho Chulapa). Ambas, pela sua importância, são apresentadas aqui na íntegra:

PM agride santistas no campo. Pelo menos dois jogadores santistas, Viola e Argel, e o técnico do time, Emerson Leão, sofreram agressões de policiais militares e fotógrafos no segundo tempo do jogo de ontem, no estádio da Ilha do Retiro. A confusão começou aos 28min, logo após a marcação do pênalti contra o Santos. Viola

⁷⁵ COSTA, 2002, p.06.

⁷⁶ Novamente pegar-se-á como exemplo as estruturas e a dinâmica nas quais são confeccionadas e conduzidas as matérias jornalísticas, aqui relacionadas ao fenômeno futebol; ficam evidentes as intenções que se apresentam, pois as mesmas se posicionam claramente em favor do espetacular, do fantasioso, do grotesco.

⁷⁷ Pesquisas feitas pelo autor desse trabalho nos jornais Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e Gazeta Esportiva.

⁷⁸ Aqui atrelada ao futebol como exemplo.

começou a discutir com um fotógrafo e a Polícia Militar, até então à margem do campo, decidiu intervir. Viola passou a discutir com policiais e recebeu pelo menos dois golpes de cassetete na cabeça, dentro da grande área. O zagueiro Argel, um dos líderes do grupo de jogadores santistas, tomou a frente da confusão e também foi agredido por policiais com golpes na cabeça. Com a invasão de campo por policiais, repórteres e fotógrafos, o jogo foi paralisado pelo juiz Luciano Augusto Almeida. Tanto o técnico santista, Leão, como seu colega do Sport, Mauro Fernandes, entraram no gramado para separar seus jogadores da confusão. Enquanto gritava com o árbitro, Leão foi agredido por um fotógrafo com sua máquina. Ainda durante o jogo, o treinador santista teria insinuado que Almeida poderia ter problemas se for apitar na Vila Belmiro algum dos dois jogos restantes de sua equipe nas quartas-de-final.⁷⁹

Nessa matéria observa-se que a violência não se foca somente nas torcidas organizadas ou nos torcedores, outras pessoas que fazem parte do chamado ‘mundo’ do futebol vivenciam e ocasionam a violência no meio futebolístico. Alguns autores, entre eles Baudrillard, Maffesoli e Lyotard⁸⁰, por exemplo, versam que na era ‘pós’ as distinções entre verdadeiro e falso, certo e errado, bem e mal, caíram por água abaixo, e tudo acaba entrando em processos de confusões e contágios, como por exemplo, a política, o sexo, o esporte, a arte, etc. Seguindo ainda algumas linhas de raciocínio desses autores, pode-se encontrar reflexões em algumas ações fundamentais, entre elas destaca-se a proliferação, a contaminação e o excesso.

A violência como um fenômeno abundante, plural, formal e auto-sustentável, tanto na década de 90 quanto nos dias atuais, infiltra-se, condensa-se e transforma-se na sociedade de maneira muito rápida e acentuada. É

⁷⁹ Jornal *Folha de São Paulo* 16/11/1998. p.08.

⁸⁰ É claro aqui que se respeitam diferenças fundamentais, tratando-se de questões teóricas entre esses autores; no entanto, a idéia da referente pesquisa é aproveitar as reciprocidades teóricas dos mesmos em alguns pontos.

interessante pensar que, dentro de contextos sociais confusos e permeados por questões tecnológicas diversas que influenciam todas as dinâmicas em todas as esferas sociais, alguns processos, inclusive de certa forma legitimados, acabam acontecendo e sendo aceitos pelas pessoas como algo normal ou justificável. A violência foi e é tratada em sociedade muitas vezes de forma banal, normal e de algum modo ela é até integrada e associada ao próprio cotidiano como algo natural. As notícias, bem como a conclusão na maioria das vezes resultantes delas, acabam se apresentando superficiais e aceitáveis. Seguindo essa idéia pode-se pegar como exemplo uma matéria que saiu em relação ao ex-jogador e ex-técnico Serginho Chulapa,

O currículo de Serginho Chulapa no futebol sempre foi marcado pela violência. Como jogador, cansou de agredir os adversários e até pegou um gancho de 14 meses, depois reduzida para 10, em 78, por ter batido no bandeirinha Vandevaldo Rangel, num jogo do São Paulo contra o Botafogo, em Ribeirão Preto. O castigo não serviu para que Chulapa entrasse na linha. Em 81, o São Paulo perdeu a final do Campeonato Brasileiro para o Grêmio, em pleno Morumbi. No final do jogo, foi expulso depois de chutar a cabeça do goleiro Leão. Nem mesmo a transferência para o Santos acabou com sua valentia. Na decisão do Brasileirão de 83, contra o Flamengo, o Peixe perdeu de 3 a 0 e ele agrediu os fotógrafos. Neste mesmo ano, Serginho Chulapa atracou-se com o zagueiro Mauro, do Corinthians, um de seus melhores amigos, no final de um clássico entre as duas equipes. O valentão também brigou com o preparador físico Nicanor de Carvalho, do Timão, no mesmo jogo, chutando a bola no banco. Ainda brigou com Zé Teodoro, do São Paulo, saindo do banco como um louco. Pegou uma suspensão de 100 dias. Como treinador, Serginho Chulapa continuou com a mesma truculência. No comando do Peixe, agrediu jornalistas e acertou um chute nos testículos do diretor do Guarani, José Giardino. Pegou um gancho de 180 dias e só entrava em campo graças a efeito

suspensivo. Além disso, foi processado pelo cartola campineiro”.⁸¹

A matéria acima narra a trajetória das ações pontuadas pela violência no histórico de Serginho Chulapa; o mais interessante, no entanto, é que ele aparece em diversas matérias jornalísticas como sendo um grande jogador, um dos maiores goleadores da história do futebol brasileiro. Tendo ele passado por diversos grandes clubes e tendo destaque nos mesmos, os gols de Serginho tornaram suas ações agressivas secundárias, pelo menos é assim que as pessoas percebem tais fatos, pois é assim que a imprensa trata o referente jogador, o qual é classificado como um grande goleador de ‘temperamento explosivo’.

Um dos motivos que leva a essa conclusão relaciona-se à abordagem às ações do referente ex-jogador. Por exemplo, na narração das matérias acima, percebe-se inicialmente que as narrações de ambos os fatos, tanto da agressão entre fotógrafos, policiais militares, técnicos e jogadores, quanto o histórico de Serginho, apresentaram-se superficiais e contraditórias, pois as abordagens, embora mostrem em alguns momentos um posicionamento, em outros ficam confusas quanto à própria confecção dos textos. Não que deva ser desenvolvida uma tese em relação aos fatos; no entanto, em alguns momentos a narração parece estar ‘empolgada’ com os acontecimentos ao invés de tratá-los com mais cuidado. Crê-se que isso se dá pelo fato da mídia trabalhar quase que exclusivamente ao que Baudrillard (1991) denomina de simulação do real, ou seja, durante a confecção da matéria é necessário uma potencialização do próprio fato, não no sentido compenetrado, reflexivo e crítico, mas no sentido atrelado ao fantástico. A chamada indústria do entretenimento, que tem na mídia um excelente e indispensável aliado, apresenta-se na década de 90 como um protagonista perspicaz nas relações sociais presentes em sociedade. A

⁸¹ Jornal *Folha de São Paulo* 28/08/2000. p.06.

espetacularização dos acontecimentos em sociedade potencializa o desejo pelo excêntrico.

Segundo Costa (2002),

Trata-se de uma condição inerente à produção da notícia em função das condições industriais da produção jornalística e do fato de ela buscar naturalmente a sensacionalização dos acontecimentos sociais. O conteúdo exploratório do espetacular enquanto elemento constitutivo da notícia se conforma às formas de produção que propiciam a fragmentação, desmontagem, aceleração do processo de produção e consumo de informações, favorecendo, no seu conjunto, a distorção, o falseamento da realidade, a exposição cindida de fatos simplificados.⁸²

A mídia, geradora e mantenedora de tais processos, incentiva e alimenta continuamente os mesmos, partindo de premissas atreladas à construção e manutenção de determinadas demandas informacionais por parte dos leitores ou espectadores de maneira que acabe sendo gerado espécies de vícios se tratando da informação desprendida e conseqüentemente gerada pelos meios de comunicação.

Diversas pesquisas apontam os anos 90 como um período onde o cotidiano é influenciado fortemente pela mídia. O acesso a bens de consumo tecnológicos relacionados a produtos de entretenimento passa a se acentuar nesse momento - televisões, vídeos-cassete e, posteriormente, aparelhos de DVD, bem como aparelhos de som e computadores, passam a 'adentrar' as casas das pessoas em grande quantidade.

Naquele momento ocorreu uma transformação no imaginário coletivo, o mesmo em alguns momentos se cristalizou de maneira microscópica, irrigando

⁸² COSTA. 2002, p. 06.

em profundidade a vida de uma multiplicidade de grupos. Tais fenômenos sem sombra de dúvidas foram alicerçados tanto pelas tecnologias presentes, como pela ação direta das pessoas que conduziam os trâmites midiáticos.

Maffesoli aponta em suas obras a mudança no modelo de sociabilidade, tratando-se do modo como as pessoas pensam e agem em sociedade; tal autor traz a idéia referente ao período denominado por ele de pós-moderno, período o qual ocorrem alterações na relação entre pessoas tanto nas questões procedimentais, quanto conceituais. Novos paradigmas se formaram, substituindo outros que caracterizaram a modernidade. Ocorreram espécies de substituições, a lógica econômica, os “macro-projetos” políticos, bem como a atomização do individual, deram lugar ao imediatismo, a pequenos agrupamentos urbanos despidos de engajamentos politicamente revolucionários. Ocorreu uma fusão e identificação de consciências. Pegando um exemplo atrelado ao próprio futebol, para evidenciar as teorias de Maffesoli, toma-se como exemplo alguns acontecimentos relacionados à violência. Mesmo quando o objetivo é a comemoração, a violência também aparece, como mostra a seguinte matéria de Dezembro de 1999:

Torcida depreda 50 ônibus. A comemoração da vitória corintiana teve como palco, novamente, a Avenida Paulista, na região central de São Paulo. Com bandeiras e camisas do clube paulistano, os torcedores lotaram a avenida e suas imediações e só pararam de comemorar por volta das 5h de ontem. No entanto, a violência também marcou presença na festa dos corintianos: cerca de 50 ônibus foram apedrejados pelos torcedores do time, de acordo com informações da SPTrans (São Paulo Transportes). Um dos argumentos utilizados pela Prefeitura de São Paulo para alterar, na Justiça, o horário da partida final das 16h para as 21h40 foi o risco de saques aos estabelecimentos

comerciais da região da Paulista, que estariam abertos no início da noite de anteontem.⁸³

Tal fato deixa claramente transparecer que, independente da ‘competição’ presente no futebol⁸⁴, a violência está emaranhada nas próprias teias de relação social presentes em sociedade. Uma das características mais latentes na década de 90, principalmente no Brasil, foi o acontecimento de inúmeros casos de violência, a ‘violência’ esteve presente em diversos momentos da década referida, quer fosse em instâncias políticas, sociais, econômicas, ambientais, ou esportivas. Sendo o futebol considerado um esporte de massa, e segundo diversos estudos, entre eles os de Elias e Dunning (1992), considerando-se que o futebol consegue retratar a sociedade da qual ele faz parte, é sensato um olhar mais compenetrado sobre esse esporte, pois, o mesmo possibilita constantemente a potencialização, bem como a exteriorização de emoções. Pensando-se especificamente o futebol e a violência presente no mesmo, e relacionando-se isso aos instrumentos midiáticos e aos processos sociais presentes em sociedade, faz-se necessária uma análise mais minuciosa da mídia, pois fica a critério da mesma a confecção, manutenção e transformação da informação.

⁸³ Jornal *Folha de São Paulo* 24/12/1999, p.05.

⁸⁴ Quase sempre a violência é somente relacionada pela imprensa pela rivalidade apresentada entre os times.

4. A EXACERBAÇÃO DA INDIFERENÇA

4.1 Futebol, Violência e os anos 90

O fanático chega ao estádio embrulhado na bandeira do time, a cara pintada com as cores da camisa adorada, cravado de objetos estridentes e contundentes, e no caminho já vem fazendo muito barulho e armando muita confusão. Metido numa turma barra pesada, centopéia perigosa, o humilhado se torna humilhante e o medroso mete medo. A onipotência do domingo exorciza a vida obediente do resto da semana, a cama sem desejo, o emprego sem vocação ou o emprego nenhum: liberado por um dia, o fanático quer se vingar. Em seu estado de epilepsia, olha a partida, mas não vê nada. Seu caso é com a arquibancada. Ali está seu campo de batalha. A simples existência da torcida do outro time constitui uma provocação inadmissível.⁸⁵

Galeano (1995) nessa citação descreve de maneira minuciosa e precisa uma cena comum em dias de jogos de futebol, ele mostra a potencialidade dos rituais e crenças presentes no mundo da bola. É fato que acontecimentos de violência dentro do futebol ocorreram durante toda sua trajetória histórica no mundo, e no Brasil não seria diferente. No entanto, não se pode negar que é nos anos 80 e 90 que as torcidas organizadas⁸⁶ intensificam e multiplicam os casos de conflitos dentro do ‘espetáculo’ futebol. Uma das razões disso está nas próprias dinâmicas da sociedade ou das sociedades daquele momento. Partindo de uma idéia de Canetti (1995) de que o homem e a sociedade são produtos de um conflito, o indivíduo sente medo de contato com seus semelhantes, no

⁸⁵ GALEANO, 1995, p.08.

⁸⁶ As torcidas organizadas passam a apresentar um papel fundamental nas questões relacionadas à violência dentro do futebol, pois as mesmas conseguem explorar as possibilidades atreladas ao espetáculo futebol em diversos ângulos e de diversas formas. Isso fica evidente na própria disposição espacial que elas ocupam nos estádios em dias de jogo, pode-se relacionar a isso também os adereços que são utilizados pelas mesmas, tratando-se da criação e manutenção simbólica inerente ao futebol.

entanto esse medo desaparece quando ele se dissolve na massa. Nesse momento ele perde sua individualidade e potencializa suas emoções dentro do grande corpo massificado. A massa luta por uma liberação da individualidade criando um movimento coletivo, concentrado, enérgico, intenso, e quase sempre descontrolado.

Acompanhando esse raciocínio Da Silva (1996) diz que;

É nesse período dos anos 80 e 90 que as cenas de violência nos estádios passam a ocorrer com maior frequência e parecem indicar uma preparação maior para o confronto, como a utilização de bombas caseiras, armas de fogo e outros tipos de artefatos, além do confronto ocasional, o confronto marcado, com a preparação prévia dos participantes.⁸⁷

Muitos são os casos que ocorrem nesse momento. Diversos e graves acontecimentos passam a se tornar frequentes, principalmente na década de 90. Canetti (1995) classifica esses fenômenos como espécies de ‘descargas emocionais’, uma espécie de ‘estouro’ seguido de um ‘alívio’ impressionante, isso acaba gerando conflitos intensos. Esses conflitos chegam a limites extremos, e na maioria das vezes incontroláveis. Tratando-se do futebol, quase sempre os conflitos se dão por razões aparentemente pífias, como por exemplo a utilização de camisetas, agasalhos, bonés ou bandeiras de times contrários. A identificação do ‘oposto’ pelas suas vestimentas ou artefatos utilizados já é motivo para ações de violência, e nesse passo os acontecimentos violentos passam a serem frequentes. Muitos deles acabam em morte como mostra a referente matéria da Folha de São Paulo;

⁸⁷ DA SILVA, 1996, p. 118.

Torcedor é morto com um tiro após jogo da final. O comerciante Paulo Sérgio Elias Costabile, 31, foi morto com um tiro na cabeça às 23h45 de anteontem, na rua Henrique Schaumann, após sair do primeiro jogo das finais do Brasileiro. Costabile estava na parte traseira de uma Saveiro, com quatro amigos, entre eles o tenista Jaime Oncins e seu irmão, Alexandre. Eles iam para a lanchonete Frevinho, na rua Arthur de Azevedo, onde haviam estacionado seus carros antes do jogo. Para evitar problemas, trocaram as camisetas do Corinthians que estavam usando. Na rua Henrique Schaumann, os rapazes da Saveiro notaram uma discussão entre quatro torcedores do Palmeiras, com camisetas da torcida Mancha Verde, que estavam em um Santana Quantum cinza chumbo, e dois torcedores do Corinthians que estavam em um Santana prateado. De acordo com Jaime Oncins, quando estavam a cerca de um quarteirão do local da discussão, ouviram o barulho de cinco tiros. Ao olhar para o lado, Oncins notou que seu amigo estava ferido. Costabile foi levado ao pronto-socorro do Hospital das Clínicas. Morreu às 3h20 (...)

Pensando na violência como algo diluído na sociedade, percebe-se nesse episódio que até quem não está diretamente ligado ao fato gerador de tensão em si acaba sendo afetado. Elias e Dunning (1992) apontam a relação da violência dentro do futebol com os contextos sociais dos quais ele emerge. Nesse ponto existem correlações entre os padrões de socialização e a inserção de determinados grupos em sociedade, quase sempre esses padrões se sustentam em égides de agressividade e se equilibram em normas e valores desenvolvidos pelos atores sociais envolvidos. O autor defende que a identidade social se define através de separações rígidas entre quem faz ou não parte do grupo, ocorrem dentro desses grupos determinadas manutenções culturais que se postam como bens simbólicos essenciais para a própria sobrevivência⁸⁸ do próprio grupo ou grupos.

⁸⁸ No sentido literal da palavra.

Seguindo na matéria;

(...) O delegado Reinaldo Corrêa, do 14º DP, que investiga o caso, disse ainda não ter pistas dos assassinos. Ninguém anotou a placa do Santana Quantum. O delegado espera que os corintianos do Santana cinza colaborem com a polícia. "Eles não precisam nem se identificar. Basta nos telefonar", disse. Oncins disse que ao ouvir notícias sobre brigas de torcida na televisão, nunca pensou que pudesse se ver envolvido em uma delas. "Sempre frequentei estádios. Agora nunca mais vou. O futebol morreu para mim", disse.⁸⁹

Casos que acabam em morte se tornam frequentes devido à ferocidade que alguns torcedores passam a mostrar em dias de jogos, ocorrem impulsos de destruição de maneira descomedida. Isso se dá, segundo a idéia de Canetti (1995), pelo simples fato da massa sentir necessidade de testar seu poder, seus limites de destruição, bem como a intensidade do que ele denomina de 'paixão selvagem'. Esses fenômenos transcendem o futebol, tais acontecimentos aparecem entranhados nas tramas dos próprios contextos sociais, evidenciados pelas próprias manifestações violentas circulantes nos mesmos. É fato que a violência não é somente oriunda do futebol, mas sim da própria sociedade, Elias e Dunning (1992), enfatizam que não é o esporte naturalmente violento, mas sim, a sociedade, ou seja, as sociedades se apresentam violentas, os esportes, em específico aqui o futebol, apenas servem como potencializador, ou seja, um instrumento para que essa violência apareça de maneira mais evidente. Seguindo esse raciocínio segue a presente matéria;

⁸⁹ Jornal *Folha de São Paulo*, 1994. p.04.

Grupo metralhado estuda ação contra prefeitura. Torcedores se diziam "inconformados" durante enterro de vítima. O grupo de torcedores do Santos que foi alvejado na madrugada de anteontem, após ter entrado por engano na favela Vila do João, no Rio, poderá entrar com ação na Justiça contra a Prefeitura do Rio de Janeiro. Flávio Lobão Raposo, 20, que estava em um dos carros metralhados, afirmou que alguns integrantes do grupo "conversaram" sobre essa possibilidade. "A gente ainda não conseguiu se comunicar direito e definir o que vai acontecer", disse Raposo, que compareceu na tarde de ontem ao enterro de Ronaldo Mattos, 32, morto em consequência dos tiros. Nove do grupo de 11 torcedores que foi ao Maracanã compareceram ao enterro do amigo ontem no cemitério de Vicente de Carvalho, no Guarujá (SP). Eles se diziam "inconformados" com uma declaração atribuída ao secretário da Segurança Pública do Rio, general Nilton Cerqueira, que teria dito que o grupo estava "no local errado, na hora errada" ao serem atacados.⁹⁰

Essa matéria reforça a teoria de Elias e Dunning de que a violência não é um fenômeno abstrato ou imensurável, mas sim um fenômeno circulante potencial e plural, diluído e condensado nas sociedades contemporâneas. Não é um fenômeno típico de um único meio, mas sim, um típico fenômeno das sociedades. Na referente pesquisa, no entanto, as atenções se dirigem para a violência no futebol.

Um levantamento feito pela Folha de São Paulo no período⁹¹ retrata bem o quadro agravante das grandes massas (de torcedores) que acompanham o futebol. Tal pesquisa apontou como os mesmos refletiram a violência no cenário esportivo paulistano;

⁹⁰ Jornal *Folha de São Paulo*, 1995. p.06.

⁹¹ Década de 1990.

Vítimas da violência nas torcidas nos últimos quatro anos;

92 _ Rodrigo de Gásperi, 13. Explosão de bomba caseira. Era Gaviões da Fiel.

Outubro de 1992 _ Sérgio Vivaldini, 17. Facada no coração. Era Mancha Verde.

Outubro de 1994 _ Neldo Ribeiro de Abreu. Atropelado e morto por um trem, durante fuga de torcedores rivais. Era Independente.

Outubro de 1994 _ Sérgio Francischini, 19. Pisoteado. Era Gaviões da Fiel.

Outubro de 1994 - Sérgio Câmara de Oliveira Souza, morto, aos 16 anos, a pauladas por torcedores com a camiseta do Vasco. Era flamenguista.

Outubro de 1994 _ Wagner Soares da Silva, 22. Baleado no Maracanã. Era Mancha Verde.

Dezembro de 1994 _ Paulo Sérgio Elias Costabile. Baleado por um integrante da Mancha Verde. Era corintiano.

Novembro de 1994 _ Manoel Damião da Silva e Rosivaldo Barros. Torturados na sede da Mancha Verde no ABC. São são-paulinos.

Agosto de 1995 _ Marcio Gasparin da Silva, 17. Traumatismo craniano. Estava em coma até sexta-feira, dia 25. É Independente.⁹²

Tais acontecimentos passam a ganhar grande destaque na mídia, fatos atrelados à violência passam a ser retratados incisivamente pela imprensa no geral, pois ela mesma cria e cultiva o prazer na massa pelo consumo de tais informações.

Se o raciocínio trilhar por caminhos lógicos, pode-se pegar os cenários violentos da contemporaneidade, as diversas tecnologias relacionadas à informação, a cultura de massas⁹³ em plena expansão e os esportes - em

⁹² Jornal *Folha de São Paulo*, 28/08/1995. p.04.

⁹³ Edgar Morin, em seu "cultura de massas", apresenta uma definição interessante de cultura a qual ela versa que a cultura representa um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de

específico o futebol⁹⁴ - e misturar tudo isso, e, assim, tudo isso resultará num quadro muito atrativo para alimentar a indústria cultural contemporânea. Sabedora disso, a mídia, segundo Costa (2004), desenvolveu, principalmente nos anos 90, estratégias e técnicas diversas sobre como amplificar sua atuação. A idéia era enfatizar exaustivamente, da maneira mais repetida e contínua possível, qualquer acontecimento. Tomando como exemplo a matéria abaixo, fica bem claro tal raciocínio. Um dos acontecimentos que mais repercutiu na mídia sem sombra de dúvidas foi a briga entre torcedores do Palmeiras e São Paulo na final da supercopa de juniores em 1995. Esse episódio foi transmitido ao vivo, sendo mostrada passo a passo a verdadeira ‘batalha campal’ travada naquele dia. Uma matéria da Gazeta Esportiva retratou bem o conflito daquele jogo;

É pau, é pedra, é o fim do caminho, pouco depois da final da Supercopa de juniores entre Palmeiras e São Paulo, no estádio do Pacaembu. Derrotados, os torcedores são-paulinos partiram para cima dos palmeirenses com paus e pedras, encontrados em um canteiro de obras no próprio estádio. Pouco mais de 60 policiais militares tentaram conter a briga, que durou nove minutos e deixou 102 feridos. Oito dias depois, morreu o torcedor são-paulino Márcio Gasparin da Silva, 16, vítima de traumatismo craniano. As imagens gravadas pela TV ajudaram a polícia a identificar o principal suspeito do crime: Adalberto Benedito dos Santos, de 20 anos, foi indiciado por homicídio doloso. A Federação Paulista de Futebol reagiu proibindo a entrada nos estádios de torcedores com camisetas, bandeiras e faixas de torcidas organizadas⁹⁵.

projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como personalidades míticas ou reais que encarnam os valores. (MORIN, 1969, p.17.)

⁹⁴ O qual é capaz de sintetizar em si emoções diversas, tensões e alívios.

⁹⁵ *Jornal A Gazeta Esportiva*, 20/08/1995. p.06.

A metáfora da célebre canção descreve bem a gravidade do fato ocorrido. Aquele acontecimento evidenciou claramente o estágio em que se encontravam as tensões presentes na sociedade, as quais se manifestaram no futebol, bem como sua relação com as massas no referido momento. Esse acontecimento foi abordado exaustivamente pela imprensa. A imprensa escrita dedicou páginas e páginas sobre o ocorrido; já a imprensa televisiva⁹⁶ dedicou horas e horas a mostrar e discutir o fato. O problema, no entanto, é que na maioria das vezes tais discussões se apresentaram de maneira rasa, tratando os fatos sob prismas sensacionalistas. Isso por sinal é uma das características dos anos 90: a mídia entranhando-se em todas as camadas da sociedade, via notícias ‘espetaculares’. A tão falada globalização ganhou muita força devido às grandes possibilidades tecnológicas pertinentes à área da comunicação. A mídia nesse processo atuou ativamente na confecção de novos padrões estéticos, tratando-se das informações passadas para as pessoas.

O foco jornalístico, principalmente o esportivo, centrou-se segundo Marques (2005) em uma atuação limitada, onde, na ausência do que realmente escrever, cria-se, aumenta-se, “hiper-realiza-se”. Acontece uma ação funcionalista na elaboração das matérias jornalísticas. A linguagem passa a ser utilizada de uma maneira que crie efeitos específicos em quem estiver lendo ou assistindo um fato retratado pela imprensa. No caso do acontecimento acima apresentado, a potencialização, a hiper-realização do fato é que era cuidadosamente trabalhada pela imprensa. A idéia era e é criar efeitos diversos em quem estivesse ou está lendo / assistindo tais acontecimentos. Tais efeitos, segundo Marques, visavam e visam ao estímulo de inúmeros sentidos, podendo ser desde o medo à curiosidade ou até mesmo o espanto, e em muitos momentos tudo ao mesmo tempo. É fato que, em relação a matérias que antecedem grandes jogos, quanto mais intrigantes forem, maior será a procura por elas ou sua

⁹⁶ A referente pesquisa não visa discutir a fundo a imprensa televisiva, a idéia a ater-se na imprensa escrita, no entanto, alguns raciocínios desenvolvidos cabem a ambas.

audiência. A elaboração da matéria deve estar centrada em informações que despertem no leitor-torcedor sensações diversas. Sendo assim, é interessante a apresentação de matérias que criem ambientações tensas, intensas, conflitantes, divergentes, polêmicas.

Como exemplo disso pode-se pegar uma matéria feita em 1994, que saiu no jornal Estado de São Paulo, falando sobre um esquema montado pela polícia para a final do campeonato. Tal matéria deixa tão claro as técnicas de confecção que merece ser apresentada aqui na íntegra;

A Polícia Militar planeja uma operação especial de segurança ao redor do estádio do Pacaembu e em outros pontos da cidade para a disputa do primeiro jogo das finais do brasileiro, amanhã. As ruas Major Natanael, Itaquera, Capivari, Itápolis e Desembargador Paulo Passaláqua, as praças Charles Miller e Fagundes Varela e a Avenida Pacaembu serão interditadas para o trânsito de carros a partir das 17h. A PM reforçará o policiamento em 11 pontos de acesso a estas ruas. Só passarão por estes locais, chegando aos arredores do estádio, aqueles que estiverem com o ingresso na mão. O acesso será diferente para torcedores do Palmeiras e do Corinthians. O objetivo da operação, segundo a PM, é criar um bolsão de segurança em torno do estádio, para evitar tumultos. Segundo a polícia, quem não tem ingresso não deverá sequer se dirigir para a região. Para a operação a PM destacou cerca de 2.000 homens. Serão 1.500 fora do estádio e 500 dentro do Pacaembu (...)

Se a análise for direcionada à questão da mediação tecnológica, no aspecto da interferência na formação das escalas humanas e das resultantes sensibilidade e a inteligibilidade, surge a indagação a respeito da confecção do corpo do texto, uma vez que se percebe o efeito do mesmo. As ações relacionadas ao entendimento de tal informação por parte das pessoas geram ações resultantes dos conceitos desenvolvidos.

A questão que aparece pauta-se em um esclarecimento em relação à função da informação - se ela é confeccionada e transmitida no sentido de informar ou no sentido de alimentar a indústria cultural. Costa (2004) defende que a produção jornalística busca naturalmente a sensacionalização dos acontecimentos sociais. O autor aponta que, nesse sentido, a maneira como o conteúdo é explorado é fragmentada, desmontada; isso favorece e de certa forma direciona as conclusões por parte dos leitores ou espectadores, pois o falseamento da realidade se torna mais fácil, e, além disso, a exposição dos fatos se dá de maneira mais simples, daí talvez a narração se apresentar quase sempre despida de discussões mais compenetradas. Enfatizando esse argumento, segue-se na matéria;

(...) O policiamento fora do estádio será feito por cerca de 1.200 homens dos batalhões de choque e da cavalaria, com o apoio de 16 carros da Rota (Ronda Ostensiva Tobias de Aguiar) e 120 cavalos. Cerca de 300 policiais cuidarão do policiamento de trânsito. O policiamento dentro do estádio será feito pelo 2º Batalhão de Choque, especializado em jogos e grandes eventos. As duas torcidas ficarão separadas nas arquibancadas por cordões de homens da tropa de choque, distantes sete metros uma da outra. Em qualquer indício de uso de violência, os agressores serão retirados do estádio pelos policiais. Os torcedores serão revistados, com a utilização de detector de metais. A PM conta com a dispersão dos torcedores, proporcionada pelo bolsão, para facilitar a revista e dificultar a entrada de bombas. Também será reforçada a segurança em pontos críticos, como as estações de metrô Consolação, Clínicas, Barra Funda, Sé, o Memorial da América Latina, o largo Santa Ifigênia e a estação da Luz. O CPM (Comando de Policiamento Metropolitano) está estudando a utilização de cães. A preocupação sobre a utilização dos animais, segundo o CPM, é a segurança das pessoas no caso de algum deles escapar. De acordo com a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego), a interdição das ruas próximas ao estádio do

Pacaembu deverá estender-se até as 22h30 ou cerca de meia hora após o término do jogo⁹⁷.

Pensando em matérias como essa, que são frequentes no mundo da bola, pode-se levar as atenções no sentido do que realmente tal texto tenta informar. Ocorre uma descrição do que aconteceria antes da final; no entanto, o texto discorre de maneira muito fria sobre o conteúdo abordado. A sua proposta inicial centra-se em informar sobre possíveis acontecimentos que poderiam ocorrer no jogo. São apresentados, meio que estatisticamente, dados relacionados ao evento; a maneira estilo ‘avalanche’ que as informações foram passadas deixam transparecer determinadas técnicas típicas da manutenção das estruturas que sustentam a indústria cultural. De um lado, o texto deixa transparecer uma idéia de normalidade, tratando-se de possíveis acontecimentos que poderiam ocorrer no evento; por outro, percebe-se que, se a idéia era informar os leitores sobre um ‘esquema de segurança’ diferenciado que seria montado, não eram necessários tantos detalhes.

Pensando assim, pode-se direcionar a reflexão no sentido de se perceber como a mídia manipula as possibilidades atreladas à subjetividade do indivíduo em sociedade. Partindo-se do ponto em que a sociedade se apresenta envolvida em intenções de consumo, em relação à produção cultural, ela acaba perdendo sua autonomia. Um dos fatores facilitadores disso é a audiência desenfreada dos veículos de comunicação, ou seja, existe uma idéia latente por parte da mídia em relação à questão de como ‘será aceita’ e como ‘repercutirá’ a matéria. Partindo dessa preocupação, a própria mídia molda os aparatos técnicos e informacionais, os quais se atem em espetacularizar o fato, muitas vezes antes mesmo deles acontecerem.

Seguindo essa idéia apresenta-se como exemplo uma citação de Costa (2002) que diz o seguinte;

⁹⁷ Jornal *Estado de São Paulo* 14/12/1994. p.07.

A teoria crítica, ao relacionar produção de cultura com as estruturas societárias do capitalismo tardio, cultura danificada com a universalização de padrões estéticos, remete a uma questão educacional própria da sociedade contemporânea: a medição de novas tecnologias na percepção e (des)sensibilização humanas, num contexto em que o fluxo de informações ocorre de forma desenraizada, modificando as noções de experiência e autonomia, de real e representação.⁹⁸

Segundo essa idéia, percebe-se que, dentro desses raciocínios, a mídia atua como um instrumento eficaz nas confecções de entendimentos conceituais e informacionais, em se tratando dos acontecimentos que ocorrem dentro da sociedade. A mídia apresenta uma função importante, tanto enquanto aparato noticioso, quanto fator influenciador - isso devido a determinadas ações ‘estratégicas’ desenvolvidas pela mesma. Essas ações acabam gerando processos que adentram cotidianamente a mente das pessoas, provocando, assim, a construção de exacerbados entendimentos baseados na indiferença. Isso posto, acaba ocorrendo uma “nova” possibilidade estética.

4.2 A estética da barbárie

Na atitude de fechar uma porta com a violência desnecessária, o que está em jogo não é o simples ato e sua funcionalidade precisa, maquinal, e sim a rudeza dos gestos, tornando possível incorporar nos pequenos atos as atitudes bárbaras, que em escala ampliada possibilita justificar o fascismo e o terror. A apropriação tecnológica que não leva em conta a autonomia e a liberdade humanas, caracterizada pela operacionalização esquemática de máquinas e meios de informação, cria condições para a reprodução do

⁹⁸ COSTA, 2002, p. 09.

imponderável: o fluxo contínuo, sistemático, múltiplo de mercadorias, de bens simbólicos que percorrem as relações de troca numa velocidade sem fronteiras; não conduz necessariamente, como já foi dito, a uma sociedade esclarecida.⁹⁹

É fato que a atenção da imprensa se dá de maneira intensa e abrangente, tratando-se dos acontecimentos de violência dentro do futebol na década de 1990. Isso ocorreu não somente pelo aumento de casos de violência, mas também pelos recursos tecnológicos disponíveis e pelas novas tendências em lidar com a própria informação.

Essas novas tendências são fortalecidas por aparatos instrumentais que surgem no sentido de dar sustentabilidade à propagação de novas estéticas relacionadas à comunicação. A tecnologia pode ser vista como uma espécie de mecanismo que amplia uma ‘naturalização’ tecnológica das possibilidades comunicativas. Surgem naquele momento novas ações por parte da mídia que, no processo de mediação entre o sujeito e o real concreto, as intenções pertinentes ao desenvolvimento de processos educacionais¹⁰⁰ são incentivadas. Essa idéia surge relacionada ao movimento de produzir informações que atendam interesses de mercado. Ocorre uma produção jornalística e uma aplicação do que é produzido visando atender a condicionamentos relacionados à temporalidade da própria circulação dos fatos noticiosos. Ou seja, foram criadas espécies de estratégias que favorecessem a diluição da informação em larga escala, bem como sua incorporação de maneira ‘natural’ por parte das pessoas.

⁹⁹ COSTA, 2002, p. 124.

¹⁰⁰ Educacional, no sentido de informar o individuo e de certa forma condicioná-lo.

Seguindo essa idéia, Costa (2002) versa que;

A definição de estética da barbárie, perseguindo a lógica de que a forma da produção jornalística está presente no conteúdo do fato noticioso, em muito se firma em subverter a ordem cronológica e tornar o que imediatamente está sendo exposto como informação necessária para a audiência. A presentificação, nesse caso, diz respeito à exploração do instante, dos elementos e contingências, que movem a atenção da assistência numa metáfora que exclui o passado e condena o homem a viver um presente perpétuo.¹⁰¹

É fato que os aparatos tecnológicos dão as cartas, quando se trata dos moldes estéticos que compõem a contemporaneidade nas esferas sociais, principalmente os que atuam conjuntamente com a mídia, inclusive controlando questões temporais. Acabam existindo relações diretas entre os fatos noticiosos e as intenções de consumo. A busca pela audiência direciona as ações midiáticas no sentido de criar e re-criar condições técnicas favoráveis, relacionadas à produção e circulação da própria notícia. Isso se dá independentemente da consequência que tais ações possam trazer.

Para entender essa lógica, pegar-se-á como exemplo uma citação de Costa (2002) que diz o seguinte;

A estética da violência está entranhada na natureza dos ‘mass media’ como uma condição inerente, ou seja, a discussão sobre a ideologização da mensagem não recai apenas na narrativa e nos propósitos discursivos de evidenciar determinados aspectos da realidade. A maneira como as informações são condicionadas à natureza dos veículos, a separação entre autonomia e heterodeterminação cultural, a política de adequar a programação às estatísticas de audiência, ampliando o espectro de receptores em

¹⁰¹ COSTA, 2002, p. 132.

detrimento da qualidade estética, conteudística, no seu conjunto, dizem muito da violência simbólica presente na indústria cultural.¹⁰²

Tais ações acabam por gerar formas de aceitação da própria violência como algo ‘natural’, normal, frequente. Nesse passo surge uma relação direta entre notícia e leitores, relação que se estabelece em desejos atrelados ao espetacular, ao “hiper-realizado”. As questões técnicas presentes nos meios midiáticos possuem tamanho poder de inserção que transitam em todas as camadas das sociedades contemporâneas através da assimilação das matérias confeccionadas pelos mesmos. Colocadas tais indagações, a importância do que é noticiado ganha uma forma tão abrangente que passa a se incorporar continuamente nas dinâmicas cotidianas das pessoas que se ‘alimentam’ com as informações geradas.

Para elucidar tal idéia traz-se na íntegra a seguinte matéria, uma vez que ela sintetiza bem o raciocínio apresentado acima;

Imagens de violência deixam de sensibilizar. O choque causado pela violência no jogo de futebol no último dia 20 reverbera até hoje. A extensão da comoção e a mobilização para diminuir a truculência das torcidas organizadas provavelmente têm algo a ver com a força das imagens transmitidas ao vivo pela televisão em pleno domingo. Cientes desse trunfo, as emissoras não se cansam de repetir "ad infinitum" a fatídica seqüência sangrenta. Mas, por isso mesmo, perversamente, as imagens correm o risco de perder sua capacidade de sensibilizar. A morte do torcedor Márcio Gasparin da Silva em consequência dos ferimentos aumentou a indignação geral, e inspirou diversas iniciativas de combate à violência nos estádios. O incidente não pára de ser notícia. Há fatos novos a cada dia. No "Jornal Nacional", o cirurgião que cuidou da vítima explica. Mas as novas imagens vêm sempre acompanhadas da seqüência virulenta,

¹⁰² COSTA, 2002, p. 134.

que quase como uma vinheta, pontua as notícias sobre o assunto. Na última semana, o foragido Adalberto Benedito dos Santos, acusado pelo espancamento, se entregou à polícia. A repórter do "Aqui, Agora", expressando a ansiedade geral por entender o fenômeno selvagem, pergunta, como quem investiga um caso de laboratório: "Você está arrependido? Você visitaria a família de Mário? Porque depois de fugir você resolveu se entregar?" Visivelmente transtornado, Adalberto demonstra arrependimento. Fala pouco. Sua voz está embargada. Nunca usou um revólver. Agradece o apoio dos pais e declara seu amor à namorada. Usa o termo "estado emocional" para definir o estado de espírito em que se encontrava quando partiu para a agressão do torcedor inimigo. Outro repórter tenta - sem sucesso - entrevistar familiares do rapaz na periferia de Santo André, cidade do ABC paulista. Adalberto chora em frente à câmera. E a televisão exhibe ainda mais uma vez as imagens que o incriminam. A repetição indiscriminada de imagens chocantes de espancamento lembra o caso Rodney King de Los Angeles. No incidente norte-americano, um videomaker amador flagrou a polícia em pleno abuso de autoridade. As imagens dessa câmera "indiscreta" foram transmitidas e repetidas indiscriminadamente para o país inteiro. Houve quebra-quebra e revolta nas comunidades negras. Mas, tempos depois, quando o caso foi a julgamento, o policial foi absolvido. É claro que circunstâncias especiais favoreceram o policial acusado. Mas sem dúvida as mesmas imagens que ajudaram a provocar indignação pública, quando chegaram ao júri, já eram carne de vaca. Talvez já não possuíssem a mesma capacidade de indignar. Betinho e Chico Buarque se reuniram para lançar uma louvável campanha civil contra a violência nos estádios. Na qualidade de ministro dos esportes, Pelé prometeu, em cadeia nacional, punir responsáveis por brigas, sejam eles menores de idade ou dirigentes esportivos. Seria bom se, ao noticiar esses esforços, os telejornais resistissem à tentação sensacionalista de espremer uma vez mais a célebre cena do espancamento -que vai perdendo a força

advinda de seu caráter inusitado e pode terminar por ganhar certo ar de normalidade.¹⁰³

Seguindo o que fora apresentado até agora, tal matéria parece bem paradoxal, uma vez que a crítica feita direciona-se às próprias ‘estratégias’ mercadológicas utilizadas por ela mesma no que tange às questões relacionadas à audiência. A matéria acima apresentada narra o acontecimento comparando-o com outro acontecimento atrelado à violência, no entanto, é possível perceber certas tendências que a matéria tenta construir, certos caminhos de entendimentos que visa estabelecer. O foco pertinente a tal matéria deve estar centrado na questão do posicionamento que a mídia escrita fez à mídia televisiva. Os processos de condução da informação se postam em intenções rechaçadas de interesses relacionados à potencialização do fato noticioso, quer seja pelo fato em si, quer seja pelas comparações, quer seja pelo lado sentimental ou emocional.

Os instrumentos informacionais utilizados na década de 1990 já se apresentavam velozes e abrangentes em seu poder de alcance. Tal fato mostrou um cenário efervescente em se tratando das possibilidades de acúmulos de vivências e, conseqüentemente, de experiências¹⁰⁴ relacionadas às questões sensitivas e emocionais desencadeadas pela assimilação das notícias. Em alguns momentos ocorreu tamanha hiper-realização do fato noticioso, que acabou sendo gerada uma espécie de normatização da própria barbárie. As notícias alicerçadas pelas manchetes e matérias de impacto, aproveitando-se de seus recursos técnicos, criaram campos que abarcaram questões pertinentes ao informar e

¹⁰³ Jornal *Folha de São Paulo*, 04/09/1995. p.05.

¹⁰⁴ Se tratando de possibilidades de experiências, o futebol aparece como um excelente instrumento / canal, pois, como já abordado nos capítulos iniciais desse trabalho, o mesmo consegue aglutinar dentro de si diversos interesses de diversas partes diferentes, ricos e pobres, homens, mulheres e crianças, etc. Toda a sociedade brasileira segundo Daolio (2003) acaba de uma maneira ou de outra incorporando o futebol em seu cotidiano, diretamente ou indiretamente. Daí a importância em relação as notícias que retratam os acontecimentos dentro do futebol, principalmente os atrelados a violência, pois, os mesmos ganham em força e divulgação, haja visto, a importância do futebol na cultura brasileira.

processar e intencionar de maneira meio que ‘viciosa’, ou seja, o leitor passou, no processo de assimilação, a criar costumes acerca do entendimento e anseio relacionados à notícia.

Nesse passo Costa diz que;

A compulsão pela novidade informativa e a exploração da curiosidade, do grotesco, acomodando a narrativa dos fatos à determinação da lógica de que tudo deve fluir rapidamente e paradoxalmente de forma repetitiva em diversos canais, meios e circunstâncias, trazem comprometimentos à formação da sensibilidade em tal ordem que, de modo crescente e cumulativo, o receptor deixa de ser capaz de se sensibilizar quanto ao trágico, à miséria, à dor. A repetição continuada da violência amortiza a indignação e age no sentido de sua banalização.¹⁰⁵

Seguindo essa idéia, as atenções podem se voltar no sentido de um breve entendimento sobre as questões relacionadas à banalização e indiferença diante da dor, do horror, da angustia, quiçá da própria condição humana. Talvez um dos indícios de tais processos possa ser representado através da violência que estava diluída na década de 1990 em várias esferas da sociedade, em específico aqui, a da sociedade brasileira. Um bom exemplo disso são os acontecimentos ocorridos em São Paulo, relacionados à violência desenvolvida pelos jovens em boates;

Violência entre jovens chega a boates. Jardins e Itaim, bairros de SP que reúnem casas noturnas, registram mais brigas entre turmas. As brigas entre jovens, antes frequentes nos estádios de futebol, migraram para bares, boates e danceterias da região dos Jardins (zona oeste de São Paulo). As desavenças, individuais ou entre turmas, envolvem

¹⁰⁵ COSTA, 2002. p. 135.

rapazes das classes média e alta, entre 18 e 25 anos _embora as mulheres não escapem das agressões. Na madrugada de ontem, Woesley Banzeloski, 19, Fábio Pedro da Silva, 26, Charles de Andrade Barros, 23, e Jeferson Sabino de Oliveira, 20, foram indiciados no 14º DP, em Pinheiros (zona oeste), por terem brigado na rua Pinheiros, após saírem de casas noturnas do local. Dois deles foram parar no hospital das Clínicas, atingidos por pedras. O Batalhão da PM da região dos Jardins registrou em agosto 12 casos de brigas entre jovens, a maioria em casas noturnas. No mês anterior, foram registradas três ocorrências e em junho, oito casos. O aumento da violência em casas noturnas foi verificado também em levantamento feito pelo diário, nos boletins de ocorrência registrados no 15º DP, no Itaim delegacia responsável pela área com maior incidência de bares frequentados pelo público de alto poder aquisitivo, principalmente na rua Franz Schubert.¹⁰⁶

Muito disso, crê-se que se dá pelas próprias ambiências cotidianas dos grandes centros urbanos¹⁰⁷. No entanto, é por bem se pensar sobre como a mídia lida com essas dinâmicas, haja vista o fato de que a mesma está condensada em todas as camadas da sociedade. Quando se pensa em questões atreladas a entendimentos do fato noticioso e conseqüentemente a conclusões desenvolvidas a partir deste, é importante entender como se dá a formação, condução e resultado da própria informação passada. Nesse passo, especialmente quando o assunto é o futebol, existem ‘espécies’ de ‘condicionamentos’ conceituais no que toca a violência. Esses condicionamentos visam estabelecer padrões de entendimentos nos leitores e ao mesmo tempo acostamá-los a determinadas ações, tanto no sentido de como recebem a notícia, como as conseqüências das notícias no que trata da produção de novas notícias¹⁰⁸.

¹⁰⁶ *Jornal Estado de São Paulo*, 16/10/1995. p.08.

¹⁰⁷ É fato que nos tempos atuais determinadas culturas de violência são construídas, alimentadas e transformadas em nossas sociedades; tal fato já foi abordado antes no referente trabalho.

¹⁰⁸ Pois percebe-se que o leitor passa do estado de choque para o conformismo, sendo esse substituído pela curiosidade, a qual leva ao desejo de que outro fato aconteça, para que o mesmo seja narrado pela imprensa.

Seguindo essa idéia vem como exemplo a seguinte matéria;

Infrações colocam o clássico em perigo. Todo Potencial técnico de Corinthians e Palmeiras pode ser ofuscado hoje, às 21h40, no Morumbi, pela violência de ambas as equipes, que acaba sempre camuflada pelo poder de seus atacantes. Com médias de 26,9 e 26,8 infrações cometidas por partida, Corinthians e Palmeiras são a quinta e a sexta equipes mais faltosas do Campeonato Paulista. Se essa violência às vezes passa despercebida da crítica, não vem passando pelas arbitragens. O Palmeiras é a segunda equipe mais punida com cartões na competição. O Corinthians, a sexta.(...)

Nessa matéria, por exemplo, percebe-se que a idéia principal, que é trazer informações sobre o jogo em si, acaba sendo secundarizada, pois o foco é colocado na questão da violência. Alguns autores, entre eles Santos (2008), defendem que, dependendo de como se dá o processo de intercomunicação, ele mesmo pode criar imaginários estigmatizadores, os quais acabam muitas vezes culminando nas ações violentas nos centros urbanos. Para elucidar tal idéia, basta só lembrar a entrevista citada anteriormente, em que a própria autora apresenta em sua dissertação de mestrado declarações de torcedores entusiasmados com o destaque que a mídia deu a um acontecimento de violência em um jogo no qual eles participaram. A questão a se pensar diz respeito não meramente às informações trazidas pela matéria, mas sim a como essa matéria dialoga com o leitor e com o cenário cotidiano da qual ela brota. Seguindo ainda a idéia inicial, percebe-se que a matéria insiste na ‘estratégia’;

(...) A beleza do espetáculo deverá ser resguardada pelo árbitro. Se logo no começo ele coibir a violência, estará evitando que os jogadores fiquem nervosos", disse o atacante Donizete, do

Corinthians. Em média, os palmeirenses são punidos com 3 cartões amarelos e 0,53 vermelho por jogo. No Corinthians, a média é menor: 2,8 amarelos e 0,34 vermelho por partida. "Nenhuma das equipes é violenta, porque as faltas que acontecem nas nossas partidas são faltas normais, nunca desleais", diz o técnico Nelsinho, do Corinthians. O técnico Márcio Araújo, do Palmeiras, concorda com a opinião do rival. "Hoje toda equipe técnica faz faltas. Elas precisam ter a bola para armar suas jogadas." Para Djalminha, do Palmeiras, a falta deve ser encarada como um lance normal no futebol. "Isso acontece porque as duas equipes lutam para conseguir a posse de bola, e o contato passa a ser inevitável.¹⁰⁹

Nessa matéria, por exemplo, fica claro que a confecção da manchete é bem diferente do que o texto pretende abordar, ou seja, ocorre uma intenção de trazer o leitor via manchete 'espetacularizada' para a leitura da matéria, não pela potencialidade relacionada à tradição do jogo entre esses dois times, mas sim pelo fator violência apresentado nos últimos jogos. Costa (2004) defende que, no processo de compreensão entre forma e conteúdo as técnicas utilizadas pelos meios de comunicação intuem que os leitores desenvolvam entendimentos rápidos e de certa forma fragmentados, pois, dessa maneira, eles não correlacionam com mais precisão o que é real do que é possibilidade. Aparentemente, tal narração pode parecer possuir apenas um caráter informativo; no entanto, se analisada com mais atenção, percebe-se que a forma do texto atua como um aparato no sentido de alimentar a assimilação dos artefatos simbólicos presentes tanto no meio futebolístico, quanto no equilíbrio das estruturas da cultura de violência postas entre as pessoas pertencentes a tal meio.

¹⁰⁹ *Estado de São Paulo*, 19/04/1997. p.04.

Segundo Costa, isso acontece por alguns fatores;

Ocorre uma monopolização dos recursos técnicos e meios de produção simbólica, isso leva ao seguinte paradoxo: a diversidade de fontes de informação não assegura a democracia informacional, pois a definição de pauta e cobertura jornalística tende a se repetir, nos diferentes meios, ainda mais com a criação de redes, agências de notícias e o domínio restrito de códigos, acesso e planejamento dos 'mass media'. Isso contribui para a formação de públicos universais que possam medianamente decodificar os enunciados, acarretando um empobrecimento das possibilidades estéticas e informacionais na medida em que a complexidade da narrativa cede lugar ao prosaico¹¹⁰.

Segundo Baudrillard (1985), um entendimento raso da notícia acaba gerando um ódio recíproco entre as pessoas, por meio da violência as pessoas desenvolvem sensações relacionadas às vertigens, as quais são estimuladas pela própria violência, dessa forma, acaba ocorrendo um desejo por notícias que tragam esse estímulo. Segundo o autor, o que acaba acontecendo é uma exacerbação da indiferença, e tal fato gera situações múltiplas relacionadas a explosões e implosões emocionais. Tudo isso é alimentado constantemente pela mídia. Seguindo esse raciocínio, traz-se como exemplo matérias que antecedem grandes clássicos;

Semifinais opõem Santos e Botafogo, rivais desde o Brasileiro-95, e Palmeiras e São Paulo, inimigos da década Rio-SP reedita clássicos polêmicos. Palmeiras contra São Paulo, Santos contra Botafogo. Duas das maiores rivalidades da década de 90 irão disputar as semifinais do Torneio Rio-São Paulo (...)

¹¹⁰ COSTA, 2004, p. 140.

Nesse exemplo percebe-se que a matéria já começa trazendo uma alusão a fatos ocorridos atrelados a sentimentos de oposição bem como estranheza e hostilidade entre as equipes - logo, seus torcedores. Quem já foi alguma vez em um estádio de futebol, principalmente em um jogo valendo uma classificação para uma final ou a uma final propriamente dita, consegue facilmente perceber que o estádio nesses dias parece transcender esse mundo, tornam-se templos. A comoção da massa relacionada à suas paixões e ódios é potencializada ao extremo. Incitar a rivalidade em um ambiente já tenso é no mínimo incoerente, a não ser que a intenção seja alimentar tais anseios. Canetti (1995) diz que, nessas horas de frenesi, o indivíduo deixa seu lado racional de lado e passa a incorporar seus instintos, os quais apresentam traços iminentes à violência. Quando a reflexão se volta para a imprensa atuando em uma dinâmica capitalista, voltada para a indústria cultural que intenciona acelerar o consumo dos artefatos simbólicos, logo se percebe que as técnicas utilizadas nas confecções dos textos pretendem alimentar essa mesma indústria.

Seguindo ainda na mesma matéria isso fica claro;

(...) Na semifinal entre times paulistas, Palmeiras e São Paulo colocam em disputa, além da vaga na final, a rivalidade regional que mais cresceu nos últimos anos. No começo da década o São Paulo foi o time com mais sucesso no país, principalmente nos torneios internacionais, com as conquistas da Libertadores e do Mundial de clubes no Japão (1992/93). Sua decadência, na segunda metade da década, começou com a ascensão do Palmeiras, ancorado na sua parceria com a Parmalat. Nesse período, vários dos jogadores vitoriosos do São Paulo, como Cafu, Antônio Carlos e Muller, passaram a jogar para o rival. Acusações da diretoria do São Paulo de negócios pouco éticos, principalmente no caso de Cafu, deterioraram o relacionamento entre os dois clubes.¹¹¹

¹¹¹ *Jornal Estado de São Paulo*, 16/02/1998. p.06.

O processo de narração apresenta claramente uma intenção em evidenciar a rivalidade, a matéria acima em específico utiliza-se de traços históricos de outros encontros das referidas equipes para dar o tônus à matéria. A insistência, no entanto, parte da lógica jornalística, por sua vez relacionada às dinâmicas que a mesma visa criar e manter. Seguindo essa idéia, Costa (2002) diz que;

O que passa a ser extraordinário, a manifestação do grotesco e o factum informacional possibilitam ilusoriamente ao sensacionalismo ser interpretado somente pela manifestação empírica e aparente do fenômeno da barbárie estética, que reduz ao enunciado da informação a complexidade do ato comunicativo. A efemeridade, a transitoriedade, que caracterizam o fluxo de informações e de produção de mercadorias, interferem radicalmente na qualidade estética, na inteligibilidade e na representação do fato noticioso.¹¹²

Se a reflexão acerca do futebol trilha em caminhos relacionados a esse esporte como algo ‘cultural’, e uma ligação inerente desse esporte com questões ritualizadas, logo se conclui que a maneira como as leituras referentes aos principais encontros das principais equipes ganha atenções imensas, e ainda tais encontros podem apresentar possibilidades desmesuradas de emoções. Fica visível que a leitura que as pessoas envolvidas no processo apresentarem resultará em significâncias ímpares, e isso será fundamental para a manutenção dos entendimentos desenvolvidos, aqui relacionados ao futebol. Esse fato acaba marcando tal esporte como um conflitante fenômeno cultural e social. Se observado com mais atenção, não é difícil de notar que a espetacularização das notícias acaba subvertendo ordens de importâncias e a veracidades dos próprios fatos, e isso ocorre porque a idéia é gerar impacto com a matéria, mesmo que esse impacto seja a respeito de algo que ainda nem aconteceu.

¹¹² COSTA, 2002, p. 136.

Seguindo esse raciocínio, tem-se como exemplo outra matéria;

Em 1999, arqui-rivais paulistas podem se enfrentar em 20 oportunidades por seis competições diferentes. Veja Corinthians x Palmeiras, 20 vezes. Se em 1998 o principal rival do Palmeiras foi o Cruzeiro - os dois se enfrentaram em nove ocasiões, por três competições -, em 1999, o grande adversário palmeirense deverá ser o Corinthians. Os dois times podem se encontrar em 20 oportunidades durante o ano, em seis torneios (...)

Nesse exemplo a matéria nem enfatiza claramente uma intenção de impacto; no entanto, quando a mesma já evidência um ‘confronto’ entre as duas principais equipes rivais de São Paulo, o impacto está entrelinhas. É fato que, apesar dessa matéria não demonstrar traços de incitação visíveis em relação às equipes, a carga simbólica de rivalidade presente entre essas elas já se apresenta impactante. Os estímulos sensoriais que essas matérias podem despertar agregam-se aos fatores externos já apresentados anteriormente a respeito da cultura da violência de nossas sociedades; alia-se a isso a formação do imaginário, bem como de padrões de entendimentos. Marcondes Filho (2000) aponta que a produção jornalística no final do século XX apresenta como características marcantes a imaterialidade e a abstração como um grande instrumento de linguagem, o qual ajuda na manipulação e simulação da realidade. Ocorre uma lógica atrelada a um condizer informacional que vai das condições de fragmentação e hierarquização dos fatos, fazendo com que os mesmos sigam uma ordem inversa, do sensacional e do individual, ao contextualizado. Costa define esse reducionismo como a personificação dos fatos sociais, ou seja, toda complexidade do fato pode e passa a ser reduzida. Segundo ele;

O fenômeno é mais evidente na titulação e nas chamadas jornalísticas, já que as condições técnicas, mediadas pela limitação de tempo e espaço, permitem sintetizar os fatos e expressá-los resumidamente na ação de determinados agentes. No jornalismo, em função da agilidade do processo de montagem, circulação e apreensão de informações, a versão dos fatos, o relato – quando abandonado o trabalho de investigação e checagem em várias fontes – recai na exposição de depoimentos. O “opinionismo” sustenta as versões da realidade baseadas na autoridade, não no fato em si.¹¹³

Critérios de seleção e exclusão permeiam as ações jornalísticas, sempre, é claro, utilizando as técnicas apresentadas anteriormente. Nesses processos cíclicos, a informação passa constantemente por renovações estéticas, isso ocasiona nela mesma possibilidades diversas de entendimentos pelos seus receptores; no caso do futebol, os torcedores. A continuidade da matéria anterior deixa isso claro;

(...) Para o atacante Paulo Nunes, do Palmeiras, o fato de o clássico contra o Corinthians poder ser o grande duelo de 1999 representa um estímulo a mais. "É mais emocionante do que Palmeiras e Grêmio ou Palmeiras e Cruzeiro, porque a rivalidade entre as duas torcidas é maior." Em 1995 e 1996, quando o atacante defendia o time gaúcho, o grande duelo do futebol brasileiro era entre Palmeiras e Grêmio. Em 1998, passou a ser Palmeiras e Cruzeiro. As duas equipes disputaram as decisões da Copa do Brasil e da Mercosul, ambas vencidas pelos paulistas. No Brasileiro, porém, os mineiros conseguiram eliminá-los nas quartas-de-final. Para o lateral-esquerdo Silvinho, do Corinthians, a importância do duelo já se faz presente. De acordo com ele, a torcida do Palmeiras só lotou o Parque Antarctica nas finais da Mercosul porque o time de Luxemburgo conquistara o Brasileiro contra o mesmo Cruzeiro. "Para eles foi questão de honra. Não iriam querer perder de jeito nenhum de um

¹¹³ COSTA, 2002, p. 145.

time que tinha sido derrotado pela gente. A conquista do Corinthians aumentou a importância da final da Mercosul", comentou Silvinho¹¹⁴.

Nessa matéria o chamado 'opinionismo' fica evidente, a relação dos discursos com as intenções motrizes da narração dão a carga necessária de tensão emocional que a matéria busca; tal ação molda os parâmetros necessários por onde a informação de certa maneira transita sempre manipulada e condicionada. Como quase que por 'mágica', a matéria anterior que enfocava o confronto entre os arqui-rivais parecia 'adivinhar' o que viria a acontecer, pois, em um dos confrontos, ocorre realmente um choque (no sentido literal da palavra). Na final do campeonato paulista do respectivo ano o jogo acaba em uma imensa confusão entre os jogadores;

Guerra de jogadores encerra a partida e título é corintiano. O Corinthians conquistou ontem o Campeonato Paulista de 1999 num jogo encerrado aos 30min do segundo tempo em virtude de uma pancadaria geral entre jogadores, reservas e membros da comissão técnica dos dois times. A confusão começou quando o corintiano Edílson começou a fazer malabarismo com a bola na beira do campo. Vendo o lance, o lateral palmeirense Júnior correu em sua direção e deu uma entrada forte no atacante, que não reagiu. Mas, em seguida, Paulo Nunes e Zinho e o restante dos palmeirenses foram para cima do corintiano, e aí começou a briga. Quando ela terminou, o juiz decretou o final do jogo, não deu nenhuma explicação e se retirou. Como o jogo estava 2 a 2, e o Corinthians havia vencido a

¹¹⁴ Jornal *Folha de São Paulo*, 07/01/1999, p.07.

primeira partida por 3 a 0, o time foi declarado campeão ainda em campo.¹¹⁵

É interessante se pensar que muitos jornais narraram o referido acontecimento apontando que, durante a briga entre os jogadores, os torcedores no estádio pareciam estar em frenesi, tamanha a comoção que tal resultado final de campeonato apresentou. Maffesoli (2000) apresenta a idéia que, em situações como essa, ocorre uma expressão profunda de emoção coletiva; tais emoções levam a uma efervescência absurda. Isso posto, o quadro que se forma sempre acaba sendo intenso e na maioria das vezes descontrolado.

Segundo Buford (1992) ocorre um movimento de sobreposição da paixão à ação racional, ocorre na imanência do próprio desejo uma vontade ímpar de potencia descontrolada, a partir do instante em que as pessoas deixam de se prender às causas externas e passam a se concentrar na causa total do que se passa dentro delas, através do aumento da própria potência interna, onde a liberdade torna-se “atividade que expande em relação ao presente”, liberdade aqui relacionada ao direito de agredir, de alimentar a própria violência. Tal resultado é metamórfico, partindo do ponto que as energias vitais que impulsionam tais ações sempre se apresentam circulantes na sociedade. A imprensa, nesse passo, aparece como um eficiente instrumento nesse processo. O efeito, segundo diversos autores, é de dentro para fora e de fora para dentro; isso acontece em velocidades rápidas e de maneira simultânea - teoria fácil de ser comprovada se o olhar estiver direcionado, por exemplo, para as partidas mais importantes que ocorrem no futebol e as diversas emoções geradas por elas.

Percebe-se claramente que a estética da barbárie, em se tratando do fenômeno futebol, é constituída gradativamente, passo a passo, matéria por matéria. Ocorre uma espécie de construção dos sistemas estruturados de saber;

¹¹⁵ *Jornal Estado de São Paulo*, 21/06/1999. p.05.

tais sistemas lidam o tempo todo com os artefatos simbólicos, bem como com as condições estabelecidas para a circulação da notícia e seu consumo. Não se pode dizer aqui que isso ocorre perante uma total passividade do receptor das mensagens; no entanto, as estruturas desenvolvidas relacionadas à construção e propagação da notícia criam certas estratégias técnicas que influenciam ativamente esses mesmos receptores.

4.3 Os processos normativos: linguagem jornalística e dinâmica da violência

A violência pode ser definida e analisada de várias maneiras e através de diversos ângulos; no entanto, segundo Michaud (1989), a violência sempre é associada ao imprevisível, à ausência de forma, ao desregramento absoluto. Tratando-se de violência, segundo o autor, tudo pode acontecer a qualquer momento¹¹⁶. Pensando na violência que ocorre em sociedade, pode-se observar que a mesma pode ser conceituada como um fenômeno que expressa uma imensa tensão entre a experiência e o mundo vivido, partindo de uma lógica atrelada a ações agressivas extremas, que podem ser justificadas¹¹⁷. É fato que a violência passa por processos contínuos de transformações formais e materiais; isso fica evidente nos diversos acontecimentos que acontecem em nossas sociedades. A violência está tão diluída no cotidiano das pessoas que estabelece e conforma hábitos, habilidades, disposições corporais, falas e sentimentos.

Temos nessa linha de raciocínio dois autores que tratam o tema de maneira interessante, Enzensberger (1995) apresenta a visão de que a violência é a justificativa da própria violência, ou seja, não se consegue se vislumbrar um

¹¹⁶ Essa idéia de Michaud em partes está correta, no entanto, em tempos globais de expansão das possibilidades de comunicação, muitas brigas são marcadas via internet, tirando certa dose de imprevisibilidade e apresentado certo 'organização intencional' se tratando da violência.

¹¹⁷ Justificada no sentido de pensá-la como um fenômeno cabível a análises, pois, a mesma não surge do nada, mais sim, é fruto de processos sociais.

projeto externo que a oriente. Ocorre uma ânsia de intenções de agressões vazias, que se apresentam despidas de qualquer ideal realmente significativa. Já Lipovestsky (1989) defende que ocorre um desligamento de qualquer projeto histórico, e a entrada em um processo em que a violência absorve seus próprios conteúdos. Seguindo essa idéia, Melo Rocha defende que;

A violência como vetor identitário não se presta exclusivamente à consecução de estratégias que permitem eleger e lidar com “novos bárbaros”. Ela situa um regime visual e social extremamente flexível, permeável às mais comutações, viral, obscuro. Como já notado, ela organiza sociabilidades e funda a legitimidade interna de grupos sociais, como no caso da criminalidade organizada. É ainda uma forma privilegiada de expressão e comunicação, notando-se o recurso a meios simbólicos para expressar a violência e agressividade.¹¹⁸

Ocorre uma movimentação compulsória da violência, uma espécie de aceleração do real; isso ocorre em uma velocidade absurda, acaba sugando tudo a sua volta, acaba impulsionando o aniquilamento dos entendimentos profundos e libertando a própria violência. Isso evidencia a violência como uma espécie de nova ordem social, moldando espaços e alimentando o tempo; tais acontecimentos acabam caracterizando a proliferação da violência nos centros urbanos, os quais se tornam múltiplos e instáveis. Nesse processo de ‘molecularização da violência’, a mídia aparece como um dos grandes responsáveis pela sua aceleração, bem como pela diluição da mesma nas diversas camadas da nossa sociedade. A linguagem jornalística empregada não só alimenta como dá o ritmo a esses processos, ritmo no sentido de normalizá-los. Melo Rocha (1997) defende que a percepção da violência dá-se igualmente através do acesso a dados ‘de segunda mão’ sobre a violência dita real, sem que, de fato, esta relação baseie-se necessariamente em algum princípio incisivo de veracidade ou na elaboração de um discurso detalhado da experiência. Tanto os

¹¹⁸ MELO ROCHA, 1997, p. 28.

discursos quanto os comportamentos se apresentam de maneira confusa, e isso deixa transparecer conflitos entre as ações. Tais ações criam confusões remissivas, como misturas lineares entre real e imaginário, fato e ficção, proximidade e afastamento e defesa e agressão. Tais argumentos são facilmente encontrados na intensa relação entre as torcidas organizadas de futebol e a imprensa. No futebol sempre ocorreu um interesse ímpar da imprensa pelo referido esporte, a relação de ambos como já mostrado anteriormente se apresentou complexa e contraditória. É fato que, em um país onde o futebol está presente na própria cultura, tudo que for vinculado e veiculado informacionalmente acabará tendo um impacto enorme. A mídia sempre pensou em estratégias de propagar as informações; no caso específico da violência, foi criada uma lógica comum, circular, irradiada por uma penetração ofensiva no próprio cotidiano das pessoas.

A imprensa estabelece uma lógica relativamente à organização da notícia, pois, no mundo chamado 'global', são necessárias tais ações, uma vez que não basta apenas nutrir o leitor - é necessário inseri-lo em uma 'grande rede'. Tanto os discursos quanto a percepção 'devem' absorver e dar continuidade às práticas de violência¹¹⁹, essa dinâmica normatizada segue a premissa estabelecida pelas intenções jornalísticas.

Segundo Melo Rocha (1997);

Tornar a 'violência pura' ficção pareceria, até poucos anos atrás, uma irreabilidade para as produções jornalísticas. Agora a violência assume-se como espetáculo, não mais como espetáculo do real, mas supondo a própria teatralização deste real, um real que já é profundamente

¹¹⁹ Cabe aqui relacionar a própria vontade e indiferença pela violência como uma ação violenta, pois são essas percepções desenvolvidas que estimulam e estetizam a própria violência; isso desencadeia processos de condução e aceleração da violência no cotidiano das pessoas. A Barbárie e a indiferença passam de algo anormal e irracional, a um fenômeno normal e racional, pois, existem esforços absurdos em se justificar a própria violência ou o ato violento em si.

performático, estetizado, vivenciado, ainda que de maneira angustiada, como uma grande fábula.¹²⁰

É justamente o anseio da vivência dessas fábulas que a imprensa desperta no torcedor. Nessas ‘fabulas’ ocorre a chamada potencialização do êxtase, a qual se concentra em preservar a coletividade dos pares, e manter as estruturas visíveis de sustentação das ‘paixões’. Segundo Maffessoli (1987), o corpo e sua representação ganham tamanha importância, que mais do que um instrumento de comunicação, ele passa a ser o próprio ato comunicacional instantâneo, em suas palavras;

O corpo e a sua celebração espetacular remetem à antiga negociação feita, quase-intencionalmente, com o tempo que passa. A acentuação da aparência, do aparecer, mostra que a existência não funciona (ou pouco) no projeto, mas que ela se esgotou na sua própria atualização. O espetáculo não tem outro sentido; à imagem do fogo de artifício, mostra que os atos humanos desaparecem no momento de seu brilho mais intenso.¹²¹

Tal necessidade de aparecer é facilmente identificável nas torcidas de futebol. Elas mesmas, por sinal, deixam claro que, em se tratando de potencializar suas ‘aparências’, tudo será feito, desde consumos exagerados de artefatos simbólicos, a artefatos informacionais como jornais especializados, revistas, como a própria incorporação de determinadas normas e padrões sociais. Maffessoli versa que ocorrem nas pessoas o que ele denomina de ‘efervescência dionisíaca’, cujo único intuito, nos processos de crueldade ou ternura, é criar uma organização relacionada à manutenção da permanência do todo, nem que isso represente o esgotamento do próprio ato. Tal autor defende que, em momentos de festa, representa uma espécie de regeneração da estrutura social, ou seja, em dias de grandes jogos, determinados acontecimentos promovem a

¹²⁰ MELO ROCHA, 1997, p. 35.

¹²¹ MAFFESOLI, 1987, p. 100.

manutenção das ações e questões simbólicas pertencentes ao meio futebolístico. Nessa perspectiva, observa-se que, se tais elementos não forem mantidos, a própria magnitude da ‘festa’ futebol correria o risco de perder seus intensos significados - daí uma possível relação da imprensa com a manutenção da intensidade de emoções presentes no futebol. Elucidando tal raciocínio segue a presente matéria;

Festa coletiva acabou. O suposto cartão vermelho levado pelas torcidas organizadas fez diminuir a violência nos estádios. É verdade. Mas junto com a violência uma boa parte, talvez a melhor, da alegria e do espetáculo também foram embora. Um estádio inteiro sem sequer uma bandeira tremulando é o que há de mais anticlímax. A entrada dos jogadores em campo, que antes era um grandioso espetáculo coletivo de imagens, com coros, coreografias, papel picado e fogos de artifício multicoloridos, virou uma minguada e nada fotogênica recepção com gritos dispersos e desconectados. O que era uma festa coletiva, com todos os rituais que atribuem ao torcedor uma identidade de grupo, passou a ser uma egotrip. Muitos agora se desprendem da massa para torcerem solitários nos muitos clarões das arquibancadas. Desprovido de seus ritos coletivos, sem bandeiras e fogos, o torcedor de agora tenta resolver a questão, e a tensão, no grito. A única forma de manifestação possível. É preciso rasgar a garganta para enxotar todo o mal que o adversário e a repressão representam.¹²²

O paradoxo de tal matéria se concentra no fato da imprensa delegar às torcidas organizadas ao mesmo tempo a culpa pela violência, como a importância dentro do espetáculo futebol. Pensando compenetradamente, tais ações e intenções pela imprensa se completam, pois fica evidente através dos mecanismos de confecção de suas matérias que essas duas implicações se mostram presentes e necessárias para que a própria imprensa tenha poder de

¹²² Jornal *Folha de São Paulo*, 02/06/1997, p. 04.

circulação e inserção no cotidiano das pessoas. Maffesoli (2000) aponta que existe sempre uma espécie de ‘harmonia na tensão’, pois, segundo ele, o consenso só ocorre através da conservação das contradições.

Essas contradições, por sua vez, aparecem como fatores de legitimação da paixão e ódio presentes nos torcedores, os quais, ao incorporarem a imprensa e suas dinâmicas dentro das esferas sociais¹²³, acabam desenvolvendo uma relação simultânea de interesses para com a própria imprensa, pois, segundo Melo Rocha (1997), quando o torcedor percebe a possibilidade do registro de sua ação, ele encara a imprensa como uma espécie de passaporte para sua notoriedade instantânea. Ou seja, em muitos casos, a imprensa passa a ser o principal atrativo regulador do estímulo a ser empregado. Por outro lado, a partir do momento em que a imprensa percebe esse interesse ela passa a alimentar o desejo no torcedor¹²⁴ de cada vez mais ser parte vital do espetáculo futebol, quer seja de maneira festiva, quer seja de maneira violenta. Nesse passo, segundo uma idéia de Baudrillard (1992), surge o que ele chama de ‘cristalização mortífera da indiferença’; tal autor desenvolve essa idéia pensando sobre os modelos de ações que orientam a movimentação e a percepção de episódios de violência coletiva, uma espécie de implosão da ausência de ação.

Nessa linha de pensamento, Melo Rocha (1997) versa que;

A embriaguez da potência leva à ultrapassagem dos limites do corpo e da sociabilidade. Os corpos tornam-se eles mesmos ‘máquinas de guerra’. A competição ou o desejo de vencê-la convertem-se em desejo de destruição pura e simples, neste combate do qual se pode

¹²³ Aqui relacionadas às representações sociais.

¹²⁴ Tais ações são abordadas em quase toda a referente pesquisa, pois a idéia é realmente compreender a relação da imprensa com a violência dentro do futebol, bem como as técnicas utilizadas por ela, as quais são responsáveis pela informação dos acontecimentos pertencentes ao referido esporte.

sair destroçado. Destruir é mais que vencer, é objetivada uma movimentação autofágica.¹²⁵

Muito disso ficou registrado no violento episódio do dia 20 de agosto de 1995 no Pacaembu. Esse acontecimento possibilita o desenvolvimento de uma síntese de tudo que foi discutido até agora, pois a verdadeira batalha campal serviu para mostrar os quadros sociais pertencentes às sociedades contemporâneas de que tanto falam as diversas teorias que discutem a violência e a mídia. O futebol naquele momento deixou transparecer as implicações pertinentes de uma sociedade regida por uma cultura da violência, cultura a qual é alimentada e manipulada pela mídia. Tal afirmação parte do raciocínio sobre como a própria mídia conduziu a ‘exposição’ do acontecimento. Tanto a imprensa televisiva, quanto a imprensa escrita, exercitaram suas técnicas e estratégias ao máximo durante o referente episódio. Segundo Melo Rocha (1997), o ‘show de bola’ virou um espetáculo de violência, naquela partida sem vitória e sem prêmio, a não ser o presente total, a emoção de correr e agredir, correr e se defender, que se expandia por todo o campo e deixou claro que não existia naquele momento risco ou limite. Existia uma alimentação descontrolada da barbárie, uma explosão de sensações racionalmente selvagens, as quais, para deleite da imprensa, estavam sendo registradas detalhadamente.

¹²⁵ MELO ROCHA (1997), p. 234.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea tem como uma das suas características mais visíveis as infindas possibilidades quanto à informação em larga escala; a chamada globalização ganha força, sem sombra de dúvidas, pelo auxílio contínuo e interminável da mídia. O poder da comunicação é tamanho, que não é redundância afirmar que sua ação molda as ações intersubjetivas e intragrupo. As representações sociais são influenciadas pelos meios de comunicação de massa, as percepções, bem como a inteligibilidade, fazem parte de estruturas conectadas; processos formativos atrelados a entendimentos circulam como informações aceleradas, e isso dá forma à nossa sociedade informatizada. As massas dialogam freneticamente com a mídia, interagem simultaneamente com ela, num jogo de tensão constante. Os fatos são fabricados e noticiados muitas vezes antes de existirem e ocorre uma produção jornalística que visa atender a um fetiche de mercadoria.

Baudrillard (1985) diz que, talvez sabendo dos anseios das massas em relação a fatos intensos e espetaculares, os meios de comunicação agiram e agem sobre égides de sensacionalismos. É fato que existe uma resistência das massas a uma comunicação racional, pois quase sempre optam por intenções atreladas ao 'espetáculo'. Nesse passo, percebe-se que as massas querem os signos, pois idolatram os jogos de signos e de estereótipos, idolatram todos os conteúdos desde que eles se transformem em seqüências espetaculares. Nesse sentido, o autor aponta ser a informação uma espécie de mercadoria, e, sendo assim, ele diz ser necessário produzir consumidores e produzir o sentido do que será consumido. Quando o assunto em questão são fatos violentos, a produção dos entendimentos trilha em linhas tênues e agravantes. Isso gera um processo de legitimação da própria violência. Legitimação a qual é construída pelos meios de comunicação através de processos de sedução. Baudrillard (1992) aponta que entre nós e o mundo estão esses meios tecnológicos de comunicação, ou seja, de

simulação, os quais não nos informam sobre o mundo; eles o refazem à sua maneira, “hiper-realizando-o”, transformando-o num espetáculo.

Costa (2002), acompanhando esse raciocínio, diz que;

Trata-se de uma condição inerente à produção da notícia em função das condições industriais da produção jornalística e do fato dela buscar naturalmente a sensacionalização dos acontecimentos sociais. O conteúdo exploratório do espetacular enquanto elemento constitutivo da notícia se conforma às formas de produção que propiciam a fragmentação, desmontagem, aceleração do processo de produção e consumo de informações, favorecendo, no seu conjunto, a distorção, o falseamento da realidade, a exposição cindida de fatos simplificados.¹²⁶

Essa aparente simplificação do fato real e a exploração e distorção da informação que chega abundantemente ao leitor-espectador geram um entendimento muitas vezes débil, haja vista os acontecimentos que ocorrem pós-notícias espetaculares. No caso do futebol em específico isso é muito perigoso, pois tal esporte já carrega dentro de si a possibilidade de pulsão e impulsão¹²⁷.

A violência hoje se apresenta, segundo Melo Rocha (1997), de maneira polissêmica, e é difundida aceleradamente; como uma espécie de moeda de troca na vida cotidiana, condensa-se nas diversas camadas sociais; de maneira contínua, é organizada por ‘novas’ maneiras de visibilidade, uma espécie de violência pela violência. Isso, segundo a autora, leva a uma estetização da própria violência.

A violência assume uma forma flexível e metamórfica, pois, ela passa a ser de certa forma atemporal, não tendo um antes ou um pós, ela acontece de maneira contínua e no meio; às vezes a própria violência surge pelo simples fato

¹²⁶ COSTA, 2002, p. 06.

¹²⁷ O referente trabalho desejou deixar claro que sempre a violência esteve presente dentro do futebol, não como fator simplesmente natural, mas, sim, em muitos momentos, como fator condicionado.

de se querer ‘evitar’ a mesma. Ocorre uma ambigüidade sistemática e continuada nos meios de comunicação de massa e isso gera uma dessacralização do saber, e, conseqüentemente, uma mercantilização dos bens simbólicos. Tais ações desencadeiam bipolaridades, como por exemplo, autoconsciência e massificação, e esses elementos acabam colaborando para que ocorra uma disseminação cultural danificada.

Seguindo essa idéia, Costa (2002) diz que;

Na produção jornalística, o sensacionalismo define-se apenas pela absolutização do conteúdo das mensagens quando a narrativa manifesta a transgressão do senso determinante da normalidade dos fatos, evidenciando um detalhe, uma anomalia e uma curiosidade que despertem imediatamente o interesse dos receptores.¹²⁸

Segundo Pimenta (1995), o futebol aparece como um fator facilitador a respeito da identificação de grupos; isso, alicerçado por sua capacidade de tensão, pulsação e impulsão, evidencia o mesmo como um excelente instrumento a ser utilizado pela imprensa no sentido da aplicação de certas lógicas jornalísticas visando o consumo.

Lipovetsky (1989) aponta que a sociedade passa por uma época na qual, segundo ele, ocorre uma ‘personalização’, ou seja, o indivíduo acaba se tornando o fim último, sem sensibilidade ao outro, outro que passa a ser para ele indiferente. Isso acaba gerando uma subjetividade sem finalidade ou sentido, somente o que importa é a entrega radical à vertigem e à auto-sedução. No caso do torcedor, seu grupo representa esse todo vertiginoso e sua causa é a propagação de seus rápidos e rasos ideais de grupo. Essa personalização de que fala Lipovetsky esbarra na necessidade de estimulação sensorial, fato esse percebido claramente pela imprensa, pois a mesma, em seus intermináveis

¹²⁸ COSTA, 2002, p. 136.

‘jogos de palavras’, nada mais faz do que estimular as pessoas - no caso do futebol, o torcedor.

Enzensberger (1995) aponta novos padrões de violência que se evidenciam através de explosões orgiásticas de agressões gratuitas em que ocorrem vontades descontroladas de extravasar o ódio a qualquer custo. Tal idéia se materializa facilmente nos conflitos que ocorreram e ocorrem no futebol.

Canetti (1995) diz que existe um conflito no indivíduo e que, ao mesmo tempo em que ele se assenta em distâncias e hierarquias, sente a necessidade de libertar-se, e para tal o que lhe resta é dissolver-se na massa, onde o que reina é a liberdade e o momento mais buscado é o da descarga, do conflito, da destruição.

Esses autores apontam traços característicos das sociedades atuais, mostrando como as mesmas são regidas por dinâmicas violentas e conflitantes em seus processos cotidianos. A mídia não se posiciona a parte disso, de fora, apenas observando; pelo contrário, ela atua como um eficaz instrumento de aceleração desses mesmos processos, dando forma e ritmo, construindo e desconstruindo entendimentos. Um exemplo claro para se entender essa afirmação baseia-se em uma idéia de Costa (2002) de que o valor de troca da mercadoria se relaciona com a capacidade motivacional de criar necessidades e de certa forma possibilitar o desejo de consumo. Como o consumo está presente nas sociedades, as quais alimentam uma cultura da violência, fica fácil de entender que os desejos gerados se dão através das vias informacionais, vias as quais circulam livremente e abundantemente, entranhando-se em toda a sociedade, de maneira, segundo Baudrillard (1992), ‘viral’.

No caso específico da violência no futebol, os ‘sintomas do vírus’ são visíveis e ocorrem quase que a cada grande clássico, ou final de campeonato, e mesmo em jogos sem tanta importância. Partindo da idéia de Maffesoli (1987) de que tanto as reuniões quanto as revoltas, ambas presentes em grandes festas,

possibilitam o aparecimento da massa, bem como de suas ‘funções sagradas’ de reconstruir uma comunidade - ou seja, que só existe harmonia no conflito; a loucura, o excesso, a violência, bem como suas encenações ritualísticas, servem na realidade para preservar determinadas estruturas sociais, e é justamente essa ‘idéia de preservação’ que a imprensa tenta alimentar.

Costa (2002), nessa linha, diz que;

Na sociedade em que tudo flui como informação, nos diferentes meios e possibilidades comunicativas, os agentes são indeterminados, impessoais. Em tal processo, os elementos qualitativos da mensagem dobram-se aos efeitos sensoriais. Trata-se de pensar a cultura como manifestação do espetáculo.¹²⁹

Essa idéia do referente autor elucidada o argumento de que tanto a cultura midiática quanto a cultura futebolística dialogam concomitantemente visando desenvolver espécies de parâmetros através dos quais o entendimento da informação pelo leitor fique de certa forma engessado, direcionado, e quase sempre seguindo determinadas tendências. A lógica criada atrela-se, segundo Costa (2002) a mediações tecnológicas que artificialmente interferem nas relações sociais, inclusive nas escalas relacionadas às necessidades humanas, bem como, na formação das sensibilidades referentes aos fatos noticiosos.

Seguindo uma idéia de Buford (1992) de que as coragens coletivas só precisam de certa pitada de estímulo para aparecerem, e que junto dessa coragem a violência se espalha pela multidão, o fator imprensa - como mediadora da informação ganha muita relevância. Esse autor versa que em muitos momentos a paixão pelo time é substituída pela paixão pela violência, ocorre uma espécie de vontade em ‘saltar de um penhasco’.

¹²⁹ COSTA, 2002, p. 173.

Pegando essa idéia de Buford (1992) e aproximando-a da argumentação de Daolio (2003) de que o futebol é com certeza um fenômeno social, e que através do mesmo é possível entender e analisar a sociedade brasileira (pois o mesmo faz parte imbricada da própria cultura brasileira), fica fácil de se compreender o poder exercido pela mídia quanto à expansão informativa relacionada ao referente esporte¹³⁰.

Segundo Daolio (2003);

As emoções que o torcedor vive num estádio de futebol podem ser associadas aquelas que ele vive na vida cotidiana. Para os torcedores, o time perder de goleada é uma vivência de humilhação; o momento do gol pode ser associado ao gozo, ao sentimento de prazer; quando o goleiro toma um ‘frango’, o torcedor sente vergonha; quando um gol é marcado aos 46 minutos do segundo tempo faz o torcedor acreditar em Deus e reavivar o sentimento religioso; ganhar de virada tem o sabor de vingança, o torcedor sente ódio do juiz quando é atribuída a ele a derrota do seu time.¹³¹

Se o futebol permite ao torcedor vivenciar emoções associadas à sua vida cotidiana em proporções intensas e explosivas, incentivar determinadas emoções¹³² racionalmente é altamente perigoso e com certeza os resultados sempre se apresentam conflitantes. Da Matta (1982), nessa linha de raciocínio, aponta que o futebol é um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira, constituindo-se num modo específico de expressão da respectiva sociedade. Daolio (2003) diz que o futebol na sociedade brasileira está inserido

¹³⁰ Expansão aqui relacionada à diluição da informação em larga escala, bem como sua reprodução e conseqüências.

¹³¹ DAOLIO, 2003, p. 185.

¹³² Aqui refere-se a emoções ligadas à violência.

efetivamente no cotidiano da vida do brasileiro, sendo assim, é impossível não vê-lo, ouvi-lo ou saber sobre ele.

Referente a esse raciocínio, o autor tem um excelente argumento;

O futebol é como uma música conhecida, que não se cansa de ouvir, pois a mesma desperta determinadas emoções; o futebol, exercitado coletivamente, remete-se ao campo da subjetividade dos sentimentos. Isso talvez explique a ‘febre’ dos torcedores, que, semana após semana e durante toda a vida, acompanham os jogos do seu time. O mesmo jogo sempre e sempre um jogo diferente¹³³.

Sabedora de tais manifestações sociais e emocionais atreladas ao futebol, a imprensa esportiva aproveita-se disso, criando e recriando constantemente técnicas e estratégias concernentes às informações inerentes ao futebol. Quando o assunto é a violência presente no futebol¹³⁴, observou-se que a circulação das informações através de matérias jornalísticas adota determinadas tendências relacionadas à potencialização dos respectivos acontecimentos ou fatos. O componente identificador da estética da barbárie mostrou-se não se esgotar simplesmente na propensão da mídia a espetacularizar os fatos transformando-os em notícias sensacionalistas, adotando para isso a exposição do curioso, do mórbido, do extraordinário. A concepção real adotada relacionada à estética da barbárie deve ser pensada no sentido da relação direta entre conteúdo e forma, que condiciona a exposição e a própria apropriação das mercadorias simbólicas. Isso posto, fica fácil o entendimento de que a imprensa, ao ‘informar’ sobre os fatos noticiosos relacionados ao futebol, utiliza dessas lógicas mercadológicas

¹³³ DAOLIO, 2003, p. 188.

¹³⁴ Discussão essa proposta na referente pesquisa.

para circular as informações em larga escala, independente se isso provocará mais violência no meio futebolístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo, editora Paz e Terra, 2002.

BAUDRILLARD, J. **À sombra das maiorias silenciosas. O fim do social e o surgimento das massas**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

_____ **A transparência do mal. Ensaio sobre fenômenos extremos**. Campinas, Papirus, 1992.

BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo? Questões de sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

_____ **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

BUFORD, Bill. **Entre Vândalos – a multidão e a sedução da violência**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial. Memória do futebol brasileiro**. São Paulo, Ibrasa, 1990.

CANETTI, Elias. **Massa e Poder**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

CLASTRES, Pierre. **“Arqueologia da Violência”**. São Paulo, Brasiliense, 1982.

COMUNICAÇÃO E ESPORTES – TENDÊNCIA / organizadores José Carlos Marques, Vera Regina Toledo Camargo. Santa Maria, Editora Pallotti, 2005.

CORBISIER, **“Raízes da Violência”**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1991.

COSTA, Belarmino César Guimarães da. **Estética da violência, jornalismo e produção de sentidos** – Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

DA MATTA, R. **Esporte e sociedade. Um ensaio sobre o futebol brasileiro.** In Da Matta (orgs.) Universo do Futebol. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e Identidade Social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes.** Porto Alegre. Ed. Da UFRGS, 2002.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e Futebol.** Campinas, Editora Unicamp, 2003.

_____ **Futebol, Cultura e Sociedade** – Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

ELIAS, Nobert & DUNNING, E. **A busca da excitação.** Lisboa, Difel, 1992.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **“Guerra Civil”.** São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método. Esboço de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento.** Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro.** Editora: Civilização Brasileira S/A. Rio de Janeiro, 1964.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização.** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra,** Porto Alegre, L&PM, 1995.

GONÇALVES, Maria Augusta S. **Sentir, Pensar e Agir, Corporeidade e Educação.** Campinas, Papirus, 1994.

História da Cidade de São Paulo, **v.3 a cidade na primeira metade do Século XX** / organização Paula Porta. – São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens,** São Paulo, Editora Perspectiva, 2004

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das Tradições.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

_____. **Sobre História**, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

KUNCZIK, M. **Conceitos de Jornalismo, Manual de Comunicação**. – SP, Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa, Relógio D' água, 1989.

LYOTARD, J. F. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro, José Olimpo, 1993.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo, Vértica, 1987.

_____. **O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000.

_____. **A sombra de Dionísio**. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

_____. **No fundo das Aparências**. Petrópolis, Vozes, 1994.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A produção social da loucura**. São Paulo, USP, 1989.

_____. **Comunicação & Jornalismo – a saga dos cães perdidos**. São Paulo. Hacker, 2000.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo, Educ / Fapesp, 2003.

MAZZONI, Thomaz. **História do Futebol no Brasil – 1894 – 1950**. São Paulo. Edições Leia, 1950.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no Século XX. O espírito do tempo**. Rio de Janeiro, Forense – Universitária, 1977.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo, Ática, 1989.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo, Perspectiva, 1993.

SANTOS NETO, J. M. dos. **Visão de Jogo, primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo, Cosac&Naify, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na Metrópole**, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

_____ **“Futebol, metrópoles e desatinos”** in Dossiê Futebol, Revista USP, n.22. São Paulo, 1994.

Teses e Dissertações pesquisadas

CAVALCANTI, Zartu Giglio. **Identidade Coletiva de Torcidas de Futebol na Cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado apresentada no Departamento de Psicologia Social apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

DA SILVA, Elisabeth Murilo. **As “Torcidas organizadas de futebol”; Violência e Espetáculo nos Estádios**. Dissertação de mestrado apresentada no Departamento de Ciências Sociais (Antropologia), apresentada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1996.

FERREIRA ANTUNES, Fátima M. R. **Futebol de Fabrica em São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1992.

GUTERMAN, Marcos. **O Futebol Explica o Mundo: O caso da Copa de 1970**. Dissertação de Mestrado apresentado ao Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

LUCCAS, Alexandre Nicolau. **Futebol e Torcida, um estudo psicanalítico sobre o vínculo social**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

MELO ROCHA, Rosamaria Luiza de. **Estética da Violência: por uma arqueologia dos vestígios**. Tese de Doutorado apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1997.

NEGREIROS, Plínio J. L. C. **A nação entra em campo, Futebol nos anos 30 e 40.** Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

PIMENTA, Carlos A. M. **Futebol e Violência entre “torcidas organizadas”;** **A busca da Identidade através da violência.** Dissertação de Mestrado, apresentada em Ciências Sociais (Sociologia) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995.

SANTOS, T.C. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol.** Dissertação de mestrado, apresentada à Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 1998.

Fontes / Jornais:

Gazeta Esportiva;
Folha de São Paulo;
Estado de São Paulo.

Vídeos Pesquisados

Boleiros, **Era uma vez o futebol...**, Brasil, SP Filmes, 1997.

Diálogos Impertinentes. **Futebol**. Brasil, TVPUC, 2003.

Seminário MetrÓpole, Cultura e Violência em São Paulo, **Futebol e Arte**. Brasil, Videoteca PUCSP, 1997.

Seminário MetrÓpole, Cultura e Violência em São Paulo. **Futebol, Torcidas e Polêmicas**. Brasil, Videoteca PUCSP, 1997.

Seminário, “Esporte, Teorias, Paixão e Risco”. **Legislação Esportiva**, Brasil, Videoteca PUCSP, 2000.